

Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Janeiro 2013

Volume 7 | Número 1



Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Janeiro 2013
Volume 7 | Número 1



CGC 00.038.166/0001-05

Boletim Regional do Banco Central do Brasil	Brasília	v. 7	n. 1	jan.	2013	p. 1-107
---	----------	------	------	------	------	----------

Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico.

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*e-mail*: depec@bcb.gov.br) nomeados a seguir.

Região Norte – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belém (*e-mail*: pa.depec@bcb.gov.br)

Região Nordeste – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Fortaleza (*e-mail*: ce.depec@bcb.gov.br)
Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Recife (*e-mail*: pe.depec@bcb.gov.br)
Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Salvador (*e-mail*: ba.depec@bcb.gov.br)

Região Centro-Oeste – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br)

Região Sudeste – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br)
Gerência-Técnica de Estudos Econômicos no Rio de Janeiro (*e-mail*: rj.depec@bcb.gov.br)
Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo (*e-mail*: sp.depec@bcb.gov.br)

Região Sul – Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Curitiba (*e-mail*: pr.depec@bcb.gov.br)
Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Porto Alegre (*e-mail*: rs.depec@bcb.gov.br)

Informações sobre o Boletim

Telefone: (61) 3414-1022

Fax: (61) 3414-2036

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional do Banco Central do Brasil, v. 7, n. 1.

Controle Geral de Publicações

Banco Central do Brasil
Comun/Dipiv/Coivi
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 14º andar
Caixa Postal 8.670
70074-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3414-3710 e 3414-3565
Fax: (61) 3414-1898
E-mail: editor@bcb.gov.br

Convenções estatísticas

- ... dados desconhecidos.
 - dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
- 0 ou 0,0 menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
- * dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (2004-2006) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.

A barra (/) utilizada entre anos (2004/2006) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

Divisão de Atendimento ao Cidadão

Banco Central do Brasil
Deati/Diate
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo
70074-900 Brasília – DF
DDG: 0800 9792345
Fax: (61) 3414-2553
Internet: <<http://www.bcb.gov.br/?FALECONOSCO>>

Sumário

Apresentação	5
Sumário executivo	7
Região Norte	9
Região Nordeste	15
Bahia _____	21
Ceará _____	27
Pernambuco _____	31
Região Centro-Oeste	35
Região Sudeste	41
Minas Gerais _____	45
Rio de Janeiro _____	51
São Paulo _____	55
Região Sul	61
Paraná _____	69
Rio Grande do Sul _____	75
Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais	83
Boxes	
Evolução Regional do Mercado de Trabalho no Brasil: uma abordagem pelos fluxos da População Economicamente Ativa e dos desocupados _____	87
Taxa de Poupança Familiar: uma análise regional _____	91
Economia Mineira: estrutura produtiva e desempenho recente _____	94
Apêndice	101

Apresentação

O Boletim Regional do Banco Central do Brasil é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e por alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da Autoridade Monetária sobre os diferentes entes da Federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do Boletim Regional buscam oferecer à sociedade – em particular, a gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da Instituição.

O Boletim Regional analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões em que existe mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem

os órgãos e os institutos de âmbito nacional, destacadamente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes da administração direta. Em alguns casos, foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central do Brasil (Depec).

Sumário executivo

A economia brasileira cresceu 0,6% no terceiro trimestre de 2012, em relação ao trimestre anterior, considerada a série dessazonalizada do Produto Interno Bruto (PIB), divulgada pelo IBGE. Esse resultado, conforme discutido no Relatório de Inflação de dezembro de 2012, sugeria a continuidade do processo de recuperação econômica, sustentado, em especial, pelo maior dinamismo dos segmentos agrícolas e industrial.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) cresceu 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando variou 1,5%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados. Essa evolução decorreu de moderação da atividade em todas as regiões, ressaltando-se as inversões nas taxas de crescimento dos indicadores relativos ao Sul, de 3,8% para -0,8%, Sudeste, de 0,9% para -0,2%; e do Centro-Oeste, de 0,4% para -0,7%.

A atividade econômica na região Norte registrou moderação no trimestre encerrado em novembro, ressaltando-se os desempenhos favoráveis da indústria – com ênfase na expansão de 2,5% na indústria paraense, impulsionada pela atividade extrativa, da agricultura e dos indicadores de crédito, e os arrefecimentos observados na geração de empregos e no comércio internacional. Nesse cenário, o Índice de Atividade Econômica Regional – Região Norte (IBCR-N) aumentou 0,1% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando se elevava 0,7% na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador variou 1,3% em novembro, comparativamente a igual período do ano anterior.

A economia da região Nordeste manteve dinamismo mais acentuado do que o registrado em âmbito nacional. Nesse contexto, considerados dados dessazonalizados, os PIBs Bahia, de Pernambuco e do Ceará registraram aumentos respectivos de 0,2%, 1% e 3,2%, no trimestre encerrado em

setembro, em relação ao finalizado em junho, quando haviam variado, na ordem, 0,8%, 1% e -0,8%. Ainda de acordo com dados dessazonalizados, o IBCR-NE, evidenciando os resultados favoráveis no setor de serviços e, em oposição, o decréscimo da produção industrial, cresceu 1,2% no trimestre terminado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 1,3%, no mesmo tipo de análise.

No Centro-Oeste, as vendas do comércio ampliado, traduzindo o desempenho negativo da atividade no Distrito Federal, recuaram no trimestre encerrado em novembro, contrastando com a recuperação da indústria de transformação, incentivada pelo aumento da produção de medicamentos. Nesse ambiente, o IBCR-CO decresceu 0,7% em relação ao trimestre encerrado em agosto, quando havia aumentado 0,4%, na mesma base de comparação. Considerados intervalos de doze meses, a atividade econômica na região expandiu 2,2% em novembro, em relação ao período correspondente de 2011, ante crescimento de 2,8% em agosto, situando-se em patamar 1,1 p.p. superior ao do indicador nacional.

A evolução da economia da região Sudeste, interrompendo tendência de crescimento iniciada em maio, foi sensibilizada pelo impacto do desempenho desfavorável do comércio ampliado, notadamente do setor automobilístico, neutralizado, em parte, pela expansão da indústria, sustentada pelas trajetórias da massa salarial e do crédito às famílias. Nesse contexto, o IBCR-SE recuou 0,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando aumentara 0,9%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 1,1% em novembro, ante 1,3% em agosto.

O desempenho negativo da indústria – a atividade recuou 1,3%, na margem, no trimestre encerrado em novembro – refletiu-se na trajetória recente da economia da região Sul. Nesse contexto, embora ocorressem resultados positivos no comércio e no mercado de trabalho, e sustentação das operações de crédito, o IBCR-S recuou 0,8% em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 3,8%, na mesma base de comparação, considerando dados dessazonalizados. O indicador registrou aumento de 0,6% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2011, ante 0,7% em agosto.

Gráfico 1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Norte



Gráfico 1.2 – Comércio varejista – Norte



Fonte: IBGE

Gráfico 1.3 – Índice de volume de vendas no varejo



Fonte: IBGE

A atividade econômica na região Norte apresentou moderação no trimestre encerrado em novembro último, com o IBCR-N registrando alta de 0,1% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando se elevara 0,7% na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados. Ao desempenho favorável da indústria e da agricultura, bem como à evolução positiva do crédito, contrapõe-se arrefecimento na geração de empregos e no comércio internacional. Com o resultado de novembro, o IBCR-N variou 1,3% em doze meses, comparativamente a igual período do ano anterior.

As vendas do comércio varejista mantiveram-se estáveis no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam crescido 1,1%, nos mesmos termos de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Houve recuo nas vendas nos estados de maior peso no comércio regional, Amazonas e Pará, de 2,2% e 0,3%, respectivamente, compensadas por expansões de 6,3%, em Tocantins, e de 3,5%, em Roraima. O comércio varejista no conceito ampliado, que inclui as vendas de automóveis e motocicletas e de materiais de construção, recuou 0,8% no período, ante elevação de 4,1% no trimestre findo em agosto.

Em doze meses até novembro, as vendas no varejo cresceram 9,7% (8,6% no caso do comércio ampliado), em relação a igual período de 2011, ante alta de 9% observada em agosto na mesma base de comparação, destacando-se os aumentos respectivos de 27% e de 17,8% nos resultados de Roraima e de Tocantins.

A produção industrial da região aumentou 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando avançara 0,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE. A indústria de transformação cresceu 0,7%, e a extrativa avançou 2,1%, no período.

Tabela 1.1 – Produção industrial – Amazonas

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,4	0,3	-6,4
Indústria extrativa	2,1	1,3	1,3	-1,3
Indústria de transformação	97,9	2,2	-0,1	-6,5
Material eletrônico	26,5	-0,5	2,0	-6,8
Alimentos e bebidas	20,0	14,8	-3,8	4,4
Equipamentos transporte	15,5	-13,3	-3,7	-19,7
Produtos metálicos				
Máquinas e equipamentos	7,8	44,3	0,7	-9,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 1.2 – Produção industrial – Pará

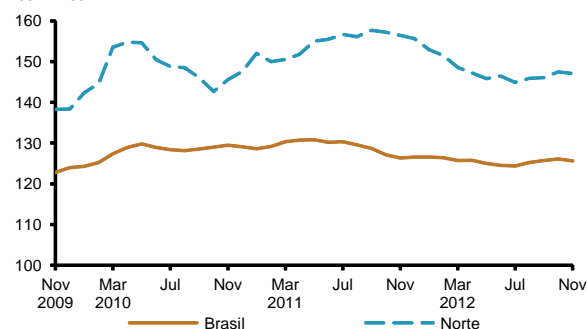
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-4,1	2,5	-0,3
Indústria extrativa	50,8	-1,0	1,9	-2,0
Indústria de transformação	49,2	-3,7	0,0	1,3
Metalurgia básica	25,0	-7,1	2,1	-0,1
Alimentos e bebidas	9,3	7,8	-0,5	10,6
Celulose e papel	4,4	2,7	-1,5	-0,7
Minerais não metálicos	4,5	-8,2	1,7	5,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

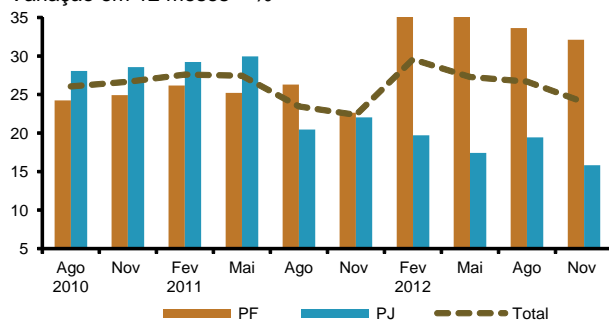
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 1.4 – Produção industrial – NorteDados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

Fonte: IBGE

Gráfico 1.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Norte^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

A atividade da indústria de transformação do Amazonas registrou no trimestre ligeiro recuo, 0,1%, concentrado nas atividades alimentos e bebidas (3,8%) e equipamentos de transportes (3,7%), que detiveram, no período, participação conjunta de 35,5% na indústria do estado. Entre os setores com expansão, destacaram-se refino de petróleo e álcool, 62,9%; equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, 9,0%; e material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 2%.

A produção da indústria paraense cresceu 2,5% no trimestre, refletindo o aumento na atividade extrativa, que responde por 50,8% da produção industrial no estado.

Em doze meses, a atividade da indústria da região registrou recuo de 4,4% em novembro, em relação a igual intervalo de 2011, com variação de -1,9% na produção da indústria extrativa e de -5% na produção da indústria de transformação. A maior parte dos segmentos apresentou contração, com destaque para equipamentos de transporte, 19,7%; refino de petróleo e álcool, 14,3%; e máquinas e equipamentos, 9,2%; em oposição ao aumento de produção de produtos químicos, 11,2%; minerais não metálicos, 5,9%, e alimentos e bebidas, 5,5%.

As vendas da indústria amazonense aumentaram 0,1% no período de doze meses encerrado em novembro (ante 6,6% em agosto), em relação a igual período de 2011, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam). Assinale-se a estabilidade no Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria de transformação estadual que atingiu 81,1% em novembro, ante 81,2% em agosto, após alcançar 82,7% em novembro de 2011.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na região totalizaram R\$86,9 bilhões em novembro, elevação de 4,2% no trimestre e de 16,6% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas atingiram R\$47,7 bilhões, aumentando 3% e 17,2% nas bases de comparação mencionadas, com destaque para as modalidades de crédito pessoal consignado, financiamento de veículos automotores e financiamento habitacional. No segmento de pessoas jurídicas, o saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$39,2 bilhões, elevando-se 5,6% no trimestre e 15,8% em doze meses, com ênfase na expansão das operações de capital de giro.

A taxa de inadimplência das operações de crédito deslocou-se para 4,4% em novembro, de 5,1% em agosto,

Tabela 1.3 – Produção agrícola – Norte

Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas		
	Produção		Varição %
	2011	2012 ^{1/}	2012/2011
Grãos	4 316	4 676	8,3
Arroz (em casca)	986	819	-16,9
Milho	1 347	1 619	20,2
Soja	1 862	2 125	14,1
Outras lavouras			
Mandioca	7 575	7 780	2,7
Banana	828	798	-3,6
Abacaxi	316	355	12,4

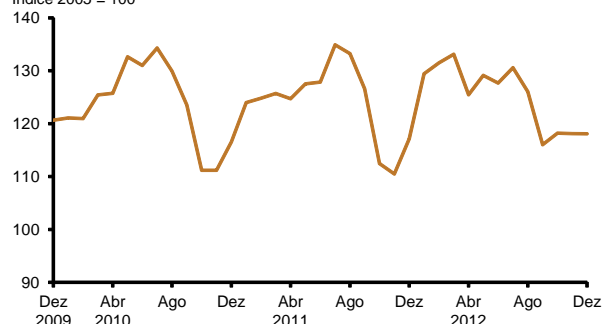
Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Gráfico 1.6 – Abate de bovinos – Norte

Média móvel trimestral

Índice 2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 1.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Norte		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	20 861	17 693	-15,2	-5,3
Básicos	15 794	13 198	-16,4	-7,4
Industrializados	5 068	4 495	-11,3	-3,3
Semimanufaturados	2 216	1 809	-18,3	-8,3
Manufaturados ^{1/}	2 852	2 686	-5,8	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 1.5 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Norte		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	14 701	15 701	6,8	-1,4
Bens de capital	3 569	4 100	14,9	1,5
Matérias-primas	5 894	6 208	5,3	-2,2
Bens de consumo	4 414	4 553	3,2	-1,8
Duráveis	4 109	4 208	2,4	-7,8
Não duráveis	306	346	13,0	7,2
Combustíveis e lubrificantes	824	839	1,8	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

reflexo de retrações de 0,2 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 1,4% p.p. no de pessoas jurídicas, que registraram taxas de 5,3% e de 3,2%, na ordem.

A safra de grãos do Norte totalizou 4,7 milhões de toneladas em 2012, expansão anual de 8,3%, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de dezembro, do IBGE. As safras de milho e de soja aumentaram 20,2% e 14,1%, na ordem, e, no âmbito das demais culturas, as de abacaxi e mandioca, 12,4% e de 2,7%, respectivamente, em contraste com a retração de 3,6% na produção de banana. O prognóstico para a safra 2013 aponta redução de 9,4% na produção de grãos da região, considerando projeção de crescimento de 1,5% para a colheita de arroz e contrações de 22,6% para feijão, 19,7% para milho e 5% para a safra de soja.

Os abates de bovinos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF), que, na região Norte, representam aproximadamente 20% dos realizados no país, registraram aumento anual de 0,3%, de acordo com estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As exportações de carnes desossadas de bovinos, frescas ou refrigeradas cresceram 39% no ano, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

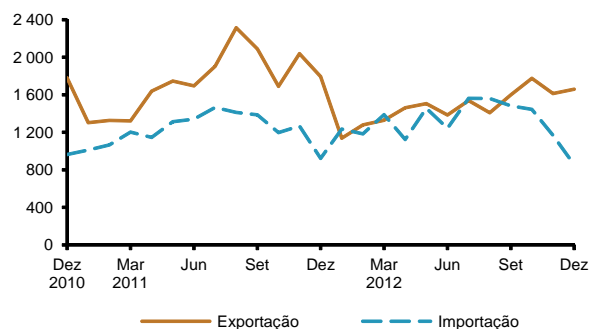
O *superavit* comercial da região totalizou US\$1,99 bilhão em 2012, de acordo com o MDIC, representando recuo de 67,5% em relação ao ano anterior. As exportações diminuíram 15,2% (21,3% nas direcionadas à China) em relação ao registrado em 2011, e as importações aumentaram 6,6%, que atingiram, respectivamente, US\$17,7 bilhões e US\$15,7 bilhões.

O desempenho das exportações reflete contração de 19,2% nos preços e aumento de 5,62% no *quantum*. Assinale-se a diminuição de 16,4% nos embarques de produtos básicos – 74,6% da pauta da região, essencialmente, minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados. As vendas de semimanufaturados contraíram 18,3% no ano, com destaque para as de alumínio não ligado em forma bruta; e as de manufaturados, 5,8%. As exportações direcionadas a China, Japão, Alemanha, Estados Unidos da América (EUA) e Coreia do Sul corresponderam, em conjunto, a 54,7% das vendas externas da região.

Por sua vez, a evolução das importações resulta de aumento de 6% nos preços e de 0,6% no *quantum*, neste caso, em todas as categorias de uso, com destaque para as compras de bens de capital, 14,9%. Por produtos,

Gráfico 1.7 – Balança comercial – Norte

US\$ milhões



Fonte: MDIC/Aliceweb

Tabela 1.6 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	27,4	-15,6	9,7	30,8	3,1
Extrativa mineral	0,4	0,6	0,8	0,9	-0,2
Indústria de transformação	2,5	-7,4	-3,3	3,9	-1,0
Comércio	10,3	-3,5	2,0	4,4	6,5
Serviços	13,5	-1,0	6,9	9,1	1,8
Construção civil	1,3	-3,6	4,2	10,3	-2,6
Agropecuária	-0,9	-0,8	-0,5	1,8	-0,9
Outros ^{2/}	0,4	0,2	-0,4	0,3	-0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais, administração pública e outros.

Tabela 1.7 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

UF	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Região Norte	27,4	-15,6	9,7	30,8	3,1
Acre	-0,2	-1,0	1,2	1,3	-0,9
Amapá	2,1	0,1	0,6	2,1	0,7
Amazonas	7,2	-8,0	-1,1	4,7	2,0
Pará	16,1	-4,3	6,7	15,0	4,4
Rondônia	-1,3	-1,7	-0,2	5,7	-2,0
Roraima	1,4	-0,4	-0,2	1,3	1,2
Tocantins	2,1	-0,3	2,7	0,6	-2,2

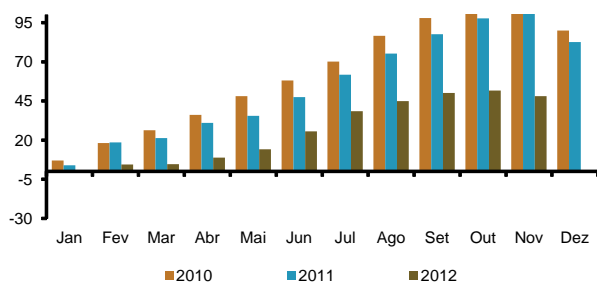
Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Gráfico 1.8 – Emprego formal – Norte

Saldo acumulado no ano

Mil



Fonte: MTE/Caged

ressaltem-se os aumentos nas aquisições de conjuntos cabeça-disco de unidades de disco rígido, 71,9%; nas de outras partes para aparelhos de transmissão/recepção de voz, imagem e dados, 53,3% e microprocessadores, 38,6%. As importações originárias da China, dos EUA, da Coreia do Sul, do Japão e de Taiwan, representaram, em conjunto, 74,1% das aquisições externas da região em 2012.

Em relação ao mercado de trabalho, estatísticas do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE) revelam a criação de 3,1 mil novos empregos formais na região no trimestre encerrado em novembro. A menor geração de empregos no período, comparativamente a igual trimestre de 2011, refletiu principalmente a eliminação líquida de 2,6 mil postos na construção civil e de mil na indústria. Comércio, 6,5 mil, e serviços, 1,8 mil, apresentaram saldo positivo na geração de vagas.

O nível de emprego oscilou -0,1% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando crescera 0,6%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, com destaque para os aumentos de 1,4% registrado em Roraima, e de 0,9% no Amapá.

A inflação na Região Metropolitana de Belém (RMB), medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), atingiu 3,36% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,66% naquele finalizado em setembro, movimento decorrente de aceleração nos preços livres, de 1,32% para 3,90%, e de recuo na variação dos preços monitorados, de 2,92% para 1,36%.

A trajetória dos preços livres traduziu a elevação de 1,90% para 4,97% dos preços dos bens não comercializáveis, com ênfase no crescimento de 42,43% nos preços do item farinhas e féculas, 5,45% no de alimentação fora do domicílio e 5,44% no de pescados. A variação dos preços dos bens comercializáveis alcançou 3,9% no trimestre (ante 0,9% no anterior), destacando-se as variações no item arroz, 15,43%; em aves e ovos, 12,81% e em panificados, 7,13%.

O índice de difusão registrou média de 66,37% no trimestre finalizado em dezembro, ante 64,18% naquele encerrado em setembro.

O IPCA da RMB aumentou 8,30% em 2012, ante 4,74% no ano anterior, a taxa mais elevada entre as onze regiões metropolitanas pesquisadas. A variação anual dos

Tabela 1.8 – IPCA – Belém

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2011	2012		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	4,74	1,66	3,36	8,30
Livres	78,9	5,49	1,32	3,90	8,69
Comercializáveis	44,6	4,65	0,90	3,09	5,33
Não comercializáveis	34,2	6,53	1,90	4,97	13,45
Monitorados	21,1	2,57	2,92	1,36	6,87
Principais itens					
Alimentação	33,6	5,59	1,74	6,99	14,30
Habitação	12,1	0,42	2,41	2,09	7,89
Artigos de residência	5,4	0,15	1,19	1,08	2,01
Vestuário	9,0	7,95	1,33	2,64	3,92
Transportes	13,2	4,03	2,40	1,35	3,59
Saúde	10,4	4,34	1,23	1,23	6,09
Despesas pessoais	7,9	7,59	1,45	2,03	9,88
Educação	4,5	7,31	0,74	-0,08	7,35
Comunicação	3,9	-0,48	0,28	1,12	1,01

Fonte: IBGE

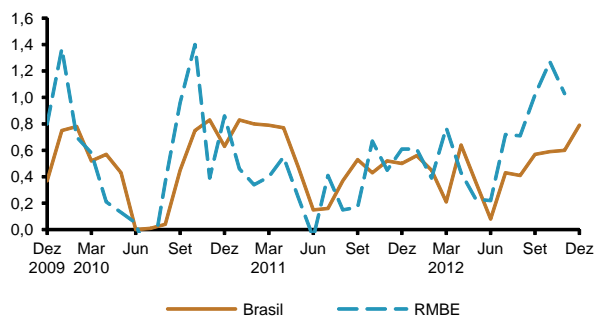
1/ Referentes a dezembro de 2012.

preços livres passou de 5,49% em 2011 para 8,69% em 2012, destacando-se o aumento nos grupos alimentação, habitação e despesas pessoais. No conjunto dos monitorados a variação de preços passou de 2,57% para 6,87%, principalmente, devido ao aumento em energia elétrica residencial e em ônibus urbano, 11,90% e 10,00%, respectivamente.

A execução de projetos de grande porte no setor de mineração e a sustentação da das vendas de eletro-eletrônicos pela indústria, entre outros fatores, delineiam perspectiva favorável para a região.

Gráfico 1.9 – IPCA - Norte

Variação (%)



Fonte: IBGE

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados
2002 = 100

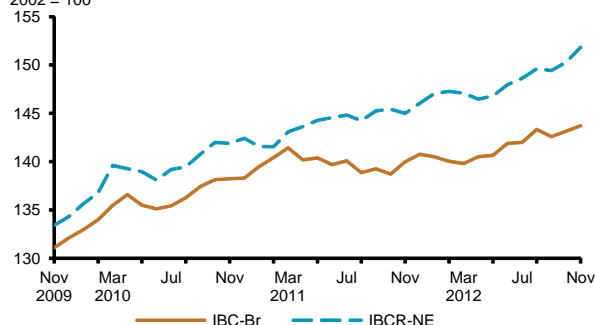
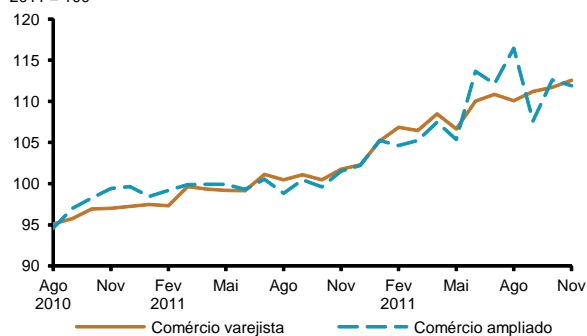


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	2011	Variação % no período		
		2012		12 meses
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	
Comércio varejista	7,0	2,9	1,4	9,2
Combustíveis e lubrificantes	6,5	0,2	-3,2	9,7
Híper e supermercados	2,1	1,6	2,2	6,6
Móveis e eletrodomésticos	19,6	4,3	-0,3	15,2
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	-18,3	2,7	2,9	11,8
Comércio ampliado	6,0	7,6	-3,0	9,4
Automóveis e motocicletas	4,0	20,8	-14,2	7,9
Material de construção	3,5	1,8	-0,5	11,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

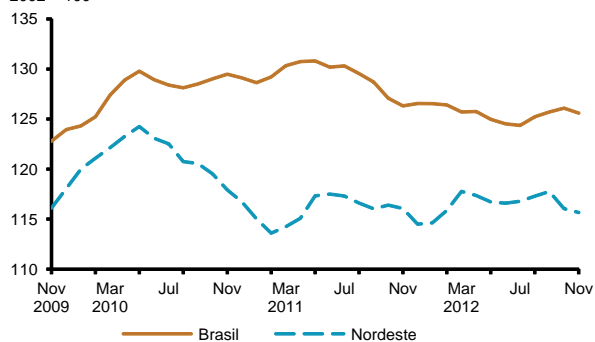
A atividade econômica da região Nordeste, apesar da moderação no terceiro trimestre de 2012, manteve-se mais dinâmica do que em âmbito nacional. Nesse contexto, considerados dados dessazonalizados, o Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia, de Pernambuco e do Ceará registraram aumentos respectivos de 0,2%, 1% e 3,2%, no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho, quando haviam variado, na ordem, 0,8%, 1% e -0,8%. Ainda de acordo com dados dessazonalizados, o Índice de Atividade Econômica Regional – Região Nordeste (IBCR-NE), em grande parte reflexo do desempenho do setor de serviços, cresceu 1,2% no trimestre terminado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 1,3%, no mesmo tipo de análise.

As vendas do comércio varejista no Nordeste¹ cresceram 1,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 2,9%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, divulgada pelo IBGE. Destacaram-se, no trimestre, as vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 6,5%, e de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 2,9%. No comércio ampliado, que incorpora os segmentos de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, houve recuo de 3% no trimestre, refletindo redução de 14,2% e de 0,5% nesses componentes, respectivamente.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista cresceu 9,2% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante 7,8% em agosto. Destacaram-se os segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 16%, e móveis e eletrodomésticos, 15,2%. As vendas de material de construção e de veículos, motos, partes e peças aumentaram, respectivamente, 11% e 7,9%, e contribuíram para que o comércio ampliado crescesse 9,4% no período.

1/ Os dados relativos à região foram obtidos a partir da agregação do índice do volume de cada unidade da Federação, ponderados pela participação da variável receita bruta de revenda de cada unidade da Federação na receita bruta total da região, constante da Pesquisa Anual do Comércio do IBGE.

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

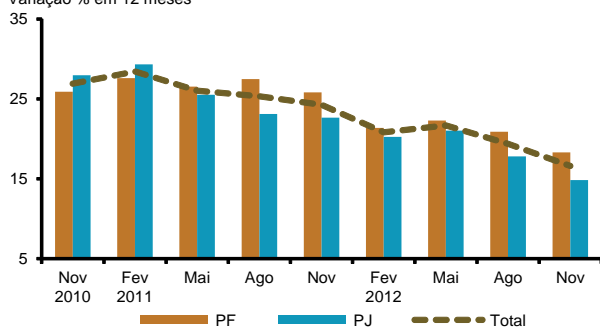
Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,5	-1,4	0,8
Indústria extrativa	6,8	-1,9	-0,1	-1,2
Indústria de transformação	93,5	0,9	-2,0	1,0
Alimentação e bebidas	29,0	0,9	-4,9	-0,5
Produtos químicos	18,8	2,6	-2,6	6,6
Refino de petróleo e álcool	12,6	10,8	-4,8	-0,9
Celulose, papel e produtos de papel	5,9	3,5	2,7	3,0

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

De acordo com as estatísticas divulgadas pelo IBGE, a série isenta de sazonalidade da Produção Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) indicou que a produção industrial na região Nordeste decresceu 1,4% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando havia aumentado 0,5% no mesmo tipo de comparação. No trimestre, verificaram-se quedas em seis das onze atividades pesquisadas, com destaque para as dos setores de alimentos e bebidas, 4,9%, de refino de petróleo e álcool, 4,8%, e de vestuário e acessórios, 4,7%.

No ano, até novembro, a produção industrial da região teve alta de 1,2%, e 0,8% nos últimos doze meses. Por setores de atividade, houve aumento de 6,6% em produtos químicos, ma parte devido à maior produção de etileno não saturado, cloreto de polivinila (PVC) e polietileno de alta e baixa densidade; de 4,5% em minerais não metálicos e de 3,3% em calçados e artigos de couro. No geral, o produto da indústria de transformação aumentou 1% em doze meses até novembro, e na indústria extrativa diminuiu 1,2%.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$293 bilhões em novembro, elevações de 4% no trimestre e de 16,6% nos últimos doze meses. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$140 bilhões, expandindo-se 4,1% e 14,8%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação, com ênfase no crédito destinado às atividades de transmissão e distribuição de energia elétrica, à indústria química e ao setor de refino de petróleo e álcool. Os créditos às pessoas físicas totalizaram R\$153 bilhões, alta de 4% no trimestre e de 18,3% em doze meses, com destaque para as modalidades de crédito consignado, financiamento a veículos e empréstimos habitacionais.

A inadimplência atingiu 4% no trimestre encerrado em novembro, reduzindo-se 0,2 p.p. em relação à verificada em agosto e elevando-se 0,13 p.p. em doze meses. A redução da inadimplência no trimestre tem refletido, em parte, o aumento da participação do segmento de pessoas físicas no crédito total, a despeito de ter apresentado maior inadimplência em novembro.

Segundo dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), os desembolsos do Sistema BNDES, Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – somaram R\$156 bilhões em 2012, aumento de 12,3% em relação ao despendido em 2011. Desse montante, os recursos destinados a inversões na

região Nordeste alcançaram R\$21 bilhões, 12,2% a mais do que no ano anterior. Assinale-se que 55,5% dessas liberações deram-se no último trimestre do ano, e, certamente, os impactos desses investimentos ainda não se manifestaram integralmente.

Tabela 2.3 – Produção agrícola – Nordeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. % 2012/2011
		2011	2012	
Produção de grãos		14 599	11 919	-18,4
Soja	13,51	6 228	6 096	-2,1
Milho	6,79	5 041	3 905	-22,5
Feijão	5,10	818	288	-64,8
Caroço de algodão (herbáceo)	4,70	1 033	856	-17,1
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	18,05	72 956	72 080	-1,2
Mandioca	6,73	7 905	6 644	-16,0
Banana	5,90	2 779	2 428	-12,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Tabela 2.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	18 830	18 773	-0,3	-5,3
Básicos	5 100	5 078	-0,4	-7,4
Industrializados	13 730	13 695	-0,3	-3,3
Semimanufaturados	5 709	4 924	-13,7	-8,3
Manufaturados ^{1/}	8 021	8 771	9,3	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A safra de grãos da região Nordeste totalizou 11,9 milhões de toneladas em 2012, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE. O decréscimo de 18,4% relativamente ao colhido no ano anterior foi reflexo da seca e traduziu, em especial, as retrações nas colheitas de feijão, 64,8%, e milho, 22,5%. Assinale-se que os dois produtos representam, respectivamente, 2,4% e 32,8% da safra de grãos, leguminosas e oleaginosas da região. Os estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará sofreram as maiores perdas de safras no ano, 92,9%, 92% e 82,2%, na ordem. Em relação às demais culturas, destaquem-se os recuos de 1,2% na cana-de-açúcar e de 16% na produção de mandioca. O último prognóstico realizado pelo IBGE indica que a produção de grãos da região poderá aumentar 32,5% em 2013, assumindo-se a manutenção de condições climáticas favoráveis.

A balança comercial da região Nordeste registrou *deficit* de US\$7,2 bilhões em 2012, ante US\$5,3 bilhões no ano anterior, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações somaram US\$18,8 bilhões e as importações, US\$26 bilhões, contração de 0,3% e expansão de 7,7%, na ordem.

A trajetória das exportações decorreu de aumento de 2,9% no *quantum* e de contração de 3,1% nos preços, com recuos em todas as categorias de fator agregado, exceto produtos manufaturados. Nessa categoria, a elevação de 9,3% esteve associada aos embarques de plataformas de perfuração ou de exploração e dragas pelos estados da Bahia e de Pernambuco, no valor total de US\$786,7 milhões, sem correspondente no ano anterior. Cabe destacar que, de fato, essas operações representaram apenas transferência de propriedade do bem exportado, com imediato aluguel do equipamento para utilização nas atividades de exploração e produção de petróleo no país.

Em sentido contrário, as vendas de semimanufaturados recuaram 13,7%, sensibilizadas pela redução de 31,1% nas relacionadas a açúcar-de-cana em bruto, enquanto as vendas de bens básicos, diminuíram 0,4%, impactadas pela retração de 34,8% nos embarques de minérios de ferro aglomerados e seus concentrados. No ano, EUA, China, Holanda, Argentina e Antilhas Holandesas adquiriram, em conjunto, 48,5% das vendas externas da região.

Tabela 2.5 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	24 134	25 999	7,7	-1,4
Bens de capital	3 499	3 806	8,8	1,5
Matérias-primas	10 805	10 169	-5,9	-2,2
Bens de consumo	2 250	2 585	14,9	-1,8
Duráveis	1 595	1 849	15,9	-7,8
Não duráveis	655	737	12,5	7,2
Combustíveis e lubrificantes	7 581	9 439	24,5	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

A expansão das importações no ano, resultante de variações de 11,2% no *quantum* e de -3,1% nos preços, refletiu elevações nas compras em todas as categorias de uso, exceto em matérias-primas, que recuaram 5,9%, influenciadas pela queda de 49,5% em sulfetos de minérios de cobre.

As aquisições de combustíveis e lubrificantes aumentaram 24,5%, sensibilizadas, principalmente, pela elevação de 80,7% nos ingressos de outras gasolinas. Assinale-se, também, o crescimento de 14,9% nas compras de bens de consumo, concentradas em automóveis, e de bens de capital, 8,8%, especialmente as aquisições recordes de turbinas a vapor pelos estados do Ceará e do Maranhão no valor total de US\$502,6 milhões. As importações provenientes dos EUA, China, Argentina, Holanda e Índia corresponderam, em conjunto, a 50,9% das aquisições do Nordeste em 2012.

Tabela 2.6 – Evolução do emprego formal – Nordeste
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	139,4	-44,9	-28,7	73,2	102,1
Indústria de transformação	59,5	-31,2	-59,0	24,3	50,4
Serviços ind. de utilidade pública	0,2	0,1	0,1	-0,5	-2,1
Construção civil	13,7	-7,3	6,8	5,1	-0,2
Comércio	34,1	-3,1	4,9	6,6	36,2
Serviços	36,8	17,8	20,5	18,9	21,1
Agropecuária	-5,5	-21,2	-2,9	18,1	-2,9
Outros ^{2/}	0,6	0,0	0,9	0,8	-0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Segundo dados divulgados pelo MTE, consolidados no Caged, foram gerados 102,1 mil postos de trabalho na região Nordeste, no trimestre encerrado em novembro de 2012, ante 139,4 mil em igual período do ano anterior. A redução do número de postos de trabalho gerados, na comparação interanual, refletiu a desaceleração em todos os setores, à exceção do comércio. De janeiro a novembro de 2012, foram criados 142,8 mil empregos formais na economia nordestina, ante 273,4 mil em igual período do ano anterior.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal da região permaneceu basicamente estável, expansão de 0,03% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, embora tenha ocorrido crescimento de 0,7%, no comércio, e de 0,4%, em serviços e contração de 1,2% na indústria de transformação.

A inflação, medida pelo IPCA da região Nordeste², segundo o IBGE, atingiu 6,50% em 2012, ante 6,35% no ano anterior. Os preços livres aumentaram 7,17%, e os monitorados 4,20%, ante 6,65% e 5,62%, respectivamente, em 2011, assinalando-se no âmbito dos preços livres, a maior variação anual no grupo alimentação e bebidas, 11,98%, e, em relação aos monitorados, os reajustes nos itens taxa de água e esgoto, 9,97%, e ônibus urbano, 7,88%.

Na margem, a variação do IPCA da região Nordeste atingiu 2,36% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,55% no finalizado em setembro, aumento decorrente das

2/ Consideram-se as variações e os respectivos pesos das três regiões metropolitanas abrangidas pelo IPCA: Fortaleza, Recife e Salvador.

Tabela 2.7 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2011	2012		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,35	1,55	2,36	6,50
Livres	77,6	6,65	1,93	2,66	7,17
Comercializáveis	41,0	4,49	1,92	2,67	4,54
Não comercializáveis	36,5	9,07	1,92	2,63	10,08
Monitorados	22,4	5,62	0,25	1,28	4,20
Principais itens					
Alimentação	26,1	6,51	3,79	4,15	11,98
Habitação	13,9	6,71	1,05	1,29	6,41
Artigos de residência	5,2	2,55	0,73	0,70	-0,45
Vestuário	7,9	10,39	1,12	2,98	3,67
Transportes	18,8	4,78	-0,07	2,22	1,97
Saúde	10,9	4,91	0,87	1,03	5,43
Despesas pessoais	8,5	9,98	1,82	2,41	10,02
Educação	4,2	7,99	0,64	0,22	8,20
Comunicação	4,5	1,51	0,13	1,23	1,18

Fonte: IBGE

^{1/}Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

acelerações registradas nos preços livres, de 1,93% para 2,66%, e nos monitorados, de 0,25% para 1,28%. A trajetória dos preços monitorados é atribuída, parcialmente, aos aumentos respectivos de 5,99% e 2,23% nos itens gasolina e gás de botijão.

No âmbito dos preços livres, ocorreram acelerações nos preços dos itens comercializáveis, de 1,92% para 2,67%, ressaltando-se as elevações nos itens arroz, 17,78%, cigarro, 13,47%, e frango inteiro, 10,13%; e nos dos itens não comercializáveis, de 1,92% para 2,63%, esta associada às elevações ocorridas nos itens farinha de mandioca (item de maior peso do subgrupo farinha, féculas e massas na região), 55,61%, passagem aérea, 35,34%, e excursão, 21,27%. O índice de difusão atingiu 63,50% no trimestre encerrado em dezembro, apontando maior disseminação nas variações de preço, dado que em setembro situava-se em 61,47%.

A economia nordestina manteve dinamismo superior ao da economia do país em 2012, com destaque para o impacto do mercado interno sobre a dinâmica do comércio. As perspectivas para 2013 seguem favoráveis, em especial no que se refere à recuperação da agropecuária, fortemente atingida pela seca verificada em 2012. Também apoia essa avaliação a continuidade dos investimentos relacionados aos eventos esportivos de 2014, entre outros fatores.

Bahia

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia

Dados dessazonalizados
2002 = 100

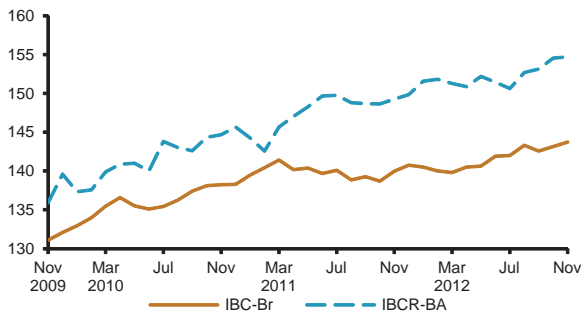
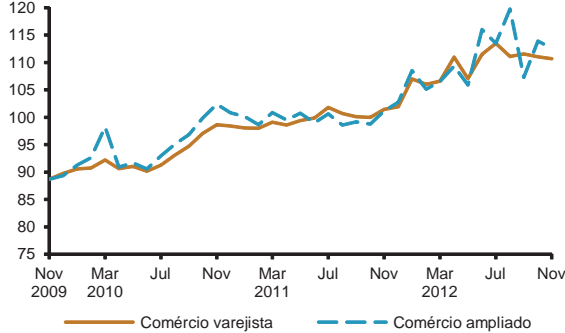


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.8 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	3,1	3,6	-0,8	9,6
Combustíveis e lubrificantes	5,9	-1,5	-9,9	7,7
Hiper, supermercados	2,0	-0,3	5,0	6,4
Tecidos, vestuário e calçados	3,5	4,9	1,9	9,0
Móveis e eletrodomésticos	-0,4	4,4	-2,6	12,3
Comércio ampliado	1,7	8,6	-4,4	10,5
Automóveis e motocicletas	-1,7	23,6	-13,1	12,9
Material de construção	3,8	0,3	-2,0	6,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB da Bahia registrou expansão de 1,9% no terceiro trimestre de 2012, em relação a igual período do ano anterior, segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Ocorreu, no período, expansão do setor de serviços, 2,8%, e da indústria, 1,5%, e recuo de 8,9% da agricultura, fortemente impactada pela seca. Na margem, considerados dados dessazonalizados, o indicador cresceu 0,9% em relação ao trimestre encerrado em junho. O IBCR-BA, refletindo, em parte, o aumento de 1,1% registrado na produção industrial, variou 1,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 0,1%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, a variação do indicador atingiu 3% em novembro, mesmo patamar observado desde o início do segundo semestre de 2012.

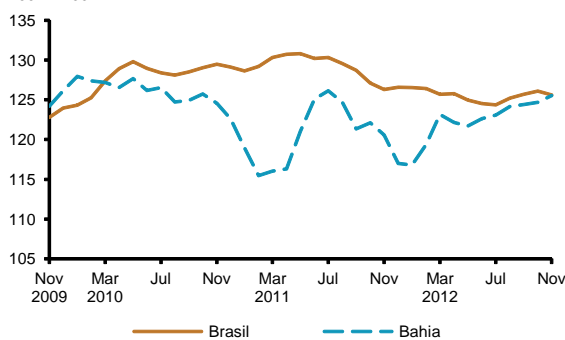
As vendas do comércio varejista baiano registraram declínio de 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 3,6%, nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Houve redução nas vendas em quatro dos oito segmentos que integram a pesquisa, com ênfase para as de combustíveis e lubrificantes, -9,9%, impactadas pela recente elevação dos preços. Em contrapartida, o segmento hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, em ritmo de expansão ao longo do trimestre, assinalou elevação das vendas de 5%. Incluídas as retrações de 13,1% na comercialização de veículos, após longo período de aquecimento associado aos estímulos fiscais implementados pelo governo, e de 2% nas de material de construção, o comércio ampliado no estado recuou 4,4% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas no varejo cresceram 9,6% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, resultado 1,6 p.p. superior ao obtido em agosto, no mesmo tipo de comparação. Assinale-se os aumentos nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 12,3%, e de tecidos, vestuários e calçados, 9%. Incorporando as elevações respectivas de 12,9% e de 6,4% das vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, o comércio ampliado acumulou expansão de 10,5% no período.

A produção industrial da Bahia elevou-se 1,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 2% na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF

Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.9 – Produção industrial – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos ^{1/} 2012	Acumulado		em 12 meses
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	
Indústria geral	100,0	2,0	1,1	2,3
Indústria extrativa	5,5	1,4	0,9	-1,4
Indústria de transformação	94,5	1,7	1,1	2,5
Produtos químicos	28,9	4,8	-4,0	7,2
Ref. petróleo e prod. álcool	22,9	13,0	-1,4	0,0
Alimentos e bebidas	15,9	-1,9	1,9	2,3
Celulose e papel	11,3	4,3	3,3	2,8
Metalurgia básica	7,6	-36,8	77,6	-10,1

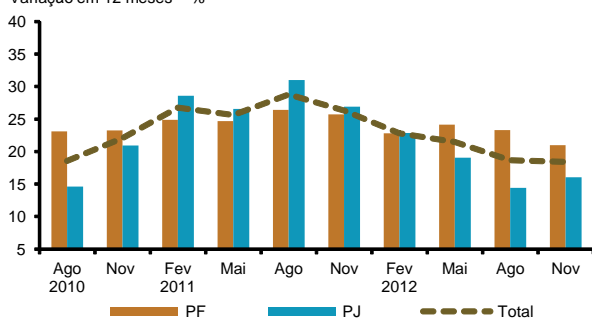
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

do IBGE. Houve expansão da produção em cinco dos nove setores considerados na pesquisa, ressaltando-se os registrados nos segmentos de metalurgia básica, 77,6%, resultado da reduzida base de comparação em razão da paralisação de importante empresa do setor nos meses de julho e agosto, de veículos automotores, 8,6%, e de celulose e papel, 3,3%. Em sentido oposto, a indústria química e o refino de petróleo e produção de álcool, que juntos representam cerca de 52% da atividade industrial do estado, recuaram, respectivamente, 4% e 1,4% no período.

O indicador acumulado dos últimos doze meses, com evolução positiva desde junho de 2012, apontou crescimento de 2,3% da produção industrial baiana em novembro, ante declínio de 2,5% da indústria nacional. Ressaltem-se, no período, as expansões respectivas de 10,3% e de 7,2% nos segmentos borracha e plástico e produtos químicos, e a retração de 10,1% na metalurgia básica.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), estimado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), atingiu 103,1 pontos em novembro, ante 81,9 pontos em agosto, permanecendo na zona definida como de otimismo moderado. A evolução trimestral refletiu a melhora das expectativas dos empresários da indústria e do setor de serviços e comércio, variações de 64,9 pontos e 36,2 pontos, respectivamente, que compensou a forte queda das expectativas na agropecuária, recuo de 135,4 pontos.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia alcançaram R\$82,9 bilhões em novembro, aumentando 4,7% no trimestre e 18,4% em doze meses. Os empréstimos ao segmento de pessoas físicas somaram R\$41,1 bilhões, assinalando variações respectivas de 4,7% e 21% nas bases de comparação mencionadas, destacando-se no trimestre o dinamismo das modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e compras no cartão de crédito. Já o estoque de crédito relativo ao segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$41,8 bilhões, liderado pelas contratações dos segmentos químico, construção civil e papel e papelão, cresceu 4,8% no trimestre e 16% em doze meses.

A inadimplência das operações de crédito no estado atingiu 4,09% em novembro, recuando 0,24 p.p. no trimestre, evolução influenciada pelas reduções de 0,29 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,20 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 5,48% e em 2,72%.

Tabela 2.10 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2011	2012 ^{2/}	
Grãos				
Soja	15,6	3 513	3 214	-8,5
Algodão herbáceo	9,0	1 575	1 258	-20,1
Milho	7,4	2 052	2 001	-2,5
Feijão	5,4	223	116	-48,2
Outros grãos ^{3/}	1,2	296	91	-69,1
Outras lavouras				
Cacau	7,4	156	159	1,7
Banana	5,8	1 221	1 070	-12,4
Café	5,3	152	142	-6,4
Mandioca	5,3	2 977	2 644	-11,2
Cana-de-açúcar	3,5	6 981	8 494	21,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Segundo o LSPA de dezembro de 2012.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

De acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE, a produção de grãos da Bahia totalizou 6,7 milhões de toneladas em 2012, inferior em 12,8% na comparação com a safra de 2011. Esse desempenho é associado aos efeitos das condições climáticas adversas sobre a agricultura do estado, que provocou retração na produção das principais culturas, em especial, feijão, 48,2%, algodão, 20,1% e soja, 8,5%. Em relação às demais lavouras, houve diminuição nas culturas de banana, de mandioca e de café, 12,4%, 11,2%, e 6,4%, respectivamente, registrando-se expansão na de cana-de-açúcar, 21,7%, com aumento de 2,5% no seu rendimento médio.

O terceiro prognóstico para a safra 2013, divulgado pelo IBGE, indica aumentos na produção de feijão 1ª safra, 191,9%, de mandioca, 54%, de milho 1ª safra, 26,2%, de soja, 18,9%, e de arroz, 10,3%. Em sentido contrário, é estimada retração nas culturas de algodão, 15,2%, e de cana-de-açúcar, 26,3%.

Conforme o quarto levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra 2012/2013, a produção de grãos da Bahia deverá aumentar 13,2%, em relação à de 2011/2012, com aumento de 11,9% na produtividade. Essa estimativa incorpora expansão nas safras de feijão, 119,3%, de soja, 20%, de arroz, 6,9%, e de milho, 0,3%. Em contraste, o levantamento aponta retração de 30% na produção de algodão.

A balança comercial da Bahia acumulou *superavit* de US\$3,5 bilhões em 2012, 7,2% superior ao registrado em 2011, quando totalizara US\$3,2 bilhões, de acordo com o MDIC. As exportações alcançaram US\$11,3 bilhões, representando 60% das vendas externas da região Nordeste, e as importações, US\$7,8 bilhões, verificando-se crescimento respectivo de, 2,3% e 0,2% no ano.

A evolução das exportações baianas refletiu retração de 2,7% nos preços e aumento de 5,1% no *quantum*, favorecidas pela elevação nas vendas de produtos básicos, que alcançaram 5,5%, destacando-se o aumento de 53,1% nas de farelo de soja, e nas de produtos industrializados, 1,3%, sensibilizados pelo crescimento dos manufaturados, 9,0%, ressaltando-se a expansão de hidrocarbonetos, 16%, e óleos combustíveis, 5,4%. Registrou-se recuo nas vendas de semimanufaturados, 12,5%, influenciados pelo recuo nos embarques de catodos de cobre, 75,1%. China, Estados Unidos e Holanda representaram, em conjunto, 36,9% do mercado de destino das exportações baianas.

Tabela 2.11 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	11 016	11 268	2,3	-5,3
Básicos	2 669	2 815	5,5	-7,4
Industrializados	8 348	8 453	1,3	-3,6
Semimanufaturados	3 012	2 634	-12,5	-8,3
Manufaturados ^{1/}	5 336	5 818	9,0	-1,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.12 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	7 745	7 761	0,2	-1,4
Bens de capital	1 221	1 173	-3,9	1,5
Matérias-primas	4 989	4 822	-3,3	-2,2
Bens de consumo	1 256	1 456	15,9	-1,8
Duráveis	1 155	1 361	17,9	-7,8
Não duráveis	101	94	-6,3	7,2
Combustíveis e lubrificantes	280	310	10,6	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.13 – Evolução do emprego formal – Bahia

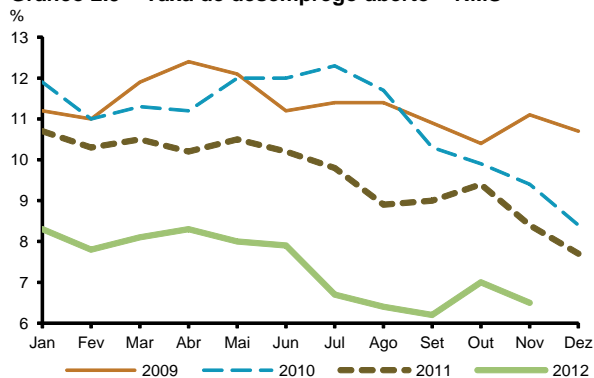
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	6,7	-9,8	13,2	2,9	4,3
Indústria de transformação	-0,5	-4,2	1,8	1,7	-3,6
Comércio	6,3	-1,5	-0,2	1,4	7,2
Serviços	7,3	3,5	2,5	2,9	4,2
Construção civil	1,3	-5,3	3,6	-0,8	1,8
Agropecuária	-7,9	-2,3	5,4	-2,1	-4,9
Serviços industriais de utilidade pública	-0,1	-0,1	-0,4	-0,0	-0,5
Outros ^{2/}	0,4	0,2	0,4	-0,1	0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS

Fonte: IBGE

A trajetória das importações resultou de contração de 8,9% nos preços e de aumento de 10% no *quantum*, refletindo a retração nas compras de bens de capital, 3,9%, com destaque no recuo nas de veículos de carga, 23,8%; e nas de matérias-primas, 3,3%, influenciadas pela queda nas aquisições de minério de cobre, 49,5%. As importações de bens de consumo avançaram 15,9%, impulsionadas pelo crescimento de 18,9% nas compras de automóveis de passageiros. A Argentina permaneceu em 2012 como o principal mercado de origem das importações da Bahia, com participação de 15,4%, seguido do Chile, 9,6%, e da China, 9%.

A economia do estado gerou, de acordo com o Caged/MTE, 4,3 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 6,7 mil em igual intervalo de 2011, destacando-se os efeitos da diminuição nas contratações no segmento de serviços, 4,2 mil postos gerados ante 7,3 mil; e das demissões líquidas da indústria de transformação, 3,6 mil ante 0,5 mil postos de trabalho. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado permaneceu estável no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando apresentou contração de -0,1%, na mesma base de comparação.

Ataxa média de desemprego da Região Metropolitana de Salvador (RMS) atingiu, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), 6,6% no trimestre finalizado em novembro, ante 8,9% em igual período do ano anterior, verificando-se os mais baixos patamares históricos da série. Nos dados dessazonalizados, a taxa de desemprego não se alterou em relação ao trimestre anterior, mantendo-se em 6,8%. A população ocupada cresceu 5,1% no mesmo período, e a PEA, 2,4%, na série sem sazonalidade. Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos pelos trabalhadores decresceram 5,2% no trimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior.

O IPCA da RMS variou 6,20% em 2012, 0,36 p.p. acima da variação do índice nacional, ante 6,50% em 2011, refletindo a desaceleração no movimento dos preços monitorados de 6,60% para 5,25% e o crescimento dos preços livres de 6,45% para 6,48%, estes influenciados, especialmente, pelo comportamento dos preços de alimentos, destacando-se as elevações nos itens massa semipreparada, 98,76%, feijão, 88,45%, e arroz, 34,71%. A trajetória dos preços monitorados respondeu ao recuo dos preços de telefone fixo, 2,28%, e à elevação da taxa de água e esgoto, 12,80%, de ônibus urbano, 12,0%, e de energia elétrica residencial, 6,10%.

Tabela 2.14 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2011	2012		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,00	6,50	1,45	2,31	6,21
Livres	77,02	6,45	1,92	2,39	6,48
Comercializáveis	37,45	3,34	2,09	2,29	3,60
Não comercializáveis	39,57	9,73	1,77	2,48	9,33
Monitorados	22,98	6,61	-0,14	2,04	5,26
Principais itens					
Alimentação	26,37	6,71	3,55	3,75	11,50
Habitação	14,40	8,60	1,02	1,32	7,57
Artigos de residência	4,86	3,57	2,07	-0,36	0,18
Vestuário	7,25	7,71	1,78	3,55	4,01
Transportes	20,43	5,51	-0,20	3,21	2,37
Saúde	10,08	3,92	0,44	0,75	5,17
Despesas pessoais	8,03	11,01	1,22	1,26	6,96
Educação	4,08	7,92	0,81	0,17	6,72
Comunicação	4,50	0,90	0,43	1,36	1,14

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a dezembro de 2012.

No trimestre finalizado em dezembro, o IPCA registrou variação de 2,31% ante 1,45% naquele encerrado em setembro, resultado da elevação dos preços livres, de 1,92% para 2,39%, refletindo aumento dos segmentos comercializáveis, de 2,09% para 2,29%, e dos não comercializáveis, de 1,77% para 2,48%, ressaltando-se, neste segmento, o crescimento dos preços de farinha de mandioca, 63,74%, e passagem aérea, 35,36%. Os preços dos itens monitorados variaram de -0,14 para 2,04%, influenciados, em especial, pela elevação do preço da gasolina, 13,52%. O índice de difusão atingiu 66,1% ante 66,9% no trimestre encerrado em setembro.

A trajetória dos principais indicadores da economia baiana sugere continuidade da expansão da atividade no estado, em 2013. A recuperação da agricultura, em resposta à melhoria das condições climáticas, o desempenho do comércio varejista, favorecido pelo fortalecimento do mercado interno, a evolução da indústria, refletindo os estímulos do governo federal, e os impactos dos investimentos públicos e privados em andamento devem sustentar o ritmo de crescimento econômico do estado.

Ceará

Gráfico 2.10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

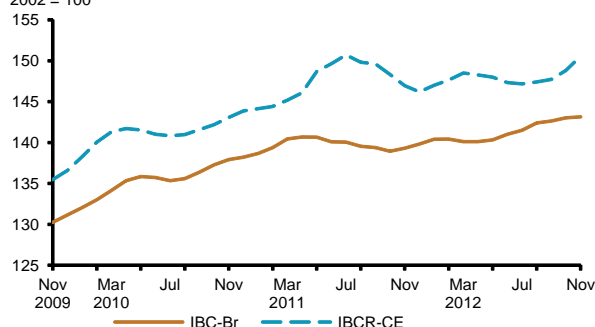
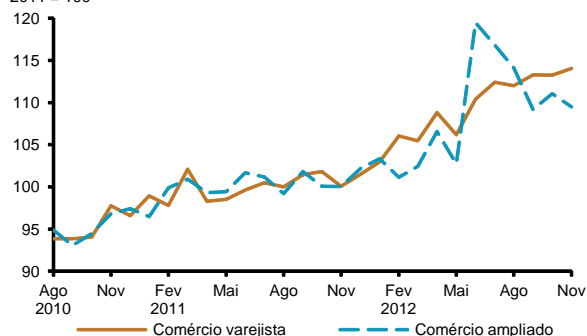


Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.15 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011	2012		12 meses
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	
Comércio varejista	8,0	4,5	1,7	9,4
Combustíveis e lubrificantes	-1,4	7,2	1,4	21,0
Hiper e supermercados	7,2	4,6	0,4	6,9
Móveis e eletrodomésticos	15,6	5,8	1,9	21,4
Art. farm. médicos, ortopédicos	18,3	5,6	4,4	12,6
Comércio ampliado	8,6	12,4	-5,9	8,8
Automóveis e motocicletas	10,6	23,5	-14,6	6,9
Material de construção	2,2	3,8	-2,3	13,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB do Ceará cresceu 3,2% no trimestre finalizado em setembro, em relação ao encerrado em junho, quando havia recuado 0,8%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). Evidenciando a manutenção da trajetória de recuperação da economia cearense, o IBCR-CE aumentou 2,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando recuara 0,4%, nesse tipo de comparação. A análise em doze meses revela que o indicador cresceu 0,9% em novembro, comparativamente a igual intervalo de 2011.

As vendas do comércio varejista no estado cresceram 1,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 4,5%, nessa base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Destaque para os segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, cujas vendas expandiram 4,7%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 4,4%. Incorporadas as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, que apresentaram redução respectiva de 14,6% e 2,3%, o comércio ampliado no estado decresceu 5,9% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas no varejo registraram incremento de 9,4% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante 7,9% em agosto, assinalando-se o aumento nos segmentos de móveis e eletrodomésticos, 21,4%, e de combustíveis e lubrificantes, 21%. Agregando-se a comercialização de vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, com elevação respectiva de 6,9% e 13,4%, o comércio ampliado expandiu 8,8% no período.

A produção industrial cearense decresceu 1,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando retraíra 1,5% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve retração em sete das dez atividades pesquisadas, destacando-se as relativas a alimentos e bebidas, 8,4%, e a produtos químicos, 4%. A análise em doze meses em novembro, revela recuo de 1,8% por parte da produção da indústria cearense, na comparação com igual período de 2011, quando a retração alcançara 3% em agosto.

O faturamento real da indústria de transformação cearense cresceu 7,1% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2011, após

Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

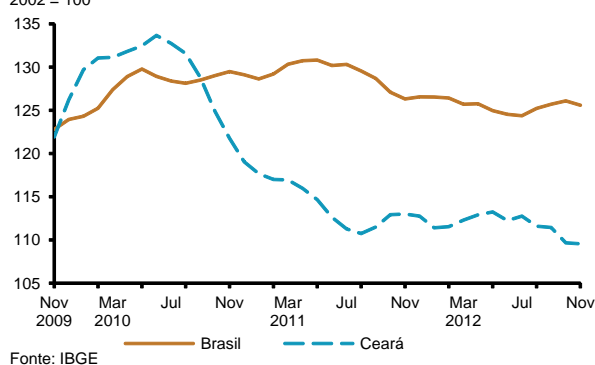


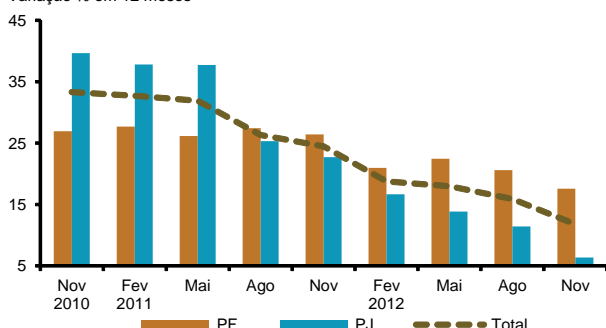
Tabela 2.16 – Produção industrial – Ceará
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,5	-1,8	-1,8
Produtos de metal	2,0	8,7	-1,4	-22,9
Alimentação e bebidas	33,8	6,1	-8,4	2,5
Metalurgia básica	2,3	3,0	-10,6	23,3
Calçados e artigos de couro	5,0	-0,2	9,6	2,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.17 – Produção agrícola – Ceará
Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/} (%)	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/} 2011	2012	Var. % 2012/2011
Produção de grãos		1 299	231	-82,2
Feijão	13,59	264	53	-80,0
Milho	6,49	915	120	-86,9
Arroz (em casca)	2,55	93	51	-45,2
Outras lavouras selecionadas				
Banana	14,57	494	416	-15,9
Mandioca	8,30	837	938	12,1
Castanha-de-caju	3,72	112	39	-65,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

expansão de 2,4% em agosto, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi), da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, houve redução no pessoal empregado, 2,8%, e nas horas trabalhadas, 0,5%, e a remuneração real cresceu 0,6%. O Nuci médio atingiu 86,8% ante novembro, ante 85% em agosto, e 88,4% ante igual mês do ano anterior.

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$42 bilhões em novembro, registrando expansão de 3,3% no trimestre e de 11,8% nos últimos doze meses. A carteira do segmento pessoas jurídicas totalizou R\$21 bilhões, com variações respectivas de 2,8% e de 6,4% nas bases de comparação consideradas, destacando-se as contratações de operações destinadas aos setores de geração e transmissão de energia elétrica, à indústria de moda e à construção civil. O saldo de operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$21 bilhões, elevando-se 3,8% no trimestre e 17,6% em doze meses, havendo concentração nos recursos direcionados às modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e aquisição de automóveis.

A inadimplência relativa ao crédito contratado atingiu 4,3% em novembro, mantendo-se estável em relação ao patamar observado em agosto, mas elevando-se 0,6 p.p. em doze meses. O comportamento no trimestre decorreu da redução de 0,2 p.p. registrados no segmento de pessoas físicas e da estabilidade no relativo a pessoas jurídicas, com taxas situando-se, na ordem, em 5,7% e 2,9%.

A safra de grãos do estado atingiu 231 mil toneladas em 2012, o que representou decréscimo de 82,2% comparativamente ao ano anterior, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE. Esse resultado refletiu a grave seca que atingiu o Ceará, com perdas de 86,9% na safra de milho, produto mais representativo da produção agrícola cearense, e de 80% e de 45,2% nas lavouras de feijão e de arroz, respectivamente. Em relação às demais culturas, destacam-se as retrações de 65,5% na cultura da castanha-de-caju com impacto negativo nas vendas externas, que recuaram 15,6% em 2012, e de 15,9% na colheita da banana.

O saldo da balança comercial do Ceará, de acordo com dados do MDIC, registrou *deficit* de US\$1,6 bilhão em 2012. As exportações recuaram 9,7% e as importações cresceram 19,3%, somando, na ordem, US\$1,3 bilhão e US\$2,9 bilhões.

O desempenho das vendas externas, traduzindo recuo respectivo de 7,6% e de 2,3% no *quantum* e nos preços,

Tabela 2.18 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	1 403	1 267	-9,7	-5,3
Básicos	459	333	-27,3	-7,4
Industrializados	945	934	-1,2	-3,3
Semimanufaturados	282	293	3,7	-8,3
Manufaturados ^{1/}	662	641	-3,2	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.19 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	2 401	2 864	19,3	-1,4
Bens de capital	499	912	82,9	1,5
Matérias-primas	1 453	1 452	-0,1	-2,2
Bens de consumo	142	154	8,6	-1,8
Duráveis	71	71	0,4	-7,8
Não duráveis	71	83	16,8	7,2
Combustíveis e lubrificantes	307	346	12,8	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.20 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	19,2	-5,6	1,4	15,7	17,2
Indústria de transformação	2,6	-5,5	-1,2	4,5	4,3
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,0	0,0	0,0	-0,2
Construção civil	1,8	-2,0	-2,0	0,5	-1,0
Comércio	7,5	1,2	0,6	1,8	8,3
Serviços	5,3	4,2	4,4	5,8	5,7
Agropecuária	1,8	-3,4	-0,6	2,9	0,8
Outros ^{2/}	0,1	0,0	0,2	0,4	-0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

refletiu, em especial, a redução de 27,3% nos embarques de produtos básicos, impactada pelo decréscimo nos relativos a lagostas congeladas, 42,1%, e a castanha-de-caju, 15,6%. As exportações de manufaturados decresceram 3,2%, sensibilizadas pelas quedas respectivas de 9,1% e de 17,3% em calçados, suas partes e componentes e em tecidos de algodão. Já as exportações de semimanufaturados aumentaram 3,7%, destacando-se as elevações nas associadas a ceras vegetais, 14,8%, e a couros e peles, 11,8%.

A evolução das importações, com variação de 24,2% no *quantum* e de -3,9% nos preços, foi, em grande parte, impulsionada pelo aumento de 82,9% nas compras de bens de capital, com destaque ao recorde de aquisições de turbinas a vapor oriundas da China, no valor total de US\$331,8 milhões, e o incremento de 12,8% nas compras de combustíveis e lubrificantes, ênfase no crescimento de 42,2% nas compras de gás natural liquefeito (GNL). As aquisições externas de bens de consumo registraram acréscimo de 8,6%, e as de matérias-primas, recuo de 0,1% no período.

Segundo dados divulgados pelo Caged do MTE foram criados, no mercado de trabalho no estado do Ceará, 17,2 mil empregos no trimestre encerrado em novembro, ante 19,2 mil colocações geradas em igual período do ano anterior. Esse desempenho refletiu, em especial, o menor dinamismo nos setores de agropecuária e de construção civil. Esses setores eliminaram 239 vagas de trabalho entre setembro e novembro de 2012, ante a contratação de 3,6 mil trabalhadores no trimestre finalizado em novembro de 2011. No comércio, na indústria de transformação e nos serviços houve incremento nas vagas criadas no trimestre, o que sugere maior dinamismo nesses setores. As 15,4 mil contratações verificadas nessas atividades entre setembro e novembro de 2011 elevaram-se para 18,3 mil no trimestre finalizado em novembro desse ano. Nos onze primeiros meses do ano, foram gerados 35,3 mil empregos formais no estado, ante 52,6 mil em igual período do ano anterior.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no Ceará cresceu 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, com ênfase no crescimento das contratações de 1,4% no comércio, 1% em serviços e 0,4% na indústria de transformação.

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), divulgado pelo IBGE, aumentou 6,70% em 2012, ante elevação de 6,46% em 2011, com a variação dos

Tabela 2.21 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Variação %				
	Pesos ^{1/}	2011		2012	
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,46	1,88	2,88	6,70
Livres	78,6	7,27	2,05	3,51	8,33
Comercializáveis	44,4	6,11	2,27	3,51	6,54
Não comercializáveis	34,2	5,58	1,78	3,49	10,69
Monitorados	21,4	4,36	1,24	0,47	0,69
Principais itens					
Alimentação	29,7	6,14	4,34	5,34	13,29
Habitação	13,9	3,69	1,45	1,07	2,48
Artigos de residência	4,8	1,70	-0,32	0,56	-1,91
Vestuário	8,0	16,14	0,49	4,06	4,46
Transportes	16,9	4,48	0,24	1,29	0,83
Saúde	9,8	5,69	1,08	1,11	5,66
Despesas pessoais	8,6	10,33	2,39	4,17	12,74
Educação	4,3	8,90	0,25	0,13	9,08
Comunicação	4,0	1,28	-0,04	1,45	1,20

Fonte: IBGE

^{1/}Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

preços livres passando de 7,27% para 8,33%, e a relativa aos monitorados, de 4,36% para 0,69%. Ressalte-se que a evolução dos preços livres esteve associada, em especial, à aceleração dos preços de alimentação e bebidas, que variaram 13,29%, ante 6,14% em 2011, e o desempenho dos monitorados refletiu, em parte, a redução registrada em energia elétrica residencial, 11,63%, e em telefone fixo, 2,39%.

Na margem, o IPCA da RMF elevou 2,88% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,88% naquele finalizado em setembro. A variação dos preços livres passou de 2,05% para 3,51%, e a relativa aos monitorados, de 1,24% para 0,47%, esta refletindo, em especial, o aumento nos itens ônibus interestadual, 3,75%, óleo diesel, 1,71%, e gás de botijão, 1,14%.

A trajetória dos preços livres respondeu ao aumento nas variações de preços nos segmentos de bens comercializáveis, de 2,27% para 3,51%, com ênfase nos aumentos ocorridos em arroz, 18,04%, cigarro, 13,47%, e bicicleta, 12,10%, e de não comercializáveis, de 1,78% para 3,49%, ressaltando-se a elevação nos itens farinha de mandioca, 52,31%, excursão, 33,31%, e passagem aérea, 30,80%. O índice de difusão atingiu 60,86% no trimestre encerrado em dezembro, ante 59,20% naquele finalizado em setembro.

A atividade econômica cearense deverá registrar, em 2012, crescimento mais acentuado do que o observado em âmbito nacional. As perspectivas para 2013 contemplam a manutenção da trajetória de crescimento da economia do estado, com ênfase nos impactos da atividade varejista, em ambiente de manutenção do dinamismo do mercado interno local, da retomada recente da atividade industrial e da continuidade dos investimentos de natureza pública e privada, viabilizando projetos estratégicos para o desenvolvimento estadual.

Pernambuco

Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco

Dados dessazonalizados
2002 = 100

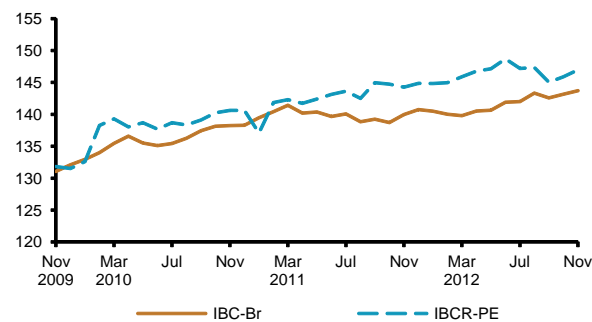
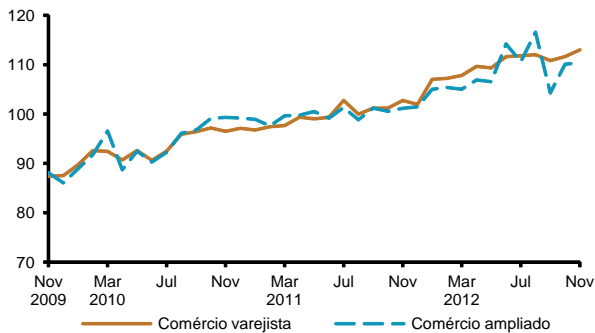


Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.22 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	3,4	2,6	0,0	10,1
Combustíveis e lubrificantes	3,5	-2,9	0,7	5,0
Hiper e supermercados	3,8	2,4	-2,0	6,6
Tecidos, vestuário e calçados	-0,6	1,9	0,2	6,9
Móveis e eletrodomésticos	-0,2	3,3	1,2	16,3
Comércio ampliado	2,1	7,2	-4,9	8,6
Automóveis e motocicletas	-0,9	20,7	-18,4	3,6
Material de construção	7,0	1,3	1,6	18,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB do estado cresceu 1% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao terminado em junho, de acordo com estatísticas dessazonalizadas da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem). Evidenciando, em especial, a retração acentuada registrada na indústria do estado, o IBCR-PE recuou 1,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, período em que havia aumentado 0,8%, na mesma base de comparação. Considerados intervalos de doze meses, o IBCR-PE variou 3,0% em novembro, comparativamente a igual período do ano anterior, ante expansão de 3,6% em agosto.

O comércio varejista em Pernambuco manteve o volume de vendas no trimestre setembro-novembro, em relação ao anterior, quando havia crescido 2,6%, na série ajustada sazonalmente da PMC, do IBGE. O segmento de supermercado apresentou retração de 2,0% e compensou o crescimento nos segmentos de combustíveis, 0,7%, e de móveis e eletrodomésticos, 1,2%. O comércio ampliado recuou de 4,9% no mesmo período, sensibilizado pela retração de 18,4% nas vendas de automóveis e motocicletas, desempenho atribuído parcialmente à concentração de vendas no trimestre anterior, período para o qual havia sido estabelecida a redução tributária.

Considerados os doze meses encerrados em novembro de 2012, relativamente aos doze meses anteriores, o comércio varejista e o comércio ampliado de Pernambuco cresceram 10,1% e 8,6%, destacando-se os segmentos de móveis e eletrodomésticos e de material de construção, que se elevaram 16,3% e 18,2%. Em doze meses até agosto, a expansão do comércio no varejo e o ampliado havia atingido 9,0% e 7,5%, respectivamente.

De acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE, a produção da indústria pernambucana contraiu 5,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 1,2%, na mesma base de comparação. Essa retração foi determinada, principalmente, pela menor produção de açúcar e de produtos químicos. Considerados períodos de doze meses, a indústria desacelerou-se de 3,9% em agosto para 1,6% em novembro, liderada pelo crescimento de 12,3% da metalurgia básica, que superou as diminuições da produção de setores de maior representatividade como a de alimentos e bebidas, -3%, e a de produtos químicos, -2,5%, quando, em igual período até agosto, expandira 3,9%.

Tabela 2.23 – Produção industrial – Pernambuco
 Geral e setores selecionados

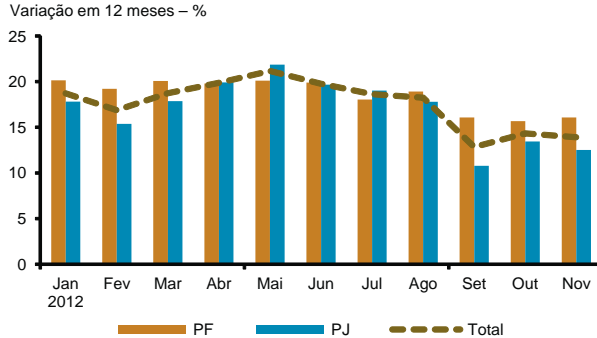
Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	1,2	-5,2	1,6
Alimentação e bebidas	37,0	-0,9	-5,4	-3,0
Química	15,9	6,8	-9,6	-2,5
Metalurgia básica	14,1	2,0	-1,3	12,3
Minerais não metálicos	7,8	1,5	-5,3	4,4
Produtos de metal	6,6	28,4	-1,5	6,3
Borracha e plástico	5,9	2,1	6,5	7,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}
 Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.24 – Produção agrícola – Pernambuco
 Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		Variação % 2012/2011
		Produção ^{2/} 2011	Produção ^{2/} 2012 ^{1/}	
Grãos				
Feijão	6,6	107	32	-70,3
Milho	2,1	124	24	-80,8
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	46,0	17 517	16 656	-4,9
Uva	15,4	209	225	7,7
Banana	6,7	487	425	-12,7
Mandioca	3,8	514	447	-13,1
Tomate	3,0	115	112	-2,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas no estado acumularam saldo de R\$65,5 bilhões em novembro, configurando crescimento de 13,9% em doze meses. No trimestre, a expansão foi 3,7%, com ênfase nas operações vinculadas a serviços públicos (exceto saúde e educação) e refino de petróleo e álcool. No segmento de pessoas físicas, o saldo alcançou R\$26,1 bilhões, aumentando 3,6% no trimestre e 16,1% em doze meses, e o referente ao segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$39,4 bilhões, elevando-se 3,7% no trimestre e 12,5% em doze meses. A taxa de inadimplência nas operações de crédito atingiu 3,01% em novembro, ante 3,20% em agosto, refletindo queda de 0,26 p.p., para 5,52%, no segmento de pessoas físicas, e de 0,14 p.p., para 1,34%, no de pessoas jurídicas.

A forte estiagem em 2012, que afetou grande parte do estado, provocou efeitos desfavoráveis na maioria das lavouras observadas. De acordo com as estimativas do LSPA de dezembro, a lavoura de cana-de-açúcar, com participação no valor da produção agrícola de 46,0%, deverá registrar contração de 4,9% em 2012. Já a produção de grãos deve encerrar o ano com queda de 71,2%, resultado da contração nas safras de feijão e de milho da ordem de 70,3% e 80,8%, respectivamente. Nas demais culturas acompanhadas, apenas a uva apresentou incremento na produção, de 7,7%, por se tratar de lavoura irrigada na região do Vale do São Francisco. As culturas de banana, de mandioca e de tomate apresentaram retração de 12,7%, 13,1% e 2,9%, na ordem.

O terceiro levantamento da safra de cana-de-açúcar, divulgado em dezembro pela Conab, indica que os problemas climáticos impactarão também a colheita de 2012/2013, que deverá sofrer diminuição de 15,5%, em decorrência do declínio de 15,9% na produtividade. Contudo, o levantamento da safra de grãos, publicado em janeiro pela mesma instituição, projeta recuperação dessa produção, que deverá atingir 249 mil toneladas em 2012/2013, ante 73,1 mil toneladas em 2011/2012, refletindo melhoria na produtividade prevista para o feijão e para o milho.

A balança comercial pernambucana foi deficitária em R\$5,3 bilhões em 2012, de acordo com o MDIC, representando expansão de 21,6% com relação ao registrado em 2011. Enquanto as exportações cresceram 10,1%, as importações avançaram 19,1%, atingindo R\$1,3 bilhão e R\$6,6 bilhões, na ordem.

O desempenho das exportações resultou de aumento de 15,1% no *quantum*, e de redução dos preços em 4,3%. Assinale-se o crescimento de 36,3% na comercialização de

Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	1 199	1 320	10,1	-5,3
Básicos	166	155	-6,8	-7,4
Industrializados	1 033	1 165	12,8	-3,6
Semimanufaturados	367	257	-29,9	-8,3
Manufaturados ^{1/}	666	908	36,3	-1,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Contempla os valores de Transações Especiais e Consumo de Bordo.

Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	5 534	6 592	19,1	-1,4
Bens de capital	1 100	866	-21,2	1,5
Matérias-primas	2 209	2 007	-9,1	-2,2
Bens de consumo	641	684	6,7	-1,8
Duráveis	301	341	13,0	-7,8
Não duráveis	339	343	1,1	7,2
Combustíveis e lubrificantes	1 585	3 035	91,5	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

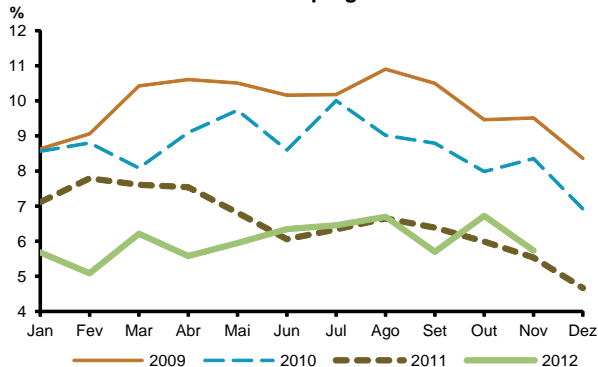
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	40,3	-7,5	-5,6	22,0	23,5
Indústria de transformação	19,2	-9,2	-18,0	8,6	14,5
Comércio	7,5	-1,8	1,9	0,7	9,0
Serviços	13,0	7,2	6,6	2,3	2,9
Construção civil	6,1	2,3	4,5	2,0	-0,5
Agropecuária	-5,4	-6,1	-0,6	8,6	-1,9
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,1	0,1	-0,4	-0,6
Outros ^{2/}	-0,1	0,0	-0,1	0,1	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

manufaturados, sensibilizada pela venda de plataforma de petróleo que correspondeu a 30,7% do total das exportações do estado no período. Em movimento oposto, houve diminuição das vendas internacionais de produtos básicos, de 6,8%, e de semimanufaturados, de 29,9%. Avaliando-se por produtos, assinala-se a redução nas vendas de açúcar, um dos principais componentes da pauta de exportação, que alcançou -39,0%, passando de R\$558,6 milhões, em 2011, para R\$340,7 milhões. Holanda, Estados Unidos e Argentina, nessa ordem, constituíram os principais destinos das exportações e representaram, em conjunto, 53,7% do volume embarcado em 2012.

À semelhança das exportações, o aumento das importações também foi favorecido pela ampliação no *quantum*, de 24,5%, parcialmente compensada pela queda nos preços, de 1,9%. Esse desempenho foi determinado, principalmente, pela elevação de 91,5% nas compras externas de combustíveis e lubrificantes, que representavam 28,6% da pauta em 2011 e passaram a 46,0%, em 2012. Assinala-se também o crescimento de 6,7% das compras de bens de consumo, parcialmente compensado pelo recuo de 21,2% nas aquisições de bens de capital e de 9,1% na de matéria-prima. Estados Unidos, Holanda, China, Argentina e México, nessa ordem, foram a origem de 55,3% das importações do estado no ano.

Em Pernambuco registrou-se a criação de 23,5 mil postos de trabalho formais no trimestre finalizado em novembro, ante 40,3 mil em igual período de 2011, segundo o Caged/MTE, ressaltando-se a redução das contratações líquidas no setor de serviços, de 13,0 mil para 2,9 mil. O índice de emprego formal avançou 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentara 1,0%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A taxa média de desemprego da Região Metropolitana de Recife (RMR) atingiu 6% no trimestre encerrado em novembro, de acordo com a PME do IBGE, apresentando estabilidade em relação a igual período de 2011. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revelou que a taxa de desemprego reduziu 0,4 p.p. em relação ao trimestre anterior, reflexo de expansão de 1,2% na população ocupada e de 1,0% na População Economicamente Ativa (PEA). O rendimento médio real habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas elevou-se 1,4% comparativamente ao trimestre finalizado em agosto, acumulando 7,2% em doze meses.

Tabela 2.28 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/} 2012	Variação % trimestral			
		I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	1,76	1,34	1,48	2,03
Livres	77,7	1,46	1,24	1,84	2,41
Comercializáveis	40,3	0,67	0,52	1,65	2,37
Não comercializáveis	37,5	4,02	2,03	2,06	2,45
Monitorados	22,3	2,82	1,67	0,22	0,72
Principais itens					
Alimentação	25,4	1,26	2,43	3,73	3,73
Habitação	13,7	2,71	2,32	0,83	1,39
Artigos de residência	5,2	-0,81	-1,34	-0,37	2,21
Vestuário	8,0	-0,78	1,29	0,71	1,49
Transportes	15,9	1,92	-0,84	-0,05	1,07
Saúde	12,7	1,16	1,74	1,25	1,30
Despesas pessoais	9,8	4,10	2,65	2,21	2,71
Educação	4,7	8,26	0,21	0,69	0,33
Comunicação	4,5	-0,61	1,12	-0,20	0,94

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a setembro de 2012.

O IPCA da RMR aumentou 2,03% no trimestre encerrado em dezembro, superior à elevação de 1,48% observada no trimestre anterior, refletindo os crescimentos dos preços livres, de 1,84% para 2,41%, e dos preços monitorados, de 0,22% para 0,72%.

O desempenho dos itens com preços livres está associado ao aumento na variação dos preços dos bens comercializáveis, de 1,65% no trimestre até setembro, para 2,37%, até dezembro, destacando-se as elevações de 1,49% nos preços de vestuário, de 4,80% nos de leite e derivados e de 2,70% nos de automóvel novo; e à elevação na variação dos preços dos bens não comercializáveis, de 2,06% para 2,45%, nos mesmos períodos, assinalando-se expansão de 3,36% nos preços da alimentação fora do domicílio e de 38,10% nos de passagens aéreas.

A trajetória dos preços dos itens monitorados por contrato e administrados foi influenciada principalmente pelo aumento de 2,01% nos preços de planos de saúde, de 3,45% nos de gás de botijão e de 1,33% nos de energia elétrica residencial. O índice de difusão do quarto trimestre, de 70,94%, sugere ampliação na propagação das variações dos preços em comparação com o trimestre finalizado em setembro, quando alcançara 67,55%.

Em 2012, a variação do IPCA da RMR situou-se em 6,79%. Os preços livres apresentaram elevação de 7,12%, refletindo variação de 10,24% nos preços da alimentação fora do domicílio, de 16,74% nos dos serviços de empregados domésticos e de 11,20% nos cursos regulares. Os preços monitorados aumentaram 5,52%, influenciados pela expansão de 7,89% nos preços dos planos de saúde, de 7,52% nos das passagens de ônibus urbano e de 5,16% nos de energia elétrica residencial.

A evolução favorável dos indicadores relacionados ao mercado de trabalho e a continuidade das políticas de transferência de renda do governo federal seguem assegurando o crescimento robusto do rendimento médio real no estado, com desdobramentos benignos sobre o comércio varejista. Esse cenário e as expectativas de expansão das operações de crédito, a recuperação da atividade agrícola e a retomada da indústria, em ambiente de continuidade dos investimentos públicos e privados, sustentam as perspectivas de intensificação do dinamismo da atividade econômica no estado nos próximos trimestres.

Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Centro-Oeste

Dados dessazonalizados
2002 = 100

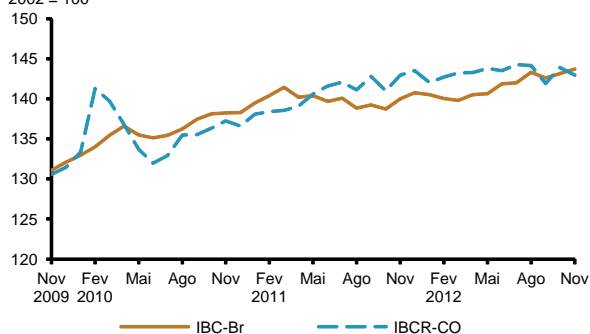
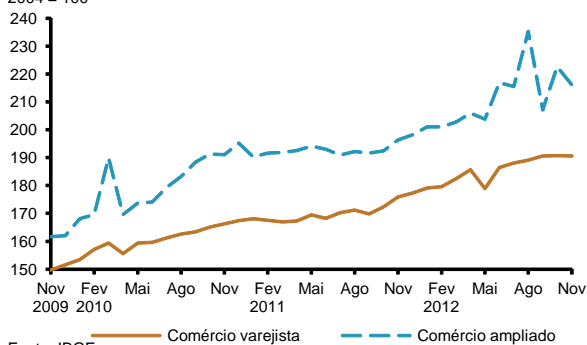


Gráfico 3.2 – Comércio varejista – Centro-Oeste

Dados dessazonalizados
2004 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 3.1 – Índice de vendas no varejo – Agregação para GO e DF^{1/}

Geral e setores selecionados

Setores	2011 Ano	Variação % no período		
		2012		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Comércio varejista	6,3	1,8	0,4	7,8
Combustíveis e lubrificantes	4,1	1,6	1,9	7,7
Hiper e supermercados	4,2	1,2	0,4	6,9
Tecidos, vestuário e calçados	2,7	-0,4	3,5	0,3
Móveis e eletrodomésticos	12,6	3,0	-0,3	14,7
Outros art. de uso pessoal/dom.	4,4	7,7	-1,4	9,1
Comércio varejista ampliado	5,3	7,8	-4,2	7,7
Veículos e motos, partes e peças	3,5	18,2	-12,2	8,7
Material de construção	8,4	4,0	1,8	6,7

Fonte: IBGE

1/ GO e DF são os únicos entes federados da região estratificados pelo IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

As vendas do comércio ampliado, com destaque para o desempenho no Distrito Federal, recuaram no trimestre encerrado em novembro, contrastando com a recuperação da indústria de transformação, em parte explicada pelo maior dinamismo do segmento produtor de medicamentos. Nesse ambiente, o IBCR-CO recuou 0,7% em relação ao trimestre encerrado em agosto, quando havia crescido 0,4%, na mesma base de comparação. Em doze meses até novembro, a economia da região expandiu 2,2% (ante 2,8% em agosto), em relação ao período correspondente de 2011, taxa 1,1 p.p. superior à nacional.

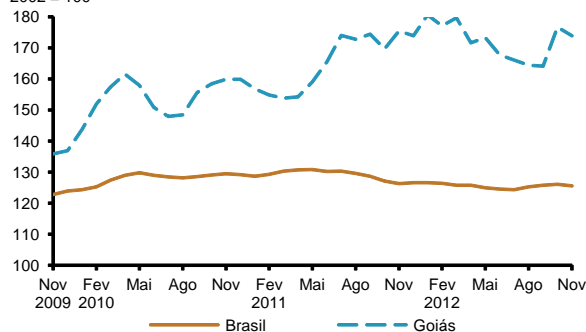
As vendas do comércio varejista na região aumentaram 1,5% no trimestre finalizado em novembro, conforme dados dessazonalizados da PMC do IBGE, ante 3% no trimestre encerrado em agosto. Considerando as unidades da região, houve expansão de 5,6% no Mato Grosso do Sul, de 1,5% no Mato Grosso, de 1,2% em Goiás e decréscimo de 0,8% no Distrito Federal. No comércio ampliado, houve contração de 3,3% nas vendas, especificamente, de 8% no Distrito Federal, 2,2% em Goiás e 2% Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul houve pequeno aumento, de 0,2%.

No comércio do Distrito Federal e de Goiás, assinalem-se os crescimentos, no trimestre, de 3,5% no agregado das vendas de tecidos, vestuário e calçados; de 2,4% em artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; de 1,9% em combustíveis e lubrificantes; e de 0,5% em hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. As vendas de veículos diminuíram 12,2% no mesmo tipo de comparação, e as de material de construção aumentaram 1,8%.

Em períodos de doze meses, as vendas no varejo aumentaram 9,3% em novembro, ante 7,9% registrados em agosto. No Mato Grosso do Sul a expansão atingiu 16,8%; 9,3% em Goiás; 7,3% no Mato Grosso; e 5,2% no Distrito Federal. No agregado de Goiás e Distrito Federal, as vendas de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e as de

perfumaria e cosméticos aumentaram 15,7%, as de móveis e eletrodomésticos cresceram 14,7%, e as de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo elevaram-se 6,5%. No comércio ampliado, foi registrada expansão de 9,8%, determinada pela elevação de 15,1% no Mato Grosso; 9,3% no Mato Grosso do Sul; 8,2% em Goiás; e 6,4% no Distrito Federal.

Gráfico 3.3 – Produção industrial – Goiás
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 3.2 – Produção industrial – Goiás

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % trimestral		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	-5,1	5,8	4,2
Indústria extrativa	7,5	2,1	4,2	2,6
Indústria de transformação	92,5	-5,9	5,3	4,4
Alimentos e bebidas	54,1	-2,5	-1,5	-2,2
Produtos químicos	28,1	-19,3	5,2	16,4
Minerais não metálicos	5,6	-8,4	7,6	6,8
Metalurgia básica	4,7	-4,5	-1,6	6,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

A produção industrial de Goiás, único estado da região incluído na PIM-PF do IBGE, cresceu 5,8% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando havia recuado 5,1% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Esse resultado refletiu a expansão de 5,3% na indústria de transformação, com destaque para o incremento de 5,2% na produção de químicos direcionados à produção de medicamentos, e de 7,6% em minerais não metálicos, impulsionada pela maior produção de cimento. Contudo, houve redução de 1,5% na produção da indústria alimentícia, em especial de itens como maionese, farinhas, óleo de soja, leite e extrato de tomate. Por sua vez, a indústria extrativa apresentou resultado positivo de 4,2%, impulsionada pela maior produção de amianto e pedras britadas.

Considerados períodos de doze meses, a produção industrial de Goiás cresceu 4,2% em novembro, em relação ao período correspondente de 2011, ante 7% em agosto. A indústria extrativa mineral e a de transformação registraram expansão de 2,6% e 4,4%, respectivamente, ressaltando-se, no caso da última, o incremento de 16,4% no segmento de produtos químicos, reflexo da maior fabricação de medicamentos. Por sua vez, no setor de alimentos e bebidas, com representatividade de 54% na estrutura industrial goiana, a produção contraiu 2,2%, com destaque para itens como milho doce preparado, leite em pó, farinhas, maionese, leite esterilizado, refrigerantes e cervejas.

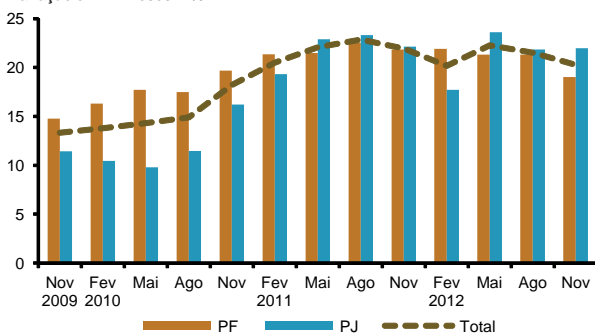
O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei/GO), da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), atingiu 61,9 pontos em dezembro, ante 58,6 pontos em setembro e 59,4 pontos em dezembro de 2011. A evolução trimestral refletiu o aumento de 3,6 pontos no Índice de Condições Atuais e de 3,2 pontos no Índice de Expectativas para os próximos seis meses.

Em termos regionais, o Icei divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) indicou ligeira queda do índice na região Centro-Oeste em dezembro, relativamente ao registrado no mês anterior, na ordem, 59,0, 60,3, situando-se, porém, acima do valor apurado em

dezembro de 2011, 58,2. Assinale-se, contudo, que o fato de o índice se posicionar acima dos 50 pontos indica expectativas favoráveis. Os resultados da Sondagem Industrial, também da CNI, para novembro de 2012, apontaram que os estoques situaram-se abaixo do planejado, 46,5 pontos, e a perspectiva é de aproximação para nível planejado, 48,7.

Gráfico 3.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Centro-Oeste^{1/}

Varição em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil na região totalizaram R\$208,3 bilhões em novembro, aumentando 4,8% no trimestre e 20,3% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas atingiram R\$120 bilhões – elevação de 4,2% no trimestre e de 19% em doze meses –, com destaque para os financiamentos rurais e imobiliários. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$88,3 bilhões – aumento de 5,6% no trimestre e de 22% em doze meses –, com ênfase nas contratações das indústrias de papel e papelão, do comércio atacadista, exceto veículos, e da construção.

A taxa de inadimplência das operações de crédito atingiu 3,38% da carteira em novembro, ante 3,59% em agosto, com ênfase na redução trimestral de 0,30 p.p. no Mato Grosso do Sul e de 0,20 p.p. no Distrito Federal.

Os desembolsos do BNDES para a região Centro-Oeste totalizaram R\$20,1 bilhões em 2012, avanço de 77,1% comparativamente a 2011. Esse desempenho refletiu intensificação dos desembolsos no último trimestre, correspondente a 58% do realizado no ano. Os impactos dos investimentos resultantes desse volume de crédito certamente ainda não se materializaram integralmente.

Tabela 3.3 – Produção agrícola – Centro-Oeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		Variação % 2012/2011
		Produção ^{2/} 2011	2012	
Grãos	81,2	56 090	70 811	26,2
Algodão (caroço)	10,9	1 944	2 061	6,0
Arroz (em casca)	1,1	1 013	745	-26,5
Feijão	2,1	589	659	12,1
Milho	15,0	17 400	30 748	76,7
Soja	51,1	33 768	34 976	3,6
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	13,3	104 322	113 614	8,9
Mandioca	1,1	1 268	1 311	3,4
Tomate	1,0	1 496	1 183	-20,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

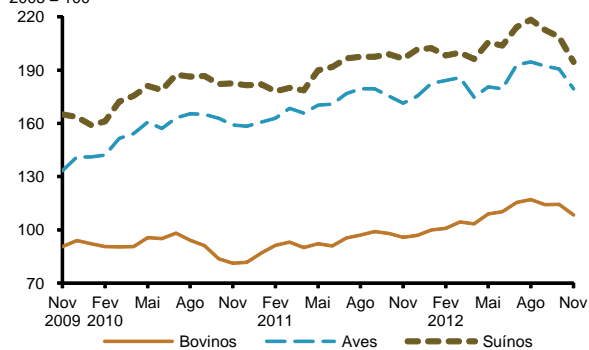
2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

A safra de grãos da região totalizou 70,8 milhões de toneladas em 2012, recorde de produção pelo terceiro ano consecutivo, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE. O crescimento de 26,2% no ano reflete, em especial, a significativa expansão na colheita de milho, 76,7%, decorrente de aumento da produtividade e da área plantada, especialmente na cultura de inverno, quando as cotações elevadas indicavam perspectivas favoráveis aos produtores. Em 2012, a produção de grãos no Mato Grosso (57% da safra da região) cresceu 29,5%. Em Goiás, com participação de 26%, houve expansão de 20,9% e no Mato Grosso do Sul, representando 16%, ampliou 24,8%. Em relação às demais culturas, ressaltou-se o aumento de 8,9% na produção de cana-de-açúcar, concentrada em Goiás e no Mato Grosso do Sul, estados que respondem, respectivamente, por 51% e 34% da safra na região.

Gráfico 3.5 – Abates de animais – Centro-Oeste

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Gráfico 3.6 – Indicador boi gordo

ESALQ/BM&FBovespa

R\$/arroba – Valor à vista



Fonte: Cepea/ESALQ

Tabela 3.4 – Exportação por fator agregado

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Centro-Oeste		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	20 805	25 443	22,3	-5,3
Básicos	17 022	21 204	24,6	-7,4
Industrializados	3 783	4 238	12,0	-3,3
Semimanufaturados	2 883	3 464	20,2	-8,3
Manufaturados ^{1/}	901	774	-14,0	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 3.5 – Importação por categoria de uso

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Centro-Oeste		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	13 029	12 986	-0,3	-1,4
Bens de capital	1 137	1 470	29,3	1,5
Matérias-primas	5 162	4 786	-7,3	-2,2
Bens de consumo	3 953	3 332	-15,7	-1,8
Duráveis	2 223	1 315	-40,9	-7,8
Não duráveis	1 730	2 017	16,6	7,2
Combustíveis e lubrificantes	2 777	3 398	22,3	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

A produção de grãos da região Centro-Oeste deverá diminuir 4,3% em 2013, de acordo com o terceiro prognóstico realizado pelo IBGE em dezembro. Essa projeção considera redução de 21,5% na safra de milho. De um lado, isso se deve à retração de 21,6% da área plantada na colheita de verão e de 22,1% na produtividade da colheita de inverno. Com a recuperação da produção americana de milho prevista para a próxima safra, os produtores voltaram a privilegiar o cultivo da soja, em detrimento do milho, o que elevou as projeções de produção em 12,7%.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, cerca de 96% dos realizados na região, aumentaram 15,9% nos onze primeiros meses de 2012, em relação a igual período do ano anterior, com crescimento de 21,5% no Mato Grosso do Sul. O preço médio do boi gordo aumentou 5,5% no trimestre finalizado em novembro, comparativamente ao encerrado em agosto, mas diminuiu 5% em relação a novembro de 2011. Os abates de aves e de suínos cresceram, respectivamente, 7,1% e 6,6%, no período de janeiro a novembro de 2012.

A balança comercial da região Centro-Oeste apresentou *superavit* de US\$12,5 bilhões em 2012 (60,2% maior que em 2011), de acordo com as informações do MDIC. As exportações totalizaram US\$25,4 bilhões, com aumento de 22,3% na comparação interanual, e as importações mantiveram-se estáveis ao somarem US\$13 bilhões.

O avanço das exportações resultou de variações de 24,6% nos preços e de -1,9% no *quantum* embarcado. As vendas de produtos básicos aumentaram 24,6%, impulsionadas pelos embarques de milho, mais 75,6%, e soja, mais 18%. O faturamento com produtos semimanufaturados aumentou 20,2%, com destaque para ligas de ferro, 113,2%, e açúcar de cana em bruto, 26,8%, cujos impactos foram amortecidos pela redução de 44,5% nas vendas de ouro não monetário. As vendas de produtos manufaturados recuaram 14%, o que, em parte, deve-se à elevada base de comparação, inflada pelo fornecimento de energia elétrica à Argentina em 2011. Os embarques para China, Holanda, Japão, Irã, Tailândia e Espanha compreenderam 51% do total das exportações da região, em 2012.

O desempenho das importações reflete aumento de 7,4% nos preços e redução de 7,2% no *quantum*. As compras de bens de consumo diminuíram 15,7%, o que, em parte, deve-se à diminuição de 44,3% nas compras de automóveis, ante o aumento de impostos para veículos produzidos fora do Mercado Comum do Sul (Mercosul) e do

México. As aquisições de matérias-primas recuaram 7,3%, refletindo decréscimo nas compras de insumos agrícolas, 11,5%; de acessórios de equipamentos de transporte, 9,5%, como caixas de marchas e motores; e de produtos minerais, 10,7%, com destaque para fios e catodos de cobre. Em sentido oposto, cresceram os aportes de bens de capital, 29,3%, com ênfase nas aquisições de máquinas e ferramentas, 151%, especialmente de colheitadeiras, 277%; e maquinaria industrial, 47,7%, cujo aumento foi geral na categoria. Também registraram expansão as aquisições de combustíveis e lubrificantes, 22,3%, relacionados com a compra de gás natural proveniente da Bolívia. Constituíram os principais mercados de origem das importações a Bolívia, os EUA, a Coreia do Sul, a Alemanha, a China e o Japão, que responderam, em conjunto, por 63% das compras da região em 2012.

Na região Centro-Oeste foram eliminados, liquidamente, 9,9 mil postos de trabalho com carteira assinada no trimestre encerrado em novembro, conforme o Caged/MTE, ante 8,9 mil no mesmo trimestre em 2011. A principal contribuição veio da construção civil, 8,9 mil vagas, ante 3,9 mil no mesmo trimestre em 2011. Na agropecuária e indústria de transformação, houve demissão líquida entre setembro e novembro, nos dois casos inferiores às registradas no ano anterior. Nos segmentos de comércio e de serviços foi registrada desaceleração da geração de novos empregos. Desagregando-se por estado, somente no Mato Grosso do Sul houve criação de novos postos no trimestre, 2,2 mil, e em Goiás foram eliminados 8,7 mil, no Mato Grosso, 2,2 mil, e no Distrito Federal, 1,1 mil.

A variação do IPCA da região Centro-Oeste, que agrega Brasília e Goiânia, atingiu 2,19% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,47% no finalizado em setembro. Esse avanço refletiu movimento tanto nos preços livres, que passaram de 1,61% para 2,37%, quanto nos monitorados, de 1,06% para 1,62%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação.

O comportamento dos preços livres no trimestre esteve associado à maior elevação em seus dois segmentos: comercializáveis e não comercializáveis. No primeiro caso, a variação se deslocou de 1,61%, no trimestre finalizado em setembro, para 2,75% no finalizado em dezembro, com destaque para preços de cigarro (14,38%), arroz (13,23%) e de frango inteiro (13,04%). No segmento de não comercializáveis, a variação passou de 1,61% para 2,06% nos trimestres considerados, com as altas mais significativas ocorrendo nos itens passagem aérea, 31,19%, lanche, 4,35%,

Tabela 3.6 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011	2012			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	-8,9	-6,3	62,4	34,9	-9,9
Indústria de transformação	-14,1	-3,0	22,2	8,8	-8,1
Comércio	12,4	-2,6	1,5	2,9	9,7
Serviços	8,6	3,1	20,3	10,9	5,9
Construção civil	-3,9	-6,5	16,0	2,1	-8,9
Agropecuária	-12,1	2,4	0,4	7,0	-7,9
Indústria extrativa mineral	-0,2	0,2	0,9	0,4	-0,3
Outros ^{2/}	0,4	0,1	1,2	2,9	-0,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outras.

e refeição fora do domicílio, 1,54%. A variação dos preços monitorados respondeu, principalmente, à elevação em ônibus interestadual, 11,99%, energia elétrica residencial, 5,55%, e gasolina, 1,39%. O índice de difusão alcançou 61,4% em dezembro, ante 61,1% em setembro.

Na região Centro-Oeste, a inflação acumulada em doze meses atingiu 5,41% em 2012, ante 6,58% no ano anterior. Essa trajetória refletiu a desaceleração, de 7,29% para 6,00% dos preços livres e de 4,69% para 3,56% dos monitorados, nas mesmas bases de comparação. Especificamente sobre preços livres, a variação dos preços dos itens não comercializáveis se deslocou de 10,07%, em 2011, para 7,17% em 2012, com destaque para o aumento de passagem aérea, 30,12%; empregado doméstico, 11,47%; e aluguel residencial, 7,30%. Ainda sobre preços livres, no segmento de comercializáveis a inflação passou de 3,63% para 4,57%, destacando-se a elevação de preços de cigarros, 37,39%; arroz, 27,77%; e frango inteiro, 26,28%. Entre os itens com preços monitorados ou administrados, as maiores elevações ocorreram em energia elétrica residencial, 14,76%; taxas de água e esgoto, 9,74%; e plano de saúde, 7,87%.

A evolução da atividade econômica da região Centro-Oeste no último trimestre de 2012, de um lado, reflete redução das vendas do comércio – em particular de veículos –, de outro, recuperação da indústria e dinamismo da agricultura. Os indicadores de confiança de empresários e consumidores, bem como o cenário para mercado de crédito, entre outros fatores, sugerem ritmo mais intenso de atividades neste e nos próximos semestres.

Tabela 3.7 – IPCA – Centro-Oeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2012	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,00	0,90	0,74	1,47	2,19
Livres	76,39	1,09	0,81	1,61	2,37
Comercializáveis	33,94	-0,37	0,57	1,61	2,75
Não comercializáveis	42,45	2,24	0,99	1,61	2,06
Monitorados	23,61	0,29	0,54	1,06	1,62
Principais itens					
Alimentos e bebidas	22,20	1,32	1,13	2,66	2,36
Habitação	15,62	1,83	1,86	2,76	2,13
Artigos de residência	4,69	-0,96	0,40	0,12	2,82
Vestuário	6,34	-0,35	2,05	1,94	2,64
Transportes	20,78	-0,55	-2,32	0,18	2,67
Saúde	10,11	1,00	1,70	0,89	1,12
Despesas pessoais	10,60	1,85	3,31	1,63	2,76
Educação	4,55	5,24	0,13	0,71	0,59
Comunicação	5,12	0,07	1,14	0,26	0,93

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2012.

Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sudeste

Dados dessazonalizados

2002 = 100

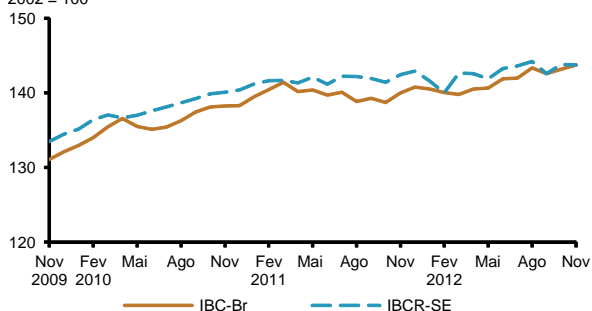
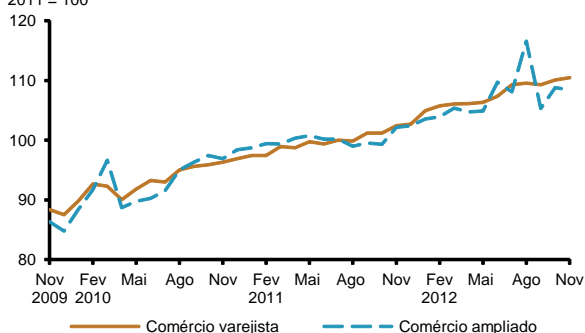


Gráfico 4.2 – Comércio varejista – Sudeste

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1 – Comércio varejista – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011 Ano	2012		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	6,9	2,4	1,1	8,2
Combustíveis e lubrificantes	0,5	3,9	4,1	5,0
Hiper e supermercados	4,2	1,7	0,6	9,0
Tecidos, vestuário e calçados	4,8	2,2	-0,3	1,6
Móveis e eletrodomésticos	17,4	3,8	-0,8	12,1
Comércio ampliado	6,9	6,2	-3,5	7,5
Automóveis e motocicletas	6,4	14,1	-11,9	6,3
Material de construção	8,9	-2,3	2,8	7,3

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia da região Sudeste interrompeu, no trimestre encerrado em novembro, tendência de crescimento observada desde maio, em parte, devido ao desempenho desfavorável do comércio ampliado, notadamente do setor automobilístico, não obstante a expansão da indústria. Nesse contexto, o IBCR-SE recuou 0,2% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando aumentara 0,9%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 1,1% em novembro, ante 1,3% em agosto.

As vendas do comércio varejista da região cresceram 1,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 2,4% no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Esse desempenho refletiu, em parte, o comportamento favorável dos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 5,4%; outros artigos de uso pessoal e doméstico, 5%; e combustíveis e lubrificantes, 4,1%. O comércio ampliado, ao incorporar ao comércio varejista as variações respectivas de -11,9% e 2,8% nas vendas de veículos e de material de construção, recuou 3,5%, ante crescimento de 6,2% no trimestre encerrado em agosto.

Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo aumentaram 8,2% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante 7,6% em agosto. A inclusão das elevações de 6,3% nas vendas de veículos e de 7,3% nas de material de construção resultou em crescimento de 7,5% do comércio ampliado, na mesma base de comparação.

A produção industrial da região aumentou 1,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 0,1% no mesmo tipo de comparação, com base em dados sem sazonalidade da PIM-PF, do IBGE. A indústria extrativa cresceu 1,5%, e a de transformação, 1,8%, ressaltando-se que 15 das 23 atividades pesquisadas apresentaram crescimento no período, com

Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2012		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,1	1,8	-3,5
Indústria extrativa	5,3	-0,8	1,5	-0,7
Indústria de transformação	94,7	0,2	1,8	-3,6
Alimentos	10,9	-3,3	6,3	-3,2
Veículos automotores	9,3	5,8	2,4	-13,4
Refino de petróleo e álcool	9,1	-1,1	4,3	5,2
Outros produtos químicos	7,7	1,7	4,2	1,0
Metalurgia básica	7,6	-1,7	-0,7	-6,8

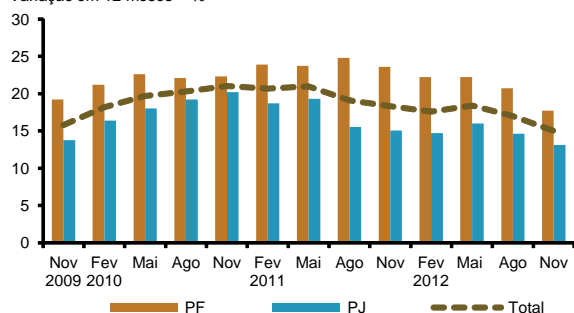
Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.3 – Evolução do saldo das operações de crédito^{1/} – Sudeste

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 4.3 – Desembolsos do BNDES – Sudeste

Discriminação	Var. % acum. 12 meses				2012	
	2009	2010	2011	2012	R\$ milhões	Part. (%)
Sudeste	40,5	36,7	-30,0	6,2	72 440	46
Brasil	50,0	23,5	-18,0	12,3	155 992	100

Fonte: BNDES

Tabela 4.4 – Produção agrícola – Sudeste

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. %
		2011	2012	
Grãos		17 201	19 206	11,7
Arroz (em casca)	0,2	174	153	-12,1
Feijão	2,1	878	887	1,1
Milho	6,7	10 637	12 471	17,2
Soja	4,7	4 446	4 545	2,2
Outras lavouras				
Café	21,9	2 260	2 698	19,4
Banana	2,7	2 253	2 277	1,0
Cana-de-açúcar	40,0	484 030	436 258	-9,9
Laranja	8,3	16 237	15 418	-5,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

ênfase nos resultados da indústria farmacêutica, 7,4%; de alimentos e bebidas, 5,5%; e de refino de petróleo e álcool, 4,3%. Por outro lado, houve retração na produção nos setores máquinas e equipamentos, 7,2%; e edição, impressão e reprodução de gravações, 5,2%.

Considerados períodos de doze meses, a indústria do Sudeste recuou 3,5% em novembro (4,3% em agosto), destacando-se o desempenho nos setores material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (-20,3%); veículos automotores (-13,4%); outros equipamentos de transporte (16,3%); e de refino de petróleo e álcool (5,2%).

O nível de confiança do empresário industrial, avaliado pelo Icei da CNI, atingiu 54,6 pontos em janeiro de 2013, ante 53,8 pontos em dezembro e 55,1 pontos em janeiro de 2012.

O estoque das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas na região totalizou R\$1.223,8 bilhões em novembro, aumentando 3,7% no trimestre e 15,0% em doze meses. No segmento de pessoas físicas, o saldo atingiu R\$500,2 bilhões, elevando-se 3,2% e 17,7%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação, o que, em parte, deve-se ao dinamismo da modalidade financiamento habitacional. A carteira de pessoas jurídicas, com destaque para a modalidade capital de giro, somou R\$723,6 bilhões, elevando-se 4,0% no trimestre e 13,1% em doze meses.

A inadimplência das operações de crédito contratadas na região atingiu 3,1% em novembro, diminuindo 0,2 p.p. no trimestre. As taxas relativas aos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas registraram reduções respectivas de 0,3 p.p. e 0,1 p.p., situando-se, na ordem, em 4,8% e 2%.

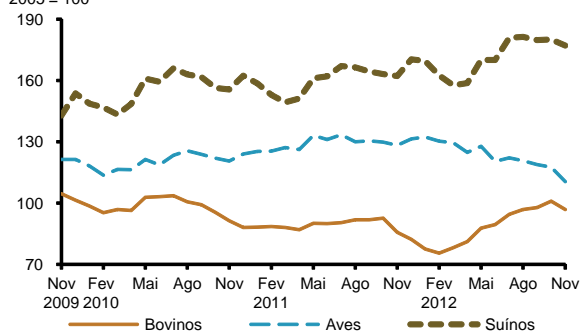
Os desembolsos do BNDES para a região Sudeste cresceram 7,7% no trimestre finalizado em dezembro, ante igual período do ano anterior, acumulando expansão anual de 6,2% e representando 46,4% das operações realizadas no país.

A safra de grãos da região Sudeste registrou expansão anual de 11,7% em 2012, totalizando 19,2 milhões de toneladas e representando 11,9% da produção nacional, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE. Ressalte-se o crescimento nas safras de milho, 17,2%, com aumento de 3,8% na área colhida e de 12,9% na produtividade; soja, 2,2%; e feijão, 1,1%, contrastando com o recuo de 12,1% na produção de arroz, reflexo de redução de 19% na área colhida

Gráfico 4.4 – Abates de animais – Sudeste

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.5 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	145 906	133 701	-8,4	-5,3
Básicos	62 713	52 113	-16,9	-7,4
Industrializados	83 193	81 588	-1,9	-3,3
Semimanufaturados	20 911	18 978	-9,2	-8,3
Manufaturados ^{1/}	62 282	62 610	0,5	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.6 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	124 938	119 012	-4,7	-1,4
Bens de capital	30 761	29 920	-2,7	1,5
Matérias-primas	54 108	52 966	-2,1	-2,2
Bens de consumo	20 556	19 962	-2,9	-1,8
Duráveis	10 650	9 645	-9,4	-7,8
Não duráveis	9 906	10 317	4,2	7,2
Combustíveis e lubrificantes	19 512	16 164	-17,2	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.7 – Evolução do emprego formal – Sudeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	118,2	-73,5	330,6	186,0	87,0
Indústria de transformação	-34,8	-36,1	51,2	12,7	9,8
Comércio	107,8	-32,0	23,7	42,5	99,5
Serviços	126,0	28,3	127,1	62,3	72,6
Construção civil	-3,1	9,4	52,7	18,9	-25,0
Agropecuária	-82,0	-43,0	62,4	41,0	-67,4
Serviços ind. de utilidade pública	-0,0	-0,0	1,7	3,0	1,3
Outros ^{2/}	4,4	0,0	11,7	5,7	-3,8

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

e aumento de 8,5% na produtividade. Cabe citar, ainda, aumento nas produções de café, 19,4%, em ciclo bienal de alta produtividade, e de banana, 1%, e recuo nas safras de cana-de-açúcar, 9,9%, e de laranja, 5%. O IBGE divulgou prognóstico de expansão anual de 0,5% para a produção de grãos em 2013 (11,1% no caso da safra de soja).

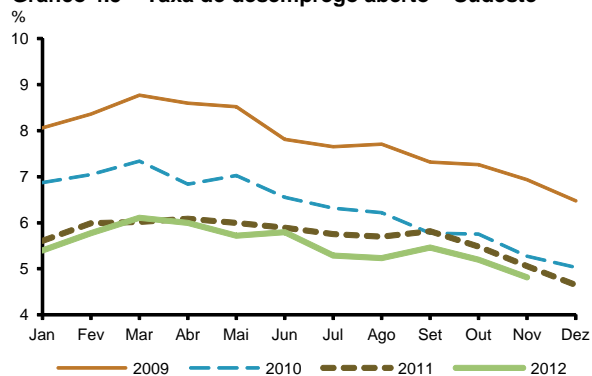
Os abates de bovinos, aves e suínos, realizados em estabelecimentos inspecionados pelo SIF, apresentaram variações respectivas de 1,5%, -6,5% e 7,7%, nos onze primeiros meses de 2012, em relação a igual período do ano anterior, de acordo com estatísticas do Mapa. A expansão do abate de bovinos refletiu, em parte, a recuperação da demanda externa, e a de suínos, o aumento do preço doméstico e do volume de exportação, principalmente no segundo semestre. Em relação à avicultura, a redução dos abates no período repercutiu a diminuição da oferta de aves em razão da elevação dos custos de produção.

O *superavit* da balança comercial da região totalizou US\$14,7 bilhões em 2012, ante US\$21 bilhões no ano anterior, resultado de redução de 8,4% nas exportações e de 4,7% nas importações, que somaram US\$133,7 bilhões e US\$119 bilhões, respectivamente.

A retração das exportações, evidenciando diminuição de 5,3% nos preços e de 3,3% no *quantum*, refletiu, fundamentalmente, a redução de 16,9% e 9,2% nas vendas de produtos básicos e de produtos semimanufaturados, respectivamente. China, EUA, Argentina, Holanda e Índia adquiriram, em conjunto, 47,4% das vendas externas no período.

O desempenho das importações, resultante de aumento de 0,3% nos preços e de redução de 5,0% no *quantum*, repercutiu, principalmente, o recuo nas aquisições de combustíveis e lubrificantes, 17,2%, e de bens de consumo duráveis, 9,4%. As importações originárias dos EUA, da China, da Alemanha, da Argentina e do Japão representaram, em conjunto, 49,3% do total adquirido pela região no período.

Estatísticas do Caged/MTE revelaram a criação de 87 mil empregos formais na região no trimestre encerrado em novembro, ante 186 mil naquele finalizado em agosto e 118,2 mil em igual período de 2011. Destacaram-se, no período, as contratações no comércio, 99,5 mil, e no setor de serviços, 72,6 mil, e a eliminação sazonal de 67,4 mil vagas na agricultura. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,5% em relação ao trimestre

Gráfico 4.5 – Taxa de desemprego aberto – Sudeste

Fonte: IBGE

Tabela 4.8 – IPCA – Sudeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2011	2012		
			Ano	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	6,57	1,33	1,79	5,57
Livres	74,8	6,64	1,63	2,07	6,33
Comercializáveis	33,2	4,55	1,35	2,53	4,29
Não comercializáveis	41,6	8,38	1,85	1,71	8,05
Monitorados	25,2	6,38	0,50	0,97	3,40
Principais itens					
Alimentação	22,4	7,24	2,97	2,74	8,97
Habitação	15,1	6,74	1,37	1,87	6,61
Artigos de residência	4,2	-0,59	0,28	1,27	0,75
Vestuário	6,0	8,38	1,26	2,94	6,49
Transportes	20,1	6,47	-0,22	1,29	0,32
Saúde	11,5	6,76	1,25	1,38	6,28
Despesas pessoais	11,0	8,16	2,35	1,93	10,17
Educação	4,7	8,25	0,62	0,27	7,85
Comunicação	5,0	1,50	0,13	0,48	0,28

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a dezembro de 2012.

encerrado em agosto, quando havia aumentado 0,4%, no mesmo tipo de análise.

De acordo com o IBGE, a taxa média de desemprego do Sudeste, consideradas as regiões metropolitanas de São Paulo (RMSP), Rio de Janeiro (RMRJ) e Belo Horizonte (RMBH), atingiu 5,2% no trimestre encerrado em novembro. A retração de 0,3 p.p. em relação a igual período de 2011 resultou de expansão de 2,3% na população ocupada e de 2% na PEA. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real cresceram, respectivamente, 5,5% e 8%, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego atingiu 5,4% no trimestre encerrado em novembro, mesmo patamar registrado naquele finalizado em agosto.

A inflação na região Sudeste, considerada a média ponderada das variações do IPCA nas RMSP, RMRJ e RMBH, atingiu 1,79% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,33% naquele finalizado em setembro, registrando-se elevação de 2,07% nos preços livres e de 0,97% nos monitorados.

No âmbito dos preços livres, a variação dos preços dos produtos comercializáveis atingiu 2,53%, com destaque para a elevação nos itens carnes e peixes industrializados, 8,11%; vestuário, 2,94%; e leite e derivados, 2,96%. Os preços dos produtos não comercializáveis, registrando desaceleração no trimestre, aumentaram 1,71%, com ênfase no recuo de 18,76% no item tubérculos.

A variação dos preços monitorados traduziu, em especial, a elevação de 2,75% na tarifa de energia elétrica residencial. O índice de difusão médio, evidenciando maior disseminação dos reajustes de preços na região Sudeste, aumentou 2,1 p.p. no trimestre encerrado em dezembro, atingindo 59,1%.

O IPCA da região variou 5,57% em 2012, ante 6,57% em 2011, reflexo de desaceleração dos preços monitorados, de 6,38% para 3,40%, e dos livres, de 6,64% para 6,33%.

A atividade econômica do Sudeste perdeu vigor no trimestre encerrado em novembro, com destaque para a retração das vendas de veículos automotores. Por outro lado, as perspectivas de recuperação da indústria e continuidade do crescimento do comércio varejista e a força da agropecuária sugerem ritmo mais intenso da atividade neste e nos próximos semestres.

Minas Gerais

Gráfico 4.6 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Minas Gerais

Dados desazonalizados
2002 = 100

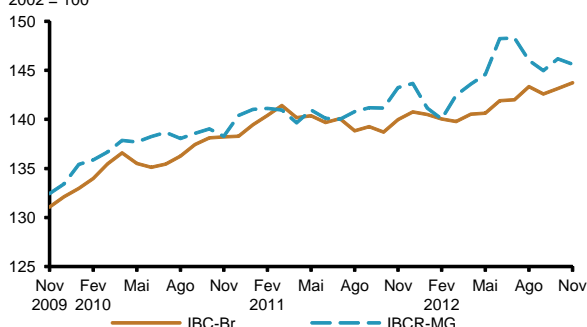


Tabela 4.9 – Índice de vendas no varejo – Minas Gerais

Geral e setores selecionados

Setores	2011 Ano	Variação % no período		
		2012 Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	10,0	2,6	-0,3	7,9
Combustíveis e lubrificantes	0,0	0,7	4,8	6,6
Hiper e supermercados	5,5	2,0	-3,2	3,6
Tecidos, vestuário e calçados	5,8	0,8	1,6	4,5
Móveis e eletrodomésticos	31,1	5,7	1,2	25,1
Comércio ampliado	9,0	2,8	0,7	6,3
Veículos e motos, partes e peças	7,3	5,9	3,6	3,4
Material de construção	8,8	3,0	-0,6	5,5

Fonte: IBGE

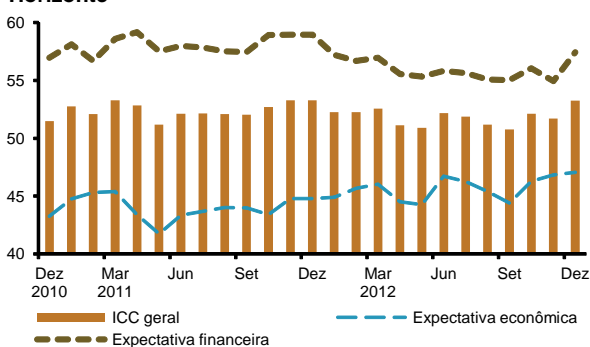
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do estado registrou, no trimestre encerrado em novembro, retração das vendas varejistas – primeiro recuo nessa base de comparação desde fevereiro de 2009; desaceleração no ritmo de contratações do setor de serviços; e retomada da indústria. Nesse cenário, o IBCR-MG contraiu 1,3% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando crescera 2,8%, nesse tipo de comparação. A análise em doze meses revela que o indicador registrou expansão de 3% em novembro, em relação ao período correspondente de 2011, ante 2,9% em agosto, superando a variação do indicador nacional em 1,3 p.p.

As vendas varejistas recuaram 0,3% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando se elevaram 2,6%, na mesma base de comparação, conforme dados dessazonalizados da PMC do IBGE. As vendas no segmento de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, componente de maior peso entre os pesquisados, recuaram 3,2%, e as relativas a móveis e eletrodomésticos aumentaram 1,2%. O comércio ampliado cresceu 0,7% no período, ressaltando-se a expansão de 3,6% registrada nas vendas de veículos, motos, partes e peças.

Em doze meses, as vendas varejistas registraram aumento de 7,9% em novembro, em relação ao mesmo período do ano anterior, ante 8,6% em agosto, com ênfase na elevação de 25,1% e 3,6% nos segmentos móveis e eletrodomésticos, e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, respectivamente. As vendas do comércio ampliado aumentaram 6,3% no período, com crescimentos de 3,4% em veículos e de 5,5% em material de construção.

Gráfico 4.7 – Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte



Fonte: Fecomércio Minas e Ipead/UFMG

O Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH), divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead) e pela Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais (Fecomércio Minas), atingiu 53,2 pontos em dezembro, crescendo 2,5 p.p. em relação a setembro e retornando ao patamar de dezembro de 2011. O componente de Expectativa Econômica aumentou 2,6 p.p., atingindo 47,1 pontos, com destaque para as expectativas relacionadas com a situação econômica do país, que avançou 4 p.p. Já o componente expectativa financeira registrou elevação de 2,4 p.p., ressaltando-se o aumento de 12,5 p.p. na pretensão de compra, que atingiu o valor mais elevado da série desde janeiro de 2007.

Tabela 4.10 – Produção industrial – Minas Gerais

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral		
		2012		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	1,7	3,4	0,9
Indústria extrativa	15,4	-1,5	3,4	-1,6
Indústria de transformação	84,6	1,5	3,2	1,4
Metalurgia básica	17,7	-0,1	-4,2	-5,5
Veículos automotores	16,2	13,1	7,4	3,6
Alimentos	13,7	0,4	-0,5	-0,5
Minerais não metálicos	7,4	-2,0	-0,4	1,4
Outros produtos químicos	6,6	4,6	17,2	21,3

Fonte: IBGE

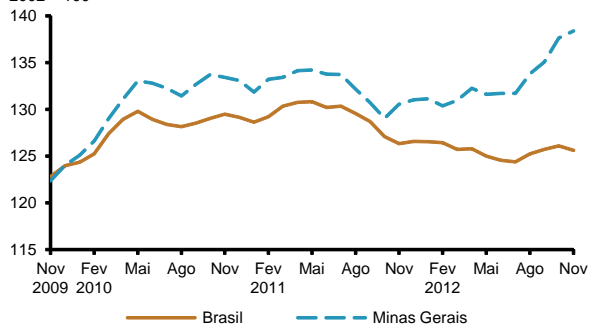
1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.8 – Produção industrial – Minas Gerais

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

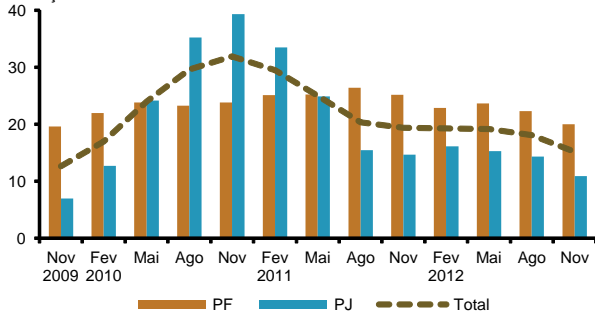
2002 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 4.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Minas Gerais^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

A produção industrial em Minas Gerais expandiu-se 3,4% no trimestre encerrado em novembro em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 1,7%, nesse tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa mineral cresceu 3,4% e a de transformação 3,2%, ressaltando-se a elevação de 7,4% na produção de veículos automotores e de 17,2% na das indústrias de outros produtos químicos, em particular, de inseticidas agrícolas. A indústria alimentícia apresentou contração de 0,5%, e a de metalurgia básica, de 4,2%.

A produção da indústria mineira expandiu 0,9% em doze meses até novembro, em relação a igual período de 2011, ante queda de 1,1% apresentada em agosto. A indústria extrativa decresceu 1,6%, em parte devido a menor exploração de minério de ferro; a de transformação aumentou 1,4%, com incrementos de 3,6% em veículos automotores, de 21,3% em outros produtos químicos e de 1,4% em minerais não metálicos. Os segmentos de metalurgia básica e de alimentos apresentaram redução de 5,5% e de 0,5%, na ordem.

O Icei/MG, divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), atingiu 54,4 pontos em dezembro, ante 57 pontos em setembro e 53,5 pontos em igual mês do ano anterior. O recuo trimestral refletiu a retração de 2,5 pontos e de 2,6 pontos assinaladas no Índice de Condições Atuais e no Índice de Expectativas, respectivamente, para os próximos seis meses.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas em Minas Gerais totalizaram R\$203,7 bilhões em novembro, aumentando 2,9% no trimestre e 15,2% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas, evidenciando o dinamismo das modalidades de financiamento imobiliário e de crédito consignado, atingiram R\$99,6 bilhões, elevando-se 3,8% e 20%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação. O crédito concedido ao segmento de pessoas jurídicas somou R\$104,1 bilhões, incrementos de 2% no trimestre, com ênfase nas contratações destinadas a fabricação de veículos automotores, comércio e reparação de veículos e serviços públicos, exceto saúde e educação, e 10,9% em doze meses. A taxa de inadimplência situou-se em 3,19% em novembro, registrando redução de 0,14 p.p. no trimestre e aumento de 0,29 p.p. em doze meses.

A safra de grãos do estado atingiu o recorde de 12 milhões de toneladas em 2012, elevando-se 12,2% no ano, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE. Esse resultado refletiu, principalmente, o aumento de 16,7% na safra de

Tabela 4.11 – Produção agrícola – Minas Gerais

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2011	2012	
Grãos	26,4	10 698	12 000	12,2
Feijão	4,0	583	634	8,7
Milho	11,9	6 535	7 625	16,7
Soja	8,6	2 941	3 073	4,5
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	18,2	67 725	70 521	4,1
Café	40,0	1 336	1 597	19,6

Fonte: IBGE

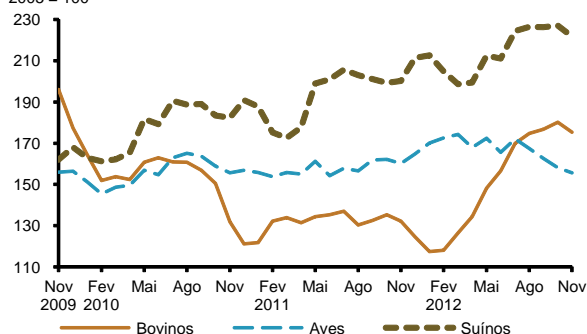
1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Gráfico 4.10 – Abates de animais – Minas Gerais

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.12 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	41 393	33 429	-19,2	-5,3
Básicos	27 011	20 221	-25,1	-7,4
Industrializados	14 382	13 208	-8,2	-3,3
Semimanufaturados	8 079	7 459	-7,7	-8,3
Manufaturados ^{1/}	6 303	5 749	-8,8	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.13 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	13 028	12 054	-7,5	-1,4
Bens de capital	3 850	3 420	-11,2	1,5
Matérias-primas	5 820	5 613	-3,6	-2,2
Bens de consumo	2 125	2 149	1,1	-1,8
Duráveis	1 785	1 740	-2,5	-7,8
Não duráveis	340	408	20,2	7,2
Combustíveis e lubrificantes	1 234	872	-29,3	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

milho, em razão do acréscimo de 9,7% na produtividade e de 6,4% na área plantada. A produção de soja, segunda maior cultura de grãos no estado, cresceu 4,5% no ano. Em relação às demais culturas, assinalem-se os acréscimos de 19,6% na cultura de café, em ciclo bienal de alta produtividade, e de 4,1% na de cana-de-açúcar.

O terceiro prognóstico do IBGE projeta crescimento de 1,4% para a safra mineira de grãos no ano de 2013, ressaltando-se as estimativas de expansão para a produção de soja de 9,5%, e de queda de 1,8% do milho primeira safra. A cultura de café, principal lavoura do estado em termos de valor da produção, deverá registrar decréscimo anual de 9%.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, que compreendem cerca de 70% dos realizados no estado, cresceram 18,4% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2011, e os referentes a aves e a suínos aumentaram 5,4% e 11,2%, respectivamente, na mesma base de comparação.

O *superavit* da balança comercial de Minas Gerais totalizou US\$21,4 bilhões em 2012, reduzindo-se 24,6% em relação a 2011. As exportações somaram US\$33,4 bilhões, e as importações, US\$12,1 bilhões, com decréscimos respectivos de 19,2% e 7,5% no período.

O desempenho das exportações reflete redução de 12,4% nos preços e de 5,6% no *quantum*. Diminuíram os embarques de produtos básicos, 25,1% (25,9% no caso de minério de ferro e 34,9% de café em grão); de produtos semimanufaturados, 7,7% (25,9% no caso de vendas de ferro fundido bruto e ferro *spiegel*); e de manufaturados, 8,8% (49,1% no caso de exportações de automóveis de passageiros). China, EUA, Japão, Holanda, Argentina e Reino Unido adquiriram, em conjunto, 62% das vendas externas do estado em 2012.

A retração das importações refletiu a redução de 5,7% no *quantum* e a expansão de 0,8% nos preços. As compras de bens de capital decresceram 11,2% (31,9% nas relativas à maquinaria industrial); as de combustíveis e lubrificantes, 29,3%; e as de matérias-primas, 3,6%. Por outro lado, as aquisições de bens de consumo elevaram-se 1,1% (nos casos de produtos alimentícios e de toucador, 31% e 24,4%, respectivamente). Cabe notar ainda que as compras de veículos de passageiros diminuíram 6,2% no período. As importações procedentes dos EUA, da China, da Argentina,

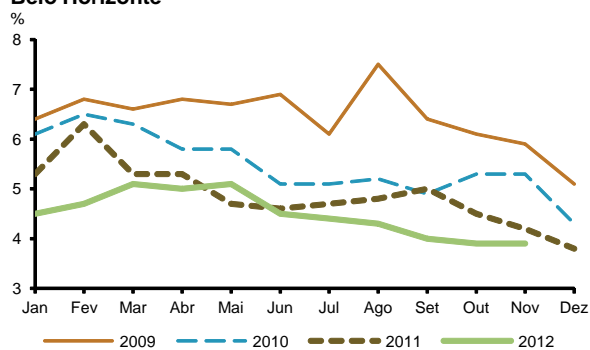
Tabela 4.14 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil)				
	2011	2012			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	16,6	-13,9	84,2	54,9	-10,7
Indústria de transformação	2,0	-10,0	7,7	11,0	7,3
Comércio	27,4	-3,6	6,5	5,6	24,1
Serviços	29,6	10,5	25,6	12,5	8,0
Construção civil	-3,4	-5,1	16,9	8,9	-6,3
Agropecuária	-40,3	-6,9	26,5	15,8	-43,8
Indústria extrativa mineral	1,1	0,8	0,6	0,9	0,3
Outros ^{1/}	0,1	0,4	0,4	0,2	-0,4

Fonte: MTE

1/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outros.

Gráfico 4.11 – Taxa de desemprego aberto – Belo Horizonte



Fonte: IBGE

Tabela 4.15 – IPCA – Belo Horizonte

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2012			
		I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	1,65	1,27	1,42	1,56
Livres	76,3	1,87	1,20	1,75	1,94
Comercializáveis	36,4	0,23	1,10	1,45	2,48
Não comercializáveis	39,9	3,37	1,28	2,02	1,46
Monitorados	23,7	0,95	1,54	0,35	0,35
Principais itens					
Alimentos e bebidas	21,4	1,73	0,90	3,33	3,06
Habitação	15,5	1,37	3,41	1,66	0,89
Artigos de residência	5,2	-0,10	0,37	0,69	-0,39
Vestuário	7,0	-0,58	2,16	3,01	4,46
Transportes	19,5	1,36	-1,24	-1,10	1,23
Saúde	10,8	1,13	1,57	1,17	1,29
Despesas pessoais	11,5	3,86	4,73	2,14	0,51
Educação	4,4	7,44	0,12	0,89	0,25
Comunicação	4,7	-0,22	-0,78	0,50	0,80

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2012.

da Itália, da Alemanha e do México representaram, em conjunto, 65% do total adquirido pelo estado no ano.

Na economia mineira houve eliminação líquida de 10,7 mil postos formais de emprego no trimestre encerrado em novembro, segundo o Caged/MTE, ante geração líquida de 16,6 mil no mesmo período em 2011. A perda de vagas, em parte, deve-se à desaceleração verificada no setor de serviços, que criou 8 mil em 2012, ante 29,6 mil no mesmo trimestre do ano anterior. Note-se ainda que a expansão do emprego na indústria de transformação, em que foram criadas 7,3 mil novas vagas ante 2 mil no mesmo trimestre em 2011, e em outros setores foi insuficiente para cobrir a eliminação 43,8 mil de postos de trabalho na agropecuária, que, em parte, é sazonal, e de 6,3 mil na construção civil.

Conforme a PME do IBGE, a taxa de desemprego média na RMBH no trimestre finalizado em novembro permaneceu em 3,9%, 0,6 p.p. abaixo do registrado no mesmo trimestre em 2011, com base nos crescimentos de 2,4% na PEA e de 3,1% no número de ocupados. A massa salarial real na média trimestral expandiu 11,7% ante o mesmo período do ano anterior (8,2% no rendimento médio real combinado com 3,2% na população ocupada).

O IPCA da RMBH variou 1,56% no último trimestre de 2012, ante 1,42% no encerrado em setembro, resultado associado ao aumento na variação dos preços livres, de 1,75% para 1,94%. Esse segmento foi influenciado pela aceleração dos preços comercializáveis, que passou de 1,45% para 2,48%, tendo como principais elevações as registradas nos itens arroz, 13,62%, calçados e acessórios, 6,08% e carnes, 4,94%. Os preços dos produtos não comercializáveis registraram desaceleração no período, passando de 2,02% para 1,46%, com destaque para a elevação nos preços de passagens aéreas, 37,64%, lanches, 4,88%, e refeição fora do domicílio, 2,57%. A menor variação nos preços dessa categoria no último trimestre foi influenciada pela queda de 33,2% no tomate, de 13,43% na banana-prata, e de 3,37% em serviços bancários, entre outras. A variação trimestral dos preços dos itens monitorados manteve-se em 0,35%, ressaltando-se as elevações nos itens plano de saúde, 1,98%; gasolina, 0,95%; e produtos farmacêuticos, 0,63%. O índice de difusão atingiu 60,3% no trimestre encerrado em dezembro, ante 56,9% no terminado em setembro.

Considerando 2012, a inflação medida pelo IPCA na RMBH atingiu 6,03%, ante 6,79% em 2011, reflexo de relativa estabilidade na variação dos preços livres e acentuada desaceleração, de 6,40% para 3,22%, dos monitorados,

com ênfase no recuo de 2,57% e 0,85% nos itens telefone fixo e gasolina, respectivamente. Entre os preços livres, a variação dos itens comercializáveis atingiu 5,32% no ano, com destaque para as altas nos itens arroz, 38%; cigarros, 20,12%; e pão francês, 11,85%. A variação dos preços dos itens não comercializáveis situou-se em 8,44%, destacando-se as elevações nos itens empregado doméstico, 14,86%; lanche, 12,52%; e aluguel residencial, 10,44%.

As perspectivas para a economia mineira nos próximos trimestres contemplam dinamismo da indústria de transformação e da pecuária e retomada da indústria extrativa, favorecida pela elevação dos preços internacionais do minério de ferro. Esse processo deverá ser favorecido pela robustez do mercado de trabalho e pela expansão do crédito.

Rio de Janeiro

Gráfico 4.12 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio de Janeiro
Dados dessazonalizados
2002 = 100

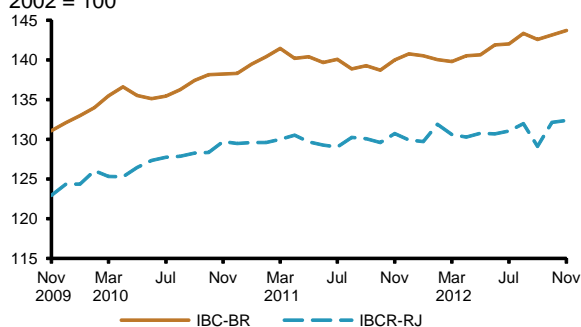


Tabela 4.16 – Índice de vendas no varejo – Rio de Janeiro
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011	2012		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	6,8	2,4	-0,3	3,9
Combustíveis e lubrificantes	-0,1	4,3	2,8	13,5
Hiper e supermercados	2,7	1,7	0,5	1,1
Tecidos, vestuário e calçados	6,4	4,9	-0,8	3,4
Móveis e eletrodomésticos	19,3	0,5	-4,7	7,5
Comércio ampliado	6,6	7,8	-4,5	4,1
Veículos e motos, partes e peças	4,2	20,9	-13,8	1,2
Material de construção	17,2	5,2	3,7	9,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

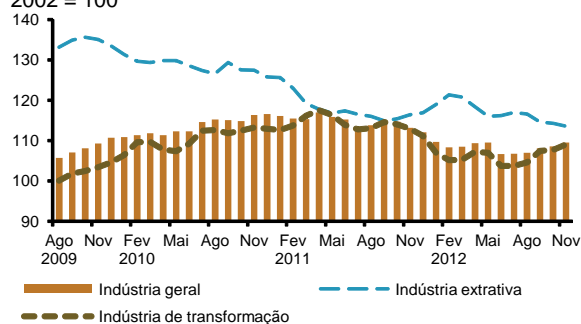
O nível de atividade da economia fluminense manteve-se estável no trimestre encerrado em novembro. Nesse cenário, em que ocorreram expansão moderada do crédito, aquecimento do mercado de trabalho, recuperação da indústria de transformação e recuo nas vendas do comércio, o IBCR-RJ manteve-se no patamar registrado no trimestre encerrado em agosto, quando crescera 0,5%, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador registrou expansão de 0,8% em novembro, em relação ao período equivalente de 2011, ante variação de 0,9% em agosto.

As vendas do comércio varejista diminuíram 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando cresceram 2,4%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Assinalem-se, no período, a contração nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 4,7%; e de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 2,3%. Incluídas as vendas de veículos, motos, partes e peças, que decresceram 13,8%, e o aumento nas vendas de material de construção, 3,7%, o comércio ampliado recuou 4,5% no trimestre analisado. A volatilidade dos resultados do comércio na margem sugere a possibilidade de esgotamento dos efeitos dos estímulos tributários sobre as vendas de móveis, eletrodomésticos e automóveis no Rio de Janeiro, comportamento a ser acompanhado nos próximos meses.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista do estado expandiu 3,9% em novembro, em relação a igual período de 2011, e o comércio ampliado, 4,1%, ante elevação de 4,1% e de 3,6% em agosto, respectivamente.

O Índice de Expectativas do Consumidor, divulgado pela Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ), registrou estabilidade em novembro, em relação a igual mês do ano anterior, após ter crescido 2,2% em outubro.

Gráfico 4.13 – Produção industrial – Rio de Janeiro
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

A produção industrial fluminense aumentou 2,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando contraíra 2,3%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. O resultado refletiu o desempenho da indústria de transformação, que cresceu 4,2%, com destaque para os segmentos de veículos automotores, 25,8%, farmacêutico, 9,4%, e outros produtos químicos, 8,6%, e a indústria extrativa, impactada pela redução da extração petrolífera,

Tabela 4.17 – Produção industrial – Rio de Janeiro

Geral e setores selecionados

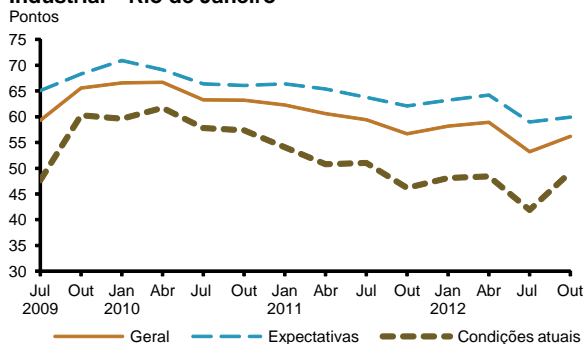
Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	-2,3	2,4	-5,2
Indústria extrativa	18,0	0,5	-2,6	-1,0
Indústria de transformação	82,0	-2,2	4,2	-6,2
Refino de petróleo e álcool	12,4	-5,3	0,2	-2,1
Metalurgia básica	12,0	-1,1	-0,9	-4,3
Veículos automotores	10,7	-16,7	25,8	-31,0
Outros produtos químicos	7,8	-2,6	8,6	7,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

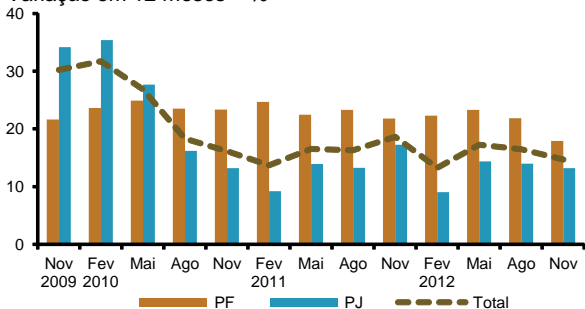
Gráfico 4.14 – Índice de Confiança do Empresário Industrial – Rio de Janeiro



Fonte: Firjan

Gráfico 4.15 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio de Janeiro^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

diminuiu a produção em 2,6%, no período. Considerados intervalos de doze meses, a produção da indústria do estado recuou 5,2% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante contração de 4,9% em agosto, resultado de variações negativas de 6,2% na indústria de transformação, impactada pela queda de 31% na produção de veículos automotores, e de 1% na extrativa.

Os indicadores industriais da Federação das Indústrias do Estado de Rio de Janeiro (Firjan) apresentaram aumento no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, considerados dados dessazonalizados, excetuando-se o recuo de 6,3% nas vendas reais. As horas trabalhadas elevaram-se 0,8%, a massa salarial, 1,1%, e o pessoal ocupado, 0,3%. O Nuci atingiu 80,3% no trimestre finalizado em novembro, ante 79,8% naquele terminado em agosto, patamar em linha com a média da série histórica.

O Icei, divulgado pela Firjan, atingiu 56,2 pontos em outubro, ante 53,2 pontos em julho e 56,7 pontos em igual período de 2011. A evolução trimestral resultou de variação de 0,9 ponto e 7,3 pontos nos componentes expectativas e condições atuais, respectivamente.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil totalizou R\$275,4 bilhões em novembro, dos quais R\$89,9 bilhões no segmento de pessoas físicas e R\$185,5 bilhões no de pessoas jurídicas, expandindo 5% no trimestre setembro a novembro e 14,7% em doze meses. A evolução trimestral refletiu os acréscimos de 2,8% no segmento de pessoas físicas, em especial dos financiamentos imobiliários e cartão de crédito, e 6,1% no relativo a pessoas jurídicas, com ênfase nas modalidades capital de giro e outros financiamentos, e a expansão em doze meses decorreu de aumento de 17,9% e 13,2%, respectivamente. Assinale-se a aceleração no crescimento do crédito a pessoas jurídicas, cuja expansão trimestral anualizada supera expressivamente a taxa anual, e o crescimento no segmento pessoas físicas indica moderação.

A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,61% em novembro, ante 2,81% em agosto, registrando-se decréscimo de 0,34 p.p. no segmento de pessoas físicas e estabilidade no segmento de pessoas jurídicas.

Cultura mais importante do estado, a produção de cana-de-açúcar avançou 10,8% em 2012, de acordo com o LSPA de dezembro, reflexo da expansão de 12,2% na área colhida e da redução de 1,2% na produtividade. Para as

Tabela 4.18 – Produção agrícola – Rio de Janeiro

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2011	2012 ^{2/}	
Grãos				
Feijão	1,0	3,8	3,4	-10,7
Café	6,8	15,6	15,7	0,8
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	27,2	5 138	5 693	10,8
Tomate	21,5	196	196	0,0
Banana	9,5	152	154	1,3
Mandioca	8,9	229	324	41,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Tabela 4.19 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	29 445	28 761	-2,3	-5,3
Básicos	20 008	18 624	-6,9	-7,3
Industrializados	9 437	10 137	7,4	-3,3
Semimanufaturados	2 275	2 075	-8,8	-8,3
Manufaturados ^{1/}	7 162	8 062	12,6	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.20 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	18 988	20 439	7,6	-1,4
Bens de capital	3 259	3 709	13,8	1,5
Matérias-primas	6 335	6 433	1,5	-2,2
Bens de consumo	3 274	3 217	-1,7	-1,8
Duráveis	1 612	1 622	0,6	-7,8
Não duráveis	1 662	1 595	-4,0	7,3
Combustíveis e lubrificantes	6 120	7 078	15,7	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

culturas de mandioca e de banana houve elevação anual de 41,5% e 1,3%, respectivamente, e para o feijão registrou-se queda de 10,7%.

Estimativas da Conab para 2013, divulgadas em janeiro, indicam queda de 1,3% na produção de grãos no estado, comparativamente a 2012, reflexo da redução na área plantada, 4,4%, parcialmente compensada pela perspectiva de aumento da produtividade, 3,3%.

A balança comercial do estado acumulou *superavit* de US\$8,3 bilhões em 2012, ante US\$10,5 bilhões em 2011, de acordo com o MDIC. As exportações totalizaram US\$28,7 bilhões, e as importações, US\$20,4 bilhões, registrando redução de 2,3% e aumento de 7,6% no ano, respectivamente. As vendas e as compras externas de óleos brutos de petróleo, representando, na ordem, 64,2% e 19,3% do respectivo fluxo total, apresentaram diminuição de 7,6% e crescimento de 10,5% no período e proporcionaram *superavit* de US\$14,5 bilhões, mais que compensando o *deficit* de US\$6,2 bilhões resultante das demais transações comerciais do estado.

A contração das exportações decorreu de redução de 0,8% e de 1,5% nos preços e no *quantum*, respectivamente, reflexo da redução nas vendas de produtos básicos de 6,9%. As vendas do estado direcionadas aos EUA, à China e à Índia representaram 53,2% dos embarques realizados em 2012. O crescimento das importações resultou de variações de 0,5% nos preços e de 7,1% no *quantum*, ressaltando-se a elevação de 15,7% nas aquisições de combustíveis e lubrificantes, principalmente gás natural liquefeito com incremento de 1.045%, respondendo por 6,3% das importações em 2012, e de 13,8% de bens de capital. As importações provenientes dos EUA, da Arábia Saudita e da China representaram, em conjunto, 41,6% das compras do estado no período.

A economia fluminense gerou, de acordo com o Caged/MTE, 36,0 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro, ante 30,9 mil naquele finalizado em agosto e 62,0 mil em igual período de 2011, dos quais 21,6 mil no setor de comércio e 14,5 mil em serviços. Considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado cresceu 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto.

A taxa média de desemprego na RMRJ atingiu, de acordo com a PME do IBGE, 4,4% no trimestre encerrado em novembro, ante 5,6% em igual período de 2011, evolução decorrente de crescimento de 2,6% na população ocupada e de 1,2% na PEA. O rendimento médio habitualmente

Tabela 4.21 – Evolução do emprego formal – Rio de Janeiro

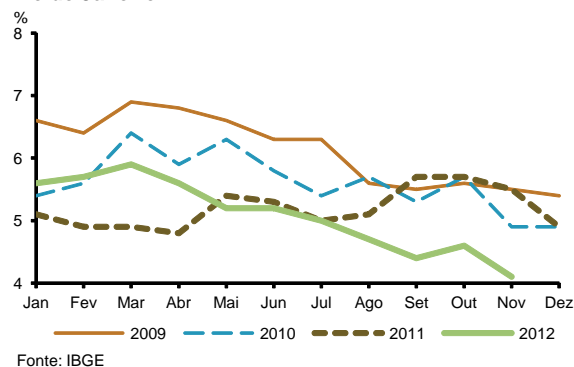
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	62,0	2,8	42,6	30,9	36,0
Indústria de transformação	5,7	0,0	4,9	1,8	5,7
Comércio	24,5	-11,9	3,0	4,6	21,6
Serviços	27,6	7,0	18,6	15,5	14,5
Construção civil	4,1	10,4	12,9	5,9	-2,5
Agropecuária	-1,0	-3,4	2,2	1,5	-2,2
Serviços ind. utilidade pública	0,6	0,3	0,9	1,4	0,1
Outros ^{2/}	0,5	0,5	0,2	0,2	-1,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 4.16 – Taxa de desemprego aberto – Rio de Janeiro



Fonte: IBGE

Tabela 4.22 – IPCA – Rio de Janeiro

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2011		2012	
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,58	1,74	2,27	7,34
Livres	71,6	6,80	2,03	2,56	7,77
Comercializáveis	27,8	5,20	1,71	3,05	6,15
Não comercializáveis	43,8	8,19	2,23	2,26	8,82
Monitorados	28,4	6,10	1,04	1,52	6,27
Principais itens					
Alimentação	22,7	8,18	3,36	2,49	9,40
Habituação	16,8	7,42	1,76	3,06	9,12
Artigos de residência	3,8	0,78	0,84	-0,17	0,76
Vestuário	5,2	8,50	2,33	2,82	6,56
Transportes	18,3	6,43	0,33	1,31	4,47
Saúde	11,8	6,28	1,27	1,68	7,06
Despesas pessoais	10,9	6,03	2,90	5,49	12,95
Educação	4,8	7,21	0,29	0,43	7,39
Comunicação	5,7	1,55	0,25	-0,08	-0,54

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2012.

recebido pelas pessoas ocupadas e a massa de rendimento elevaram-se 2,2% e 5,1%, respectivamente, no período. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revelou que a taxa de desemprego caiu 0,6 p.p. em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando se situara em 5%.

O IPCA da RMRJ alcançou variação de 2,27% no quarto trimestre de 2012, ante variação de 1,74% no trimestre anterior, evidenciando aceleração dos preços monitorados, de 1,04% para 1,52%, e dos livres, de 2,03% para 2,56%. O comportamento dos preços livres refletiu, em especial, a elevação dos preços dos comercializáveis, de 1,71% para 3,05%, uma vez que a variação dos não comercializáveis, após aceleração no terceiro trimestre do ano para 2,23%, mostrou relativa estabilidade nos últimos três meses, 2,26%. No grupo alimentação e bebidas, com variação de 2,49% no trimestre encerrado em dezembro, e diversos produtos *in natura* reduziram seus preços, devolvendo parte dos aumentos do período anterior, outros itens pressionaram o índice, a exemplo de arroz, cujos preços aumentaram 13,75%, de carnes, 5,36%, e de alimentação fora do domicílio, 2,56%. Por sua vez, o grupo habitação aumentou 3,06%, diante do reajuste da energia elétrica de 8,1%, e o segmento de despesas pessoais variou 5,49%, influenciado principalmente pelos aumentos de excursão, 36,73%, de cigarro, 14,82%, e de empregado doméstico, 2,03%. O índice de difusão médio do período alcançou 60%, ante 57,1% no trimestre precedente.

A inflação na RMRJ acumulou 7,34% no ano, segunda maior variação entre as regiões pesquisadas e 1,5 p.p. acima da média nacional. Os preços monitorados registraram incremento de 6,27%, e os livres, de 7,77%, com elevação de 6,15% nos itens comercializáveis e de 8,82% nos não comercializáveis. Os grupos habitação, cujos preços aumentaram 9,12%, transportes, elevação de 4,47%, e despesas pessoais, incremento de 12,95%, foram os principais determinantes para que a variação do IPCA-RMRJ superasse a do índice nacional.

A continuidade da expansão do crédito, ainda que moderada, a preservação da dinâmica do mercado de trabalho e o ambiente de maior confiança do empresariado industrial – reflexo das ações de política adotadas no passado recente, como a desoneração tributária de ramos industriais selecionados, a redução da tributação sobre linhas de bens de consumo, as menores taxas de juros para compra de caminhões, entre outros – favorecem as perspectivas de retomada da atividade fluminense.

São Paulo

Gráfico 4.17 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e São Paulo

Dados dessazonalizados

2002 = 100

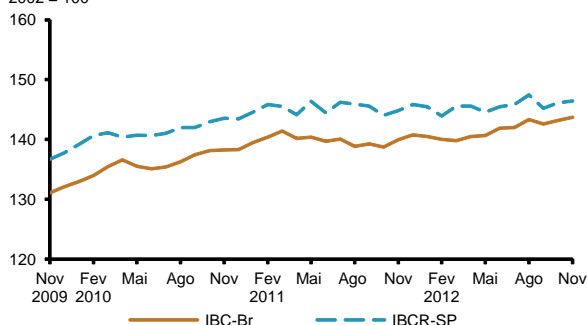


Tabela 4.23 – Comércio varejista – São Paulo

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011	2012		
	Ano	Ago 1 ¹	Nov 1 ¹	12 meses
Comércio varejista	5,9	2,2	2,1	9,5
Combustíveis e lubrificantes	0,6	6,5	4,0	1,5
Hiper e supermercados	4,2	1,5	1,6	13,1
Tecidos, vestuário e calçados	3,5	2,2	-1,1	-0,3
Móveis e eletrodomésticos	13,8	4,1	-0,3	9,6
Comércio ampliado	5,8	5,3	-3,1	9,3
Automóveis e motocicletas	5,5	17,6	-16,1	9,8
Material de construção	6,3	-11,2	5,7	6,1

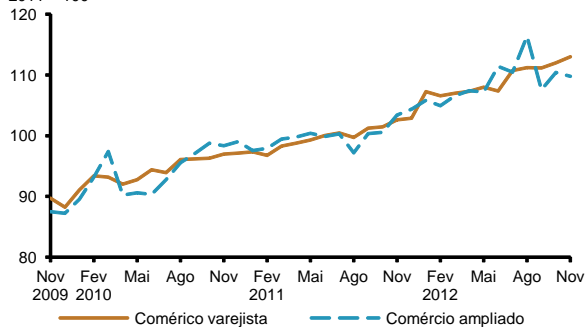
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.18 – Comércio varejista – São Paulo

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

A evolução da atividade econômica em São Paulo no trimestre encerrado em novembro refletiu, em parte, o desempenho desfavorável do comércio ampliado, que repercutiu a retração das vendas do setor automobilístico. Nesse cenário, embora a atividade industrial seguisse em trajetória de recuperação, o IBCR-SP recuou 0,2% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando crescera 0,7%, na mesma base de comparação, conforme dados dessazonalizados. A análise em doze meses revela que o indicador variou 0,7% em novembro, em relação a igual intervalo de 2011, ante 0,8% em agosto.

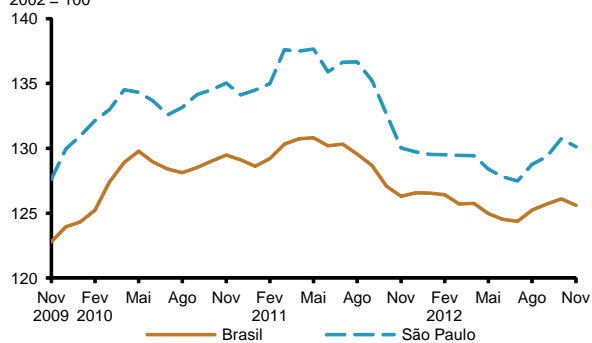
As vendas do comércio varejista cresceram 2,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentaram 2,2%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Sobressaíram as expansões nos segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 9,5%; livros, jornais, revistas e papelaria, 5,1%; e combustíveis e lubrificantes, 4%. O comércio ampliado, incorporando as vendas de veículos, motos, partes e peças, que registraram contração de 16,1%, e as de material de construção, com expansão de 5,7%, recuou 3,1%, ante crescimento de 5,3% no trimestre encerrado em agosto.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado aumentaram 9,5% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante 8,4% em agosto, destacando-se a elevação nos setores equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 22,5%; e hipermercados e supermercados, 13,1%. O comércio ampliado, refletindo aumentos respectivos de 9,8% e 6,1% nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, cresceu 9,3% nessa base de comparação.

A produção da indústria paulista aumentou 1,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 0,3%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve aumentos em treze dos vinte setores considerados na pesquisa, ressaltando-se os registrados nas indústrias de alimentos, 7,9%; farmacêutica, 7,7%; e de refino de petróleo e álcool, 7,3%. Em oposição, houve retração de 7,4% e de 3,9% nas indústrias de máquinas e equipamentos e de edição, impressão e reprodução de gravações, respectivamente.

A análise em doze meses revela que a produção industrial do estado decresceu 4,0% em novembro, em

Gráfico 4.19 – Produção industrial – São Paulo
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.24 – Produção industrial – São Paulo

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,3	1,1	-4,0
Alimentos	11,6	-5,5	7,9	-3,3
Veículos automotores	10,1	4,3	-0,2	-15,2
Refino de petróleo e álcool	9,0	0,1	7,3	7,2
Outros produtos químicos	8,4	1,9	0,8	-2,8
Máquinas e equipamentos	7,5	-1,2	-7,4	-6,6
Farmacêutica	5,7	5,9	7,7	0,7

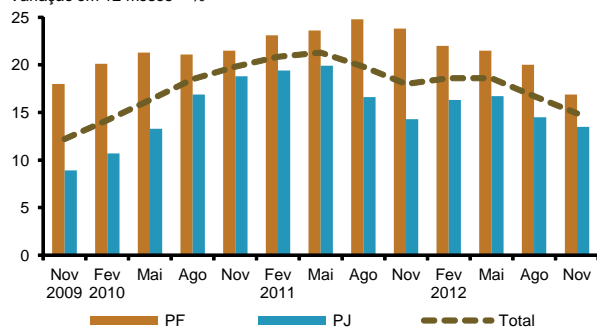
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.20 – Evolução do saldo das operações de crédito – São Paulo^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

relação ao período anterior, ante recuo de 4,8% em agosto. Ressalte-se, no período, a retração de 20,3% nos segmentos de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações e de 15,2% nos veículos automotores, bem como a expansão de 16,3% e 7,2%, na ordem, nas indústrias de outros equipamentos de transporte e de refino de petróleo e álcool.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), cresceu 1,6% no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro, resultado de elevação de 2,6% no componente associado às expectativas e de 0,2% naquele que avalia as condições econômicas atuais. Comparativamente a igual trimestre de 2011, o ICC aumentou 3,7%, registrando aumento de 2,8% e 5,2% nos componentes considerados.

De acordo com estatísticas dessazonalizadas da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), as vendas reais do setor cresceram 3,3% no trimestre finalizado em outubro, em relação ao encerrado em julho, quando haviam crescido 0,7%, nesse tipo de análise. As horas trabalhadas na produção assinalaram variações respectivas de 0,2% e -1,8%, e o Nuci recuou de 81,3%, em julho, para 81,1%, em outubro.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas em São Paulo somou R\$706,8 bilhões em novembro, expansão de 3,4% no trimestre e de 14,9% em doze meses. O volume relativo ao segmento de pessoas físicas totalizou R\$292,5 bilhões, elevando-se 3,1% e 16,9% nos períodos mencionados, destacando-se o dinamismo da modalidade financiamento habitacional. O estoque das operações contratadas com as pessoas jurídicas atingiu R\$414,3 bilhões, crescimento de 3,6% no trimestre e de 13,5% em doze meses, com ênfase no desempenho da modalidade capital de giro.

A inadimplência das operações de crédito em São Paulo situou-se em 3,4% em novembro, com redução de 0,2 p.p. no trimestre. As taxas relacionadas aos segmentos pessoas físicas e jurídicas atingiram 4,8% e 2,4%, respectivamente, com diminuição de 0,2 p.p. e 0,1 p.p., na ordem.

A safra de grãos do estado deverá alcançar 7,1 milhões de toneladas em 2012, segundo estatísticas do LSPA de dezembro, do IBGE. A estimativa de expansão anual de 11,2% é parcialmente atribuída à projeção de crescimento

Tabela 4.25 – Produção agrícola – São Paulo

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. %
		2011	2012	
Produção de grãos		6 375	7 090	11,2
Arroz (em casca)	0,2	81	82	2,0
Feijão	1,0	277	236	-14,9
Milho	3,9	4 001	4 755	18,9
Soja	2,6	1 505	1 472	-2,2
Outras lavouras selecionadas				
Café	3,2	199	313	57,3
Cana-de-açúcar	60,7	406 484	355 392	-12,6
Laranja	14,1	15 330	14 483	-5,5

Fonte: IBGE

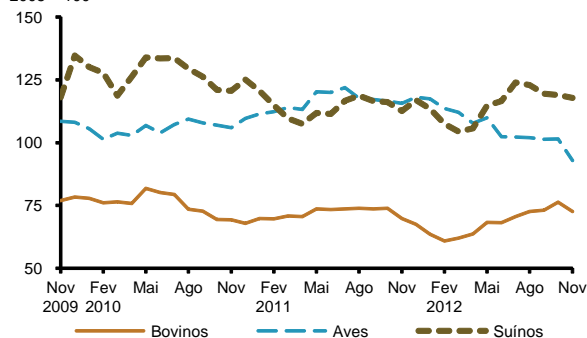
1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Gráfico 4.21 – Abates de animais – São Paulo

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.26 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	59 909	59 350	-0,9	-5,3
Básicos	4 604	4 769	3,6	-7,4
Industrializados	55 305	54 581	-1,3	-3,3
Semimanufaturados	8 258	7 685	-6,9	-8,3
Manufaturados ^{1/}	47 047	46 896	-0,3	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

de 18,9% na colheita de milho, assinalando-se o aumento de 71,4% na segunda safra, beneficiada por condições climáticas favoráveis, levando à expansão esperada no rendimento médio da cultura de 58,2%. Adicionalmente, é projetado crescimento anual de 2% para a safra de arroz, em oposição à diminuição de 14,9% e de 2,2% para a de feijão e a de soja. Quanto às demais lavouras, sobressaem os prognósticos de expansão de 57,3% para a safra de café, em ciclo bienal de alta produtividade, e de retração de 12,6% para a relativa à cana-de-açúcar, prejudicada pela estiagem observada no segundo semestre de 2011, que resultou em redução de 6,7% no rendimento médio. A produção de laranja deverá diminuir 5,5% no ano, em consequência da contração de 9,7% no rendimento médio. O prognóstico para a produção de grãos em 2013, divulgado pelo LSPA de dezembro de 2012, destaca a perspectiva de crescimento da cultura da soja em 14,3%, e a retração para a de arroz em 10,1%.

Os abates de bovinos, aves e suínos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF apresentaram, segundo o Mapa, variações respectivas de -4,2%, -11,8% e 2% nos onze primeiros meses de 2012, em relação ao mesmo período do ano anterior. A redução dos abates de bovinos e aves refletiu a menor oferta de animais para abatedouros em decorrência do aumento dos custos de produção, e o crescimento dos abates de suínos repercutiu a expansão da demanda nos mercados interno e externo.

O *deficit* da balança comercial de São Paulo somou US\$18,5 bilhões em 2012, com diminuição de 17,1% em relação a 2011. As exportações recuaram 0,9%, e as importações, 5,3%, atingindo US\$59,3 bilhões e US\$77,8 bilhões, respectivamente.

A redução das exportações, evidenciando variações de 0,5% nos preços e de -1,4% no *quantum*, refletiu, especialmente, a retração de 6,9% nas vendas de produtos semimanufaturados. Argentina, EUA, China, Holanda e México adquiriram, em conjunto, 40,1% das vendas externas do estado no período.

O comportamento das importações, resultante de variações de 0,1% nos preços e de -5,4% no *quantum*, repercutiu, principalmente, a redução de 30,8% nas aquisições de combustíveis e lubrificantes. No ano, as importações provenientes dos EUA, da China, da Alemanha, do Japão e da Coreia do Sul representaram, em conjunto, 51,6% das vendas externas do estado.

Tabela 4.27 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	82 184	77 822	-5,3	-1,4
Bens de capital	20 907	20 312	-2,8	1,5
Matérias-primas	38 734	38 072	-1,7	-2,2
Bens de consumo	11 824	12 023	1,7	-1,8
Duráveis	4 717	4 599	-2,5	-7,8
Não duráveis	7 107	7 424	4,5	7,2
Combustíveis e lubrificantes	10 719	7 415	-30,8	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.28 – Evolução do emprego formal – São Paulo
Novos postos de trabalho

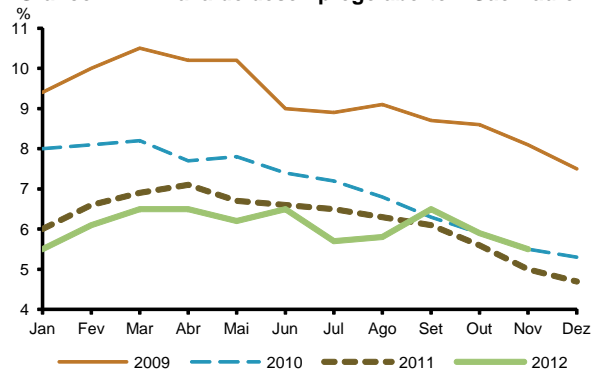
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	30,1	-60,0	185,2	103,5	54,6
Indústria de transformação	-43,1	-23,6	35,8	-1,4	-3,8
Comércio	49,8	-15,3	13,7	30,6	47,3
Serviços	63,5	8,7	79,1	33,2	47,6
Construção civil	-3,2	4,1	20,5	2,9	-14,6
Agropecuária	-38,6	-31,8	25,2	32,3	-20,8
Serviços ind. de utilidade pública	-0,6	-0,6	0,9	1,7	1,3
Outros ^{2/}	2,4	-1,5	10,0	4,2	-2,5

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 4.22 – Taxa de desemprego aberto – São Paulo



Fonte: IBGE

A economia de São Paulo criou, de acordo com o Caged/MTE, 54,6 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 103,5 mil naquele finalizado em agosto e 30,1 mil em igual período de 2011. Foram registradas 47,6 mil contratações líquidas no setor de serviços e 47,3 mil no comércio. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,5% no trimestre terminado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 0,3%, no mesmo tipo de análise.

A taxa de desemprego da RMSP, divulgada pela PME do IBGE, atingiu 6% no trimestre encerrado em novembro, ante 5,6% em igual período de 2011, refletindo aumento de 1,9% no pessoal ocupado e de 2,4% na PEA. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real aumentaram 6,7% e 8,8%, respectivamente, no período considerado. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revelou que a taxa de desemprego atingiu 6,3% no trimestre finalizado em novembro, 0,5 p.p. acima do resultado observado em agosto.

O IPCA da RMSP variou 1,68% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,14% naquele finalizado em setembro, resultado da elevação dos preços livres, de 1,43% para 1,92%, e dos preços monitorados, de 0,30% para 0,93%, esta refletindo, principalmente, a evolução da tarifa de energia elétrica no período.

O desempenho dos preços livres repercutiu aumento de 2,35% nos preços dos produtos comercializáveis, ante 1,19% no terceiro trimestre, em cenário de elevação dos preços de vestuário, móveis e utensílios, carnes e peixes industrializados e leites e derivados. A variação dos produtos não comercializáveis apresentou desaceleração de 1,63%, no terceiro trimestre, para 1,57%, no finalizado em dezembro, favorecida pela queda dos preços dos tubérculos e pela menor pressão exercida por serviços pessoais. O índice de difusão médio aumentou 2,3 p.p. no trimestre, atingindo 58,3%.

Em 2012, o IPCA da RMSP variou 4,72%, ante 6,49% em 2011, evolução decorrente de desacelerações dos preços livres, de 6,58% para 5,56%, e dos monitorados, de 6,21% para 2,19%.

O cenário de recuperação consistente da indústria de transformação, de expansão sustentada do crédito a pessoas jurídicas e de condições de demanda favoráveis – sensibilizadas pelo elevado nível de emprego, crescimento da renda das famílias e do crédito às pessoas físicas – deverá se traduzir no desempenho econômico de São Paulo no

Tabela 4.29 – IPCA – São Paulo

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2011	2012		
		Ano	III Tri	IV Tri	12 meses
IPCA	100,0	6,49	1,14	1,68	4,72
Livres	75,5	6,58	1,43	1,92	5,56
Comercializáveis	34,1	4,46	1,19	2,35	3,23
Não comercializáveis	41,4	8,29	1,63	1,57	7,57
Monitorados	24,5	6,21	0,30	0,93	2,19
Principais itens					
Alimentação	22,7	6,98	2,69	2,71	8,67
Habitação	14,3	5,85	1,11	1,75	5,31
Artigos de residência	4,0	-1,23	-0,08	2,43	0,79
Vestuário	6,0	9,13	0,22	2,46	5,47
Transportes	21,1	6,13	-0,12	1,29	-1,24
Saúde	11,5	6,89	1,28	1,30	6,33
Despesas pessoais	10,8	8,98	2,20	1,03	8,49
Educação	4,8	8,96	0,65	0,21	7,70
Comunicação	4,8	1,37	-0,05	0,58	0,60

Fonte: IBGE

^{1/} Referente a dezembro de 2012.

decorrer de 2013. A expectativa de aceleração da dinâmica da atividade é sustentada, ainda, pelos impactos dos estímulos de política econômica já concedidos, seja em termos de redução de custos de produção, seja em termos de diminuição dos custos financeiros dos investimentos.

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul

Dados dessazonalizados

2002 = 100

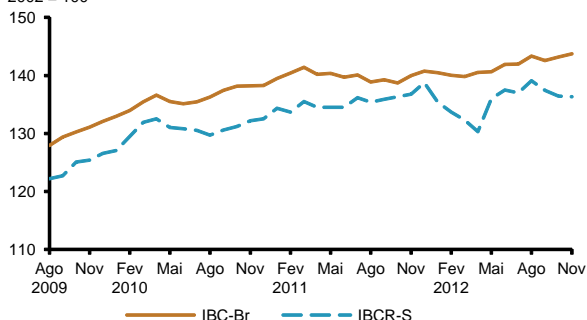
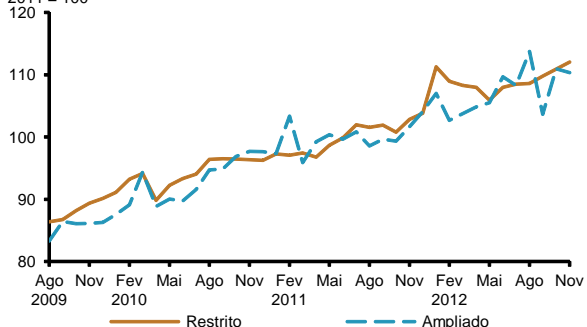


Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2011	2012		12 meses
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	
Comércio varejista	6,4	0,9	2,4	9,7
Combustíveis e lubrificantes	1,1	1,8	3,4	3,5
Hiper e supermercados	4,1	-0,3	3,6	11,2
Tecidos, vestuário e calçados	4,2	1,1	-0,6	5,0
Móveis e eletrodomésticos	14,3	2,3	-1,0	11,4
Comércio varejista ampliado	7,5	5,6	-2,0	8,1
Automóveis e motocicletas	7,6	17,3	-11,6	5,3
Material de construção	14,7	2,3	1,8	9,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O ritmo da atividade econômica na região Sul moderou no trimestre finalizado em novembro. O comércio, o mercado de trabalho e o de crédito mostraram resiliência, com certa fragilidade sendo observada na indústria. Sintetizando a evolução das principais variáveis econômicas, o IBCR-S recuou 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 3,8%, na mesma base de comparação, considerando dados dessazonalizados. O indicador registrou aumento de 0,6% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2011, ante 0,7% em agosto.

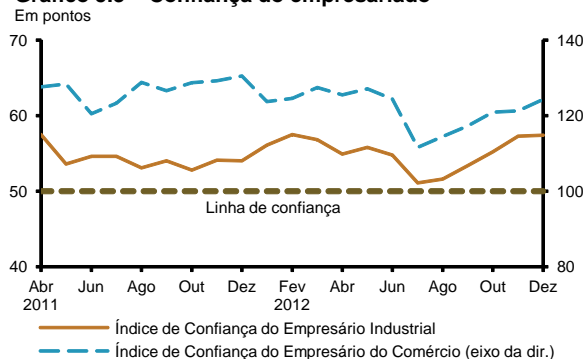
O varejo registrou incremento de 2,4% no trimestre finalizado em novembro, acelerando em relação ao medido em agosto, quando havia crescido 0,9% nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Sete das nove atividades consideradas na pesquisa apresentaram acréscimo nas vendas, com ênfase nos segmentos de hiper e supermercados, 3,6%, e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 4,9%. Inversamente, no conceito ampliado, as vendas trimestrais passaram de crescimento de 5,6% em agosto para retração de 2% em novembro, resultado da redução em 11,6% nas vendas automotivas, parcialmente compensada pelo acréscimo de 1,8% em materiais de construção.

Considerados períodos de doze meses, as vendas do varejo cresceram 9,7% em novembro, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante 9% em agosto, com destaque para o aumento de 11,2% no segmento de hiper e supermercados e de 11,4% no de móveis e eletrodomésticos. Incorporadas as elevações no faturamento real do comércio automotivo, 5,3%, e de material de construção, 9,9%, o comércio ampliado cresceu 8,1% no intervalo de doze meses encerrado em novembro, patamar 0,2 p.p. inferior ao registrado em período semelhante do ano anterior.

De acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), as vendas de

automóveis e comerciais leves novos atingiram 176 mil unidades no trimestre finalizado em novembro – 19% abaixo do trimestre encerrado em agosto e 5,9% acima do de igual intervalo de 2011.

Gráfico 5.3 – Confiança do empresariado



Fontes: CNI e CNC

O Índice Nacional de Confiança (INC) para a região Sul, divulgado pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu 192 pontos em dezembro, ante 182 pontos em setembro e 211 pontos em dezembro de 2011. Pelo quarto mês em sequência, o Sul apresentou o patamar mais elevado dentre as regiões, cuja média nacional atingiu 161 pontos em dezembro. Por outro lado, segundo o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec) da CNI, em dezembro, apenas 22% dos consumidores pretendiam aumentar as compras de bens de maior valor nos próximos seis meses, e os demais declararam que deverão manter ou diminuir o ritmo dessas aquisições.

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec) para a região Sul, elaborado pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), cresceu pelo quarto mês consecutivo e atingiu 124,3 pontos em dezembro, ante 117,3 pontos em setembro e 130,5 pontos em dezembro de 2011. Relativamente ao nível de estoque, observe-se que, após três meses com percepção de que eram excessivos, os empresários avaliaram como adequada a situação atual.

Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-3,5	-1,3	-2,2
Alimentos	19,1	0,7	0,2	-4,0
Veículos automotores	14,1	3,8	-5,3	-6,3
Máquinas e equipamentos	11,7	-4,5	1,4	11,5
Refino de petróleo e álcool	7,3	-2,3	-6,5	3,5
Celulose, papel e produtos de papel	6,9	-3,3	4,8	0,9
Outros produtos químicos	5,7	-11,7	3,7	-4,0
Edição, impressão e reprodução de gravações	5,0	-28,0	-15,9	3,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de novembro.

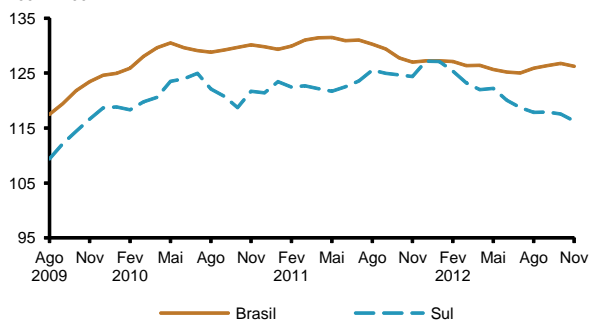
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

No trimestre finalizado em novembro, a produção industrial da região Sul diminuiu 1,3%, em relação ao anterior, quando decrescera 3,5%, no mesmo tipo de análise, conforme dados da PIM-PF Regional do IBGE, agregados e dessazonalizados pelo Banco Central. Das dezenove atividades pesquisadas, sete registraram desempenho negativo, com destaque para edição, impressão e reprodução de gravações, 15,9%, refino de petróleo, 6,5%, e veículos automotores, 5,3%. Em doze meses até novembro, houve recuo de 2,2% (-2,9% em nível nacional) em relação a igual intervalo de 2011, ante queda de 0,1% até agosto (-2,4% em nível nacional).

Em linha com a redução da produção, os indicadores de pessoal ocupado e de horas trabalhadas na indústria diminuíram respectivamente 0,1% e 0,5% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes) do IBGE. Contudo, a folha real de pagamentos aumentou 3,5%. Considerados período de doze meses finalizados em novembro, ante igual referência de 2011, o pessoal ocupado mostrou-se estável, as horas trabalhadas declinaram 1,7%, e a folha de pagamentos real expandiu-se 4,5%.

Gráfico 5.4 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

A produtividade da indústria da região Sul, definida como a relação entre a produção física e o número de horas pagas, conforme divulgado pelo IBGE, recuou 0,9% no trimestre encerrado em novembro, comparativamente ao finalizado em agosto, quando havia diminuído 2,4%, segundo dados dessazonalizados. Em doze meses, o indicador recuou 0,5% até novembro, em relação a igual período de 2011.

O Icei³, divulgado pela CNI, atingiu 46,6 pontos em dezembro, na região Sul, ante 45,7 em setembro, e o indicador nacional assinalou trajetória inversa, 45,9 e 46,7 pontos, respectivamente. No Sul, as empresas de grande porte se mostraram relativamente mais confiantes em dezembro, 48,4 pontos, comparativamente às médias e às pequenas, 47,1 e 43,1 pontos, respectivamente. Apesar da elevação na margem, o indicador geral permanece abaixo de 50 pontos desde fevereiro de 2011.

A Sondagem Industrial realizada pela CNI apontou que o nível de estoques efetivo encontra-se mais próximo ao planejado, com o indicador se posicionando em 51,5 pontos em novembro, ante 52,7 em outubro e 54,9 em novembro de 2011. A percepção sobre estoques na região situa-se em 49,2, próxima aos 50 pontos, e sugere que os níveis atuais são adequados.

O nível de utilização da capacidade instalada da região⁴ elevou-se 0,4 p.p., para 81,1%, no trimestre finalizado em novembro, comparativamente ao terminado em agosto, considerando séries dessazonalizadas. Em doze meses finalizados em novembro, houve redução de 0,1 p.p. comparativamente ao período encerrado em agosto.

As vendas de cimento na região Sul – um indicador do desempenho do setor da construção civil – recuaram 6,1% no último trimestre de 2012, em relação ao terceiro, quando haviam se expandido 5,7% no mesmo tipo de comparação, conforme informações do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC), dessazonalizadas pelo Banco Central. No ano, as vendas cresceram 6,3%, ante 8,1% em 2011, e, no país, a taxa de 2012 repetiu a de 2011, 7,4%.

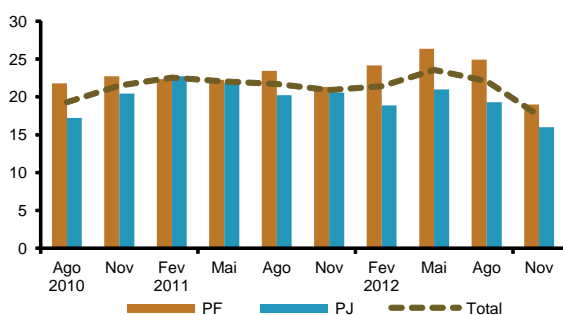
O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas no Sul chegou a R\$409,1 bilhões em novembro, aumentando 4,3% no trimestre e 17,5% em doze meses. As operações com pessoas físicas somaram R\$201,2 bilhões, elevando-se 4,9% e 19%,

3/ Quando se situa abaixo de 50 pontos, o indicador denota falta de confiança dos empresários.

4/ Calculado com base na ponderação dos indicadores de cada estado, divulgados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc) e Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), pela participação das indústrias dos estados respectivos na produção da região, considerada a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE.

Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

Tabela 5.3 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/}		Variação % 2012/2011
		2011	2012	
Grãos	70,1	67 842	55 451	-18,3
Soja	38,5	28 570	17 964	-37,1
Milho	16,3	21 870	22 748	4,0
Arroz (em casca)	7,7	10 111	8 955	-11,4
Trigo	4,3	5 399	4 130	-23,5
Feijão	2,5	1 096	879	-19,8
Outras lavouras				
Fumo	9,2	931	785	-15,7
Cana-de-açúcar	4,5	50 653	50 822	0,3
Mandioca	3,8	5 991	5 784	-3,5
Maçã	1,6	1 334	1 336	0,1
Uva	1,6	985	982	-0,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Tabela 5.4 – Preços médios pagos ao produtor – Sul

Em R\$ por saca

Produtos	Variação % no período		
	2012		
	Mês ^{1/} (Dez)	Trimestre ^{2/} (Out-Dez)	Acumulado no ano ^{3/}
Soja	0,7	-4,7	40,0
Arroz (em casca)	1,7	18,4	38,6
Feijão	9,4	14,3	69,6
Milho	2,3	5,0	3,7
Trigo	5,5	14,3	9,3

Fontes: Emater/RS, Cepa/SC e SEAB/PR

1/ Em relação ao mês anterior.

2/ Em relação ao trimestre anterior.

3/ Até dezembro.

respectivamente, nessas bases de comparação, destacando-se a evolução das modalidades financiamentos rurais e agroindustriais – custeio e pré-custeio, financiamentos rurais e agroindustriais – investimento e capital de giro de financiamento agroindustrial e financiamentos imobiliários – Sistema Financeiro da Habitação (SFH). A carteira de pessoas jurídicas totalizou R\$207,9 bilhões, crescendo 3,8% no trimestre e 16% em doze meses, com destaque para a evolução das operações contratadas pelo comércio atacadista, comércio de outros produtos e serviço de telefonia móvel celular.

Adicionalmente, registre-se que os desembolsos do BNDES⁵ para a região Sul somaram R\$29,1 bilhões em 2012, ante R\$29,7 bilhões no ano anterior.

A taxa de inadimplência das operações de crédito situou-se em 3,2% em novembro, mesmo patamar assinalado em agosto, com aumento de 0,3 p.p. (para 2,8%) na do segmento de pessoas jurídicas e diminuição de 0,3 p.p. (para 3,7%) na de pessoas físicas.

A safra de grãos da região totalizou 55,5 milhões de toneladas em 2012, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, 34,9% da produção nacional, ante 42,6% em 2011. O decréscimo de 18,3% na safra reflete, em grande parte, a redução da produção de soja, 37,1%; de feijão, 19,8%; de arroz, 11,4%; e de trigo, 23,5%, decorrente da estiagem que afetou a região a partir dos últimos meses de 2011. Ainda assim, a produção de milho cresceu 4% em 2012, devido aos bons resultados da segunda safra. Entre as demais culturas, cite-se a safra de fumo, que recuou 15,7%. As cotações médias do feijão, da soja, do arroz, do trigo e do milho apresentaram variações respectivas de 69,6%, 40%, 38,6%, 9,3% e 3,7% no ano, de acordo com estatísticas da Associação Riograndense de Empreendimentos e de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS), do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa/SC) e da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná (Seab/PR).

O Valor Bruto da Produção (VBP) dos principais produtos agrícolas, estimado em dezembro pela Assessoria de Gestão Estratégica (AGE) do Mapa, atingiu R\$58,6 bilhões em 2012, observando-se decréscimo real de 1,4%, relativamente a 2011, com ênfase no recuo de 15,5% associado à cultura de soja e de 3,7% ao trigo, dados corrigidos pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI).

5/ Observe-se que os desembolsos do BNDES estão incluídos no saldo das operações de crédito contratadas na região, que tem por base o Sistema de Informações de Crédito (SCR).

Tabela 5.5 – Indicadores da pecuária – Sul

Novembro de 2012

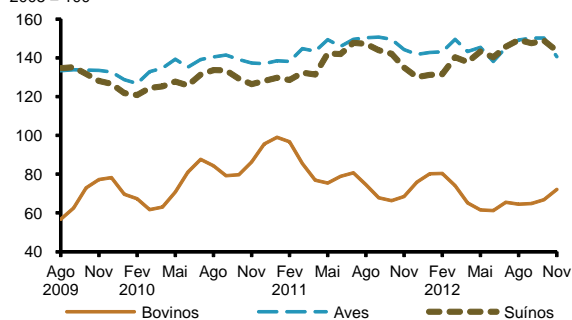
Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	-6,0	-10,1	3,8
Suínos	3,7	5,8	2,8
Aves	-0,5	1,8	9,9

Fonte: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR, Cepa/SC e MDIC

Gráfico 5.6 – Abates de animais – Sul

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 5.6 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	45 872	44 016	-4,0	-5,3
Básicos	21 355	20 917	-2,1	-7,4
Industrializados	24 517	23 099	-5,8	-3,6
Semimanufaturados	4 296	3 863	-10,1	-8,3
Manufaturados ^{1/}	20 221	19 236	-4,9	-1,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.7 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	49 271	49 307	0,1	-1,4
Bens de capital	8 839	9 252	4,7	1,5
Matérias-primas	26 077	25 679	-1,5	-2,2
Bens de consumo	8 875	8 903	0,3	-1,8
Duráveis	5 482	5 177	-5,6	-7,8
Não duráveis	3 393	3 726	9,8	7,2
Combustíveis e lubrificantes	5 480	5 473	-0,1	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

De acordo com o terceiro prognóstico divulgado pelo IBGE para a safra de grãos de 2013, estima-se expansão de 27,9% na quantidade e 4% na área a ser colhida, considerando-se que não ocorram problemas climáticos. A previsão para 2013 supera em 4,5% a observada em 2011, ano em que safra foi recorde, de modo que a região pode voltar a liderar a produção nacional de grãos. Destacam-se o acréscimo na cultura de arroz, que levará o Sul a participar com 78% da produção nacional, e o aumento de 59,1% na quantidade produzida de soja, de 20,5% na de milho e de 12,3% na de trigo.

Os abates de bovinos, suínos e aves, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, variaram -6,0%, 3,7% e -0,5%, respectivamente, no ano até novembro, em relação a igual período de 2011, de acordo com estatísticas do Mapa. As cotações médias desses produtos considerando dados até novembro, comparativamente a igual período de 2011, aumentaram, respectivamente, 3,8%, 2,8% e 9,9%, conforme a Emater/RS, o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Cepa/SC e a Seab/PR. Por sua vez, as exportações registraram variações respectivas de -10,1%, 5,8% e 1,8%, no período.

A balança comercial da região Sul registrou *deficit* de US\$5,3 bilhões em 2012, ante US\$3,4 bilhões no ano anterior, de acordo com o MDIC. As exportações, refletindo variação de -3,9% no *quantum* e de -0,1% nos preços, recuaram 4%, para US\$44 bilhões, e as importações, reflexo de variações de -0,7% na quantidade e de 0,8% nos preços, aumentaram 0,1%, totalizando US\$49,3 bilhões.

As vendas de produtos básicos – 47,5% do total exportado no ano – recuaram 2,1%, com destaque para soja e farelo e resíduos na extração de óleo de soja, -10,6%, e carnes, -5,2%, contrastando com fumo, 11,1%. Os embarques de produtos manufaturados – 43,7% do total – decresceram 4,9%, com redução de 11,7% de polímeros de etileno. As exportações de semimanufaturados – 8,8% do total – recuaram 10,1%, destacando-se a retração de 6,1% nas de açúcar de cana e de 10% nas de óleos de soja em bruto. China, Argentina e EUA adquiriram, em conjunto, 31,4% das vendas externas da região no período.

As aquisições de matérias-primas e produtos intermediários, representando 52,1% das compras externas da região, recuaram 1,5% em 2012 (18,7% nas de naftas). As importações de bens de capital, bens de consumo e combustíveis e lubrificantes, correspondendo a 18,8%,

Tabela 5.8 – Evolução do emprego formal – Sul

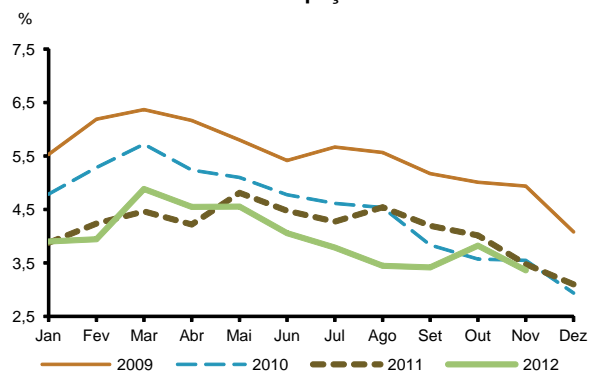
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	101,8	1,5	94,4	38,9	81,1
Indústria de transformação	4,1	-11,2	34,4	1,4	6,6
Comércio	46,5	-9,5	17,8	8,7	43,2
Serviços	38,1	22,4	36,0	22,5	28,1
Construção civil	4,6	0,5	11,6	4,5	-3,0
Agropecuária	7,4	0,4	-8,2	-0,4	7,2
Serviços ind. de utilidade pública	0,7	0,1	0,5	0,6	-0,4
Outros ^{2/}	0,4	-1,2	2,3	1,5	-0,6

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 5.7 – Taxa de desocupação – Sul

Fonte: IBGE e IPARDES

Tabela 5.9 – IPCA – Sul

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % período			
		2011		2012	
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,81	1,46	1,93	5,67
Livres	76,6	6,69	1,73	2,12	6,37
Comercializáveis	37,8	4,17	1,32	2,33	4,90
Não comercializáveis	38,8	9,01	2,12	1,91	7,84
Monitorados	23,4	7,13	0,58	1,32	3,43
Principais itens					
Alimentação	23,8	8,28	3,33	2,66	9,62
Habituação	14,7	7,72	1,29	0,68	5,95
Artigos de residência	4,7	-0,31	1,17	0,58	1,36
Vestuário	7,3	6,38	0,25	3,87	6,31
Transportes	20,1	6,06	0,04	2,15	0,01
Saúde	11,2	6,60	1,54	0,79	5,75
Despesas pessoais	10,0	8,60	1,74	3,13	10,57
Educação	3,8	7,98	1,32	0,35	7,73
Comunicação	4,5	1,72	0,39	0,55	1,50

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2012.

18,1% e 11,1%, respectivamente, da pauta da região, variaram 4,7%, 0,3% e -0,1%, na ordem, salientando-se, no primeiro segmento, o aumento de 45,5% nas compras de veículos de carga. Os produtos provenientes da China, Argentina e Nigéria representaram, em conjunto, 41,5% das importações do Sul no período.

Na região Sul, foram criadas 81,1 mil vagas formais no trimestre encerrado em novembro, ante 101,8 mil em igual período do ano anterior, de acordo com o Caged/MTE. O comércio respondeu pela geração de 43,2 mil vagas e os serviços, por 28,1 mil, destas, 9 mil em administração de imóveis e serviços técnicos e 9,4 mil em alojamento e alimentação. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego da região aumentou 0,6% em três meses até novembro, ante o trimestre encerrado em agosto, quando crescera 0,7% na mesma base de comparação.

A taxa de desemprego da região Sul⁶ alcançou 3,4% em novembro, mesmo nível observado em agosto e 0,1 p.p. abaixo do assinalado em novembro de 2011. A redução da taxa na comparação interanual refletiu aumento de 1,9% na população ocupada e de 1,8% na PEA. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 3,8% em novembro, ante 3,3% em agosto, com aumento de 2,1% na PEA e de 1,4% na população ocupada.

O IPCA na região Sul⁷ variou 1,93% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,46% no finalizado em setembro, refletindo maiores variações de preços livres, de 1,73% para 2,12%, e nos preços monitorados, de 0,58% para 1,32%, esta impactada, principalmente, pelo aumento de 6,22% no preço da gasolina.

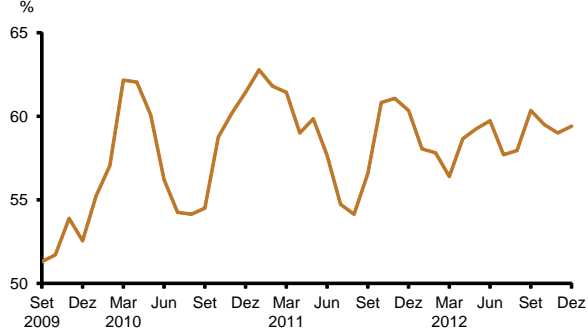
O comportamento dos preços livres refletiu a elevação mais acentuada nos preços dos bens comercializáveis, de 1,32% para 2,33%, destacando-se os aumentos em vestuário, 3,87%, e em itens de alimentação, como bebidas e infusões, 4,34%, e leites e derivados, 4,22%. Houve, por outro lado, arrefecimento na variação dos não comercializáveis, de 2,12% para 1,91%. O índice de difusão atingiu 59,4% no trimestre findo em dezembro, ante 60,3% no trimestre anterior e no encerrado em dezembro de 2011.

A inflação da região Sul acumulou 5,67% em 2012, ante 6,81% no ano anterior, refletindo a desaceleração dos preços livres, de 6,69% para 6,37%, e, especialmente, dos

6/ Calculado com base na taxa de desocupação das regiões metropolitanas de Porto Alegre, conforme a PME do IBGE, e de Curitiba, de acordo com a PME realizada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IparDES), em convênio com o IBGE.

7/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos dessas regiões na composição do IPCA nacional.

Gráfico 5.8 – IPCA – Índice de difusão – Sul
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

preços monitorados, de 7,13% para 3,43%, reflexo em parte de recuo de 0,40% em energia elétrica residencial e de variações menos acentuadas em gasolina e ônibus urbano.

No ano, a trajetória dos preços livres refletiu a menor variação nos preços dos itens não comercializáveis, de 9,01% para 7,84%, destacando-se a queda de 12,80% em automóvel usado. Os preços dos itens comercializáveis avançaram 4,90%, ante 4,17%, impactados, principalmente, pelo aumento em vestuário, 6,31%, em parte compensado pelo recuo de 4,03% em automóvel novo.

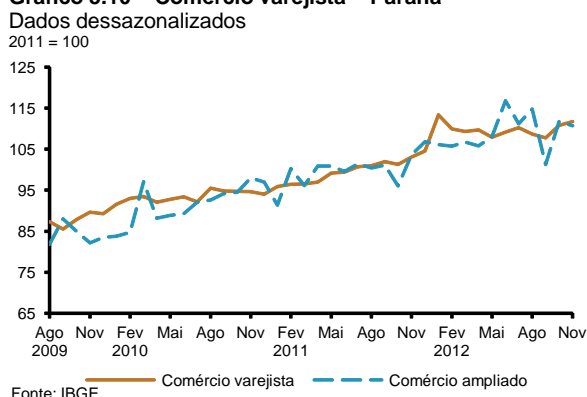
As perspectivas para a atividade econômica na região Sul se mostram favoráveis. Essa avaliação é amparada pelas condições dos mercados de trabalho e de crédito, e pelo aumento da confiança dos agentes. Também apontam nessa direção as estimativas de recuperação da safra agrícola em 2013.

Paraná

Gráfico 5.9 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná
Dados dessazonalizados



Gráfico 5.10 – Comércio varejista – Paraná
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 5.10 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011	2012		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	7,0	0,4	0,6	11,0
Combustíveis e lubrificantes	-3,9	3,3	6,4	8,0
Hiper e supermercados	6,0	-0,9	1,0	11,1
Tecidos, vestuário e calçados	-1,8	1,9	-3,8	5,6
Móveis e eletrodomésticos	16,9	-1,3	-5,7	10,5
Comércio ampliado	8,8	7,0	-5,6	9,9
Automóveis e motocicletas	10,8	20,4	-12,7	9,7
Material de construção	12,1	-2,7	-1,8	5,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica paranaense, influenciada pela retração na produção industrial, registrou menor dinamismo no trimestre encerrado em novembro, quando o IBCR-PR registrou estabilidade relativamente ao trimestre finalizado em agosto, período em que crescera 0,4%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. A análise em doze meses revela que a variação do indicador passou de 3,8%, em agosto, para 2,5% em novembro. O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IparDES) projeta expansão anual de 3,0% para o PIB do estado em 2012.

As vendas do comércio varejista paranaense elevaram-se 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam expandido 0,4%, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio, do IBGE. Os segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, e de combustíveis e lubrificantes apresentaram as maiores expansões, 10,4% e 6,4%, nesta ordem, e a maior redução ocorreu em móveis e eletrodomésticos, -5,7%. Incorporadas a retração de 12,7% nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de 1,8% nas de material de construção, o comércio ampliado decresceu 5,6% no período.

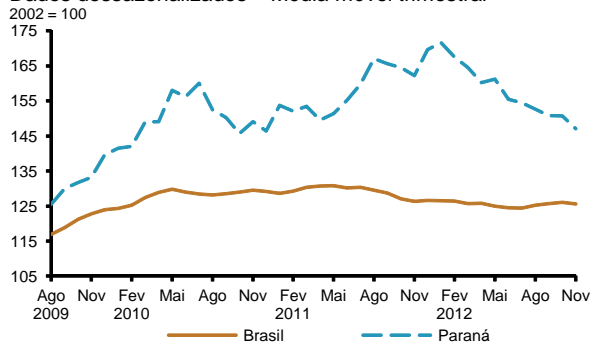
Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo mantiveram taxa de expansão de 11% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante 11,1% em agosto, registrando resultados positivos em seis dos nove segmentos pesquisados, sendo os mais expressivos os de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria, 21,7%, e de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 21,6%. As vendas de veículos, motos, partes e peças elevaram-se 9,7%, e as de material de construção, 5,2%, resultando em crescimento de 9,9% do comércio ampliado no período.

As vendas de veículos novos decresceram 12,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, e 4% ante igual período de 2011, de acordo com estatísticas da Fenabrave-PR e do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná (Sincodiv PR).

A produção da indústria paranaense recuou 3,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando diminuía 5,3%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve redução em sete das quatorze atividades pesquisadas,

Gráfico 5.11 – Produção industrial – Paraná

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

Tabela 5.11 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2012		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-5,3	-3,6	-0,5
Veículos automotores	24,3	8,2	-7,5	-8,1
Alimentos	17,9	-0,1	2,0	2,0
Edição e impressão	11,1	-37,2	-19,6	3,1
Máquinas e equipamentos	8,8	-8,1	2,8	1,6
Refino de petróleo e álcool	8,1	2,0	-4,1	2,2
Celulose e papel	8,0	0,6	2,3	0,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

ressaltando-se as registradas nos segmentos de edição e impressão, 19,6%, veículos automotores, 7,5%, e refino de petróleo e álcool, 4,1%. Em oposição, destacaram-se as recuperações nas atividades de máquinas e equipamentos, 2,8%, e alimentos, 2%, que reverteram o desempenho negativo observado no trimestre anterior.

A análise em doze meses indica que a produção industrial do estado decresceu 0,5% em novembro, em relação a igual intervalo de 2011, ante recuo de 2,5% observado para a média nacional, com ênfase para a queda de 8,1% na produção de veículos automotores, setor de maior peso na estrutura industrial paranaense. Ressalte-se que esse foi o segundo resultado mensal consecutivo negativo registrado por esse segmento, nessa base de comparação, desde abril de 2010.

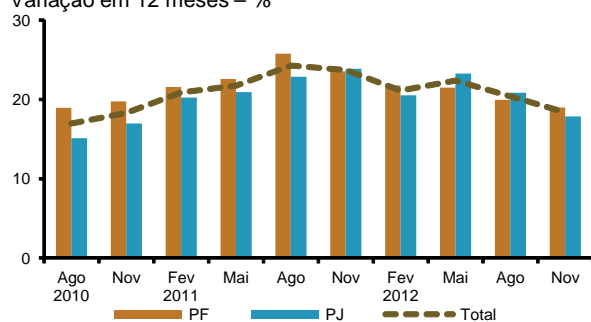
A produtividade da indústria, definida como a relação entre a produção física e o número de horas pagas, decresceu 0,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando diminuía 3,3%, na mesma base de comparação, conforme dados dessazonalizados do IBGE. Considerados períodos de doze meses, o indicador recuou 1,4% em novembro, ante 2,9% em agosto, em relação a iguais intervalos de 2011.

As vendas reais da indústria paranaense recuaram 0,5% nos trimestres encerrados em novembro e agosto, comparativamente aos períodos anteriores, de acordo com as estatísticas dessazonalizadas da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), com ênfase para a queda de 14% nas vendas do setor de fabricação e montagem de veículos, no intervalo de setembro a novembro, ante aumento de 1,6% no trimestre finalizado em agosto. Destacaram-se, positivamente, na mesma base de análise, as elevações nas vendas dos segmentos material eletrônico e de comunicações, 16,2%, metalurgia básica, 8,4%, edição e impressão, e produtos alimentícios, ambos com expansão de 2,3%. O Nuci médio do trimestre alcançou 77,3% em novembro, 1,3 p.p. superior ao assinalado em agosto. O emprego expandiu 0,4%, e o salário, 28,6%, favorecido pelo pagamento do 13º salário e de dividendos.

Considerados períodos de doze meses, as vendas reais da indústria aumentaram 2,7% em novembro, relativamente a igual período de 2011, com ênfase para o crescimento nos segmentos de material eletrônico e de comunicações, fabricação e montagem de veículos automotores e máquinas e equipamentos, com variação de 25,6%, 17,4% e 15,2%, na ordem.

Gráfico 5.12 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Varição em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil, realizadas no Paraná, totalizou R\$151,4 bilhões em novembro, elevando-se 4,9% no trimestre e 18,4% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas somaram R\$74,4 bilhões, aumentando 5% e 19%, respectivamente, com ênfase no dinamismo das modalidades financiamento imobiliário e financiamento rural e agroindustrial. A carteira das pessoas jurídicas atingiu R\$77 bilhões, registrando variação respectiva de 4,8% e 17,9% nos períodos mencionados, ressaltando-se o desempenho dos empréstimos para comércio atacadista e para serviço de telefonia móvel celular. A comparação entre as taxas de crescimento trimestral anualizadas e a taxa de expansão em doze meses aponta moderada aceleração do crédito nos dois segmentos.

A taxa de inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 3,09% em novembro, diminuindo 0,18 p.p. no trimestre e aumentando 0,12 p.p. em doze meses. A evolução trimestral decorreu de reduções de 0,30 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,08 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 3,74% e 2,46%.

De acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, a safra de grãos do Paraná totalizou 31,1 milhões de toneladas em 2012, respondendo por 19,1% da produção agrícola do país. Esse resultado, que representa a redução anual de 2,2%, reflete os efeitos das condições meteorológicas desfavoráveis registradas sobre a safra de verão, especialmente sobre a lavoura de soja, cuja produção foi 29,2% menor no ano. A produção de milho, a despeito das perdas registradas na safra de verão, expandiu 34,4% no ano, somando 16,7 milhões de toneladas, em decorrência do crescimento de 61% na produção da segunda safra. Quanto ao trigo, a produção anual recuou 12,5%, evolução associada ao declínio de 26% na área cultivada, em virtude de dificuldades de comercialização da safra anterior e dos baixos preços vigentes à época de cultivo. A produção anual de feijão recuou 16,9% no ano, penalizada pela quebra de 35% na primeira safra.

De acordo com estatísticas da Seab/PR e do Departamento de Economia Rural do Estado do Paraná (Deral), divulgadas em dezembro, a produção de grãos do estado totalizou 31 milhões de toneladas em 2012, redução de 3% no ano, em virtude de expansão de 2% na área plantada e decréscimo de 4% na produtividade. Na safra de verão 2012/2013, a produção deverá alcançar 22,8 milhões de toneladas, expansão de 27%. Essa trajetória reflete, em parte, o impacto da ampliação de 5% na área cultivada de soja, cuja produção deverá atingir 15,3 milhões de toneladas,

Tabela 5.12 – Produção agrícola – Paraná

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		Variação % 2012/2011
		Produção ^{2/} 2011	2012	
Grãos	76,2	31 821	31 122	-2,2
Feijão	4,0	815	678	-16,9
Milho	19,3	12 442	16 723	34,4
Soja	44,4	15 458	10 939	-29,2
Trigo	4,3	2 428	2 124	-12,5
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	8,9	49 272	49 840	1,2
Fumo	3,5	172	151	-11,9
Mandioca	4,0	4 179	4 063	-2,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

41% superior à safra de 2012. Assinale-se também o bom desempenho esperado para o milho, com produção estimada de 7 milhões de toneladas para a primeira safra, 6% superior à primeira do ano anterior, e de 11,4 milhões de toneladas para a segunda, uma expansão de 15%, refletindo a expectativa de crescimento de 2% na área cultivada. De acordo com o quarto levantamento do Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2012/2013 da Conab, divulgado em janeiro, a safra de grãos do Paraná deverá expandir-se 12,6% em 2013, decorrente de aumentos de 37,8% para a colheita de soja, de 1,2% para a de milho e de 3,5% para a de feijão.

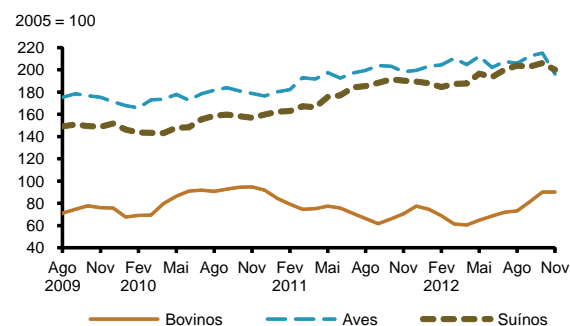
O VBP agrícola do estado⁸ registrou aumento de 10% em 2012, evolução associada, em especial, ao desempenho favorável da produção e das cotações de milho, que se mantiveram em patamares elevados ao longo do ano, e à elevação de 41% nos preços médios da soja, principal produto da agricultura paranaense, que compensou a queda significativa da produção da *commodity*.

Os abates de aves, de suínos e de bovinos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações respectivas de 4,7%, 9,6% e 7% no período de janeiro a novembro de 2012, em relação a igual período do ano anterior, representando, na ordem, 30%, 20% e 4% dos abates realizados no país. Em 2012, de acordo com a Seab/PR, os preços médios recebidos pelos produtores paranaenses de aves, de suínos e de bovinos registraram aumentos de 20,5%, 17,1% e 6,7%, respectivamente, em relação ao ano anterior.

A balança comercial do estado registrou *deficit* de US\$1,7 bilhão em 2012, decorrente de elevações de 1,8% nas exportações e de 3,3% nas importações, que somaram, na ordem, US\$17,7 e US\$19,4 bilhões. A corrente de comércio expandiu 2,6%.

A evolução das exportações, refletindo variações de 2,6% no *quantum* e de -0,8% nos preços, foi condicionada pelos resultados da agricultura e pela menor demanda internacional por produtos manufaturados. As vendas externas de produtos básicos cresceram 5,1% em 2012, resultado da expansão nos embarques de milho, 152,8%, favorecida pela quebra de safra nos Estados Unidos, de farelo e resíduos da extração de óleo de soja, 4,4%, e de carne de frango, 1,35%. Os embarques de soja em grãos, principal produto exportado pelo Paraná, registraram retração de 1,9% no período, devido à menor produção da oleaginosa, prejudicada pela estiagem ocorrida no estado.

Gráfico 5.13 – Abates de animais – Paraná
Média móvel trimestral



Fonte: Mapa

8/ Estimado com base no LSPA de dezembro e da variação dos preços médios recebidos pelos produtores em 2012, comparativamente a 2011, divulgados pela Seab/Deral.

Tabela 5.13 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-Dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	17 394	17 710	1,8	-5,3
Básicos	7 952	8 357	5,1	-7,4
Industrializados	9 442	9 353	-0,9	-3,6
Semimanufaturados	2 411	2 275	-5,6	-8,3
Manufaturados ^{1/}	7 031	7 078	0,7	-1,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.14 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-Dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	18 768	19 387	3,3	-1,4
Bens de capital	3 668	4 003	9,1	1,5
Matérias-primas	8 794	9 361	6,5	-2,2
Bens de consumo	3 771	3 387	-10,2	-1,8
Duráveis	2 694	2 321	-13,9	-7,8
Não duráveis	1 076	1 066	-0,9	7,2
Combustíveis e lubrificantes	2 535	2 635	3,9	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.15 – Evolução do emprego formal – Paraná
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	30,4	-5,5	47,5	19,2	22,0
Indústria de transformação	1,5	-7,3	14,0	3,0	2,4
Comércio	17,0	-2,8	8,5	5,6	15,2
Serviços	12,2	8,1	13,6	8,2	7,0
Construção civil	0,6	0,5	5,1	0,9	-2,0
Agropecuária	-2,0	-4,1	5,3	0,7	-0,7
Serviços ind. de utilidade pública	0,5	0,1	0,4	0,2	0,0
Outros ^{2/}	0,5	0,1	0,6	0,7	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral e administração pública.

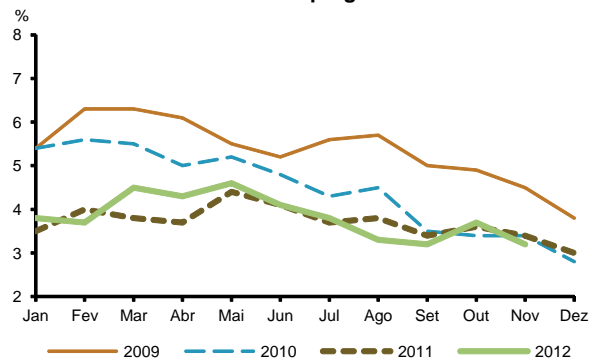
A exportação de bens industrializados recuou 0,9% no período, motivada pela redução de 5,6% nas vendas de produtos semimanufaturados, com destaque para açúcar de cana em bruto, -6,1%, e óleo de soja em bruto, -3%; e pelo aumento de 0,7% nos embarques de produtos manufaturados, sensibilizados pela diminuição de 12,7% nas vendas externas de automóveis de passageiros, especialmente para o México, -54,3%, e para Alemanha, país para o qual o estado deixou de exportar esse produto em 2012. As vendas para China, Argentina, Alemanha, Países Baixos e Estados Unidos representaram, em conjunto, 41% das exportações paranaenses em 2012.

A expansão das importações decorreu da elevação de 4,2% nos preços e da redução de 0,9% no *quantum*, com destaque para o aumento nas compras de bens de capital, 9,1%, especialmente veículos de carga, 139%, e de bens intermediários, 6,5%, ênfase para partes e peças para veículos, 7,4%. As compras de bens duráveis recuaram 13,9% no período, resultado da diminuição de 22,5% nas importações de automóveis de passageiros. O item petróleo em bruto segue como principal produto da pauta de importações do Paraná em 2012, com discreta retração, de 1,8%, ante o ano anterior. As importações provenientes da China, da Argentina, da Nigéria, dos Estados Unidos e da Alemanha corresponderam a 51,5% das compras externas do estado.

De acordo com dados do Caged/MTE, foram criados 22 mil postos de trabalho no estado no trimestre encerrado em novembro, ante 19,2 mil naquele finalizado em agosto e 30,4 mil em igual período de 2011. Os novos postos distribuíram-se em 15,2 mil no comércio, 7 mil no setor de serviços e 2,4 mil na indústria de transformação. O nível de emprego formal elevou-se 0,6% em relação ao trimestre finalizado em agosto, considerados dados dessazonalizados. Na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), foram gerados 7,3 mil postos de trabalho no trimestre, ante 14,4 mil em igual período do ano anterior, dos quais 4,2 mil no comércio, 3,3 mil no setor de serviços, e 2,1 mil na indústria de transformação.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego, elaborada pelo Iparde em convênio com o IBGE, a taxa de desemprego na RMC situou-se em 3,2% em novembro, ante 3,3% em agosto e 3,4% em igual mês de 2011. A redução na comparação com agosto decorreu de aumentos de 1,2% na PEA e de 1,4% nos ocupados. Na série sem influências sazonais, a taxa de desemprego alcançou 3,7% em novembro, ante 3,3% em agosto. Os rendimentos médios reais habituais cresceram 0,2% no trimestre e 6,6% em doze meses.

Gráfico 5.14 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba



Fonte: Iparades/IBGE

Tabela 5.16 – IPCA – RMC

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2011 Ano	2012 III Tri IV Tri		2011 Ano
IPCA	100,0	7,13	1,23	2,34	5,73
Livres	77,5	7,07	1,60	2,40	6,32
Comercializáveis	37,6	3,41	1,49	2,73	4,82
Não comercializáveis	39,9	10,34	1,70	2,07	7,75
Monitorados	22,5	7,26	-0,01	2,14	3,79
Principais itens					
Alimentação	22,9	8,96	3,25	2,74	9,29
Habituação	15,7	7,99	0,60	1,09	6,71
Artigos de residência	4,4	-1,35	1,27	0,35	0,13
Vestuário	7,5	4,21	1,32	4,73	8,04
Transportes	21,1	6,95	-0,60	3,42	0,31
Saúde	11,2	6,84	1,79	0,77	5,55
Despesas pessoais	9,7	9,98	1,28	3,68	11,68
Educação	3,2	7,78	0,90	0,08	6,62
Comunicação	4,3	2,04	0,46	0,33	0,92

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2012.

O IPCA da RMC variou 2,34% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,23% naquele finalizado em setembro, resultado de elevações nos preços livres, de 1,60% para 2,40%, e nos preços monitorados, de -0,01% para 2,14%, especialmente gasolina, 11,3%, responsável por 0,47 p.p. da variação trimestral do indicador.

O comportamento dos preços livres decorreu de aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 1,49% para 2,73%, com ênfase nas elevações nos itens arroz, 16,28%, blusa, 8,85%, etanol, 6,92%, e leite longa vida, 6,23%; e nos preços dos bens não comercializáveis, de 1,70% para 2,07%, destacando-se as variações nos itens excursão, 43,47%, passagem aérea, 39,42%, lanche, 4,55%, e aluguel residencial, 2,04%. O índice de difusão atingiu média de 55,4% no trimestre encerrado em dezembro, inferior à média de 56,2% registrada no trimestre finalizado em setembro.

O IPCA da RMC apontou variação de 5,73% em 2012, ante 7,13% no ano anterior, refletindo desacelerações nos preços livres, de 7,07% para 6,32%, e nos preços monitorados, de 7,26% para 3,79%. A elevação nos preços de serviços atingiu 9,66%, inferior à de 10,26% ocorrida em 2011. Assinalem-se os itens excursão e passagem aérea, com aumento de 46,06% e 36,41%, na ordem, em 2012.

A moderação registrada no desempenho econômico do Paraná no decorrer do ano refletiu, em especial, o impacto da estiagem sobre a atividade agrícola e seus efeitos sobre as exportações, bem como a desaceleração registrada no setor industrial. As perspectivas para os próximos meses, no entanto, são favoráveis, sustentadas pelas projeções em relação à agricultura, com desdobramentos positivos sobre a agroindústria, importante segmento na estrutura produtiva estadual, e sobre as exportações, em ambiente de aumento das cotações das *commodities* agrícolas. Adicionalmente, ressalte-se o impacto da manutenção do dinamismo do mercado interno, que deverá ser sustentado pelas condições favoráveis dos mercados de trabalho e de crédito, pelos investimentos em curso no estado e pelas políticas governamentais de estímulo à produção e ao consumo.

Rio Grande do Sul

Gráfico 5.15 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul
Dados dessazonalizados

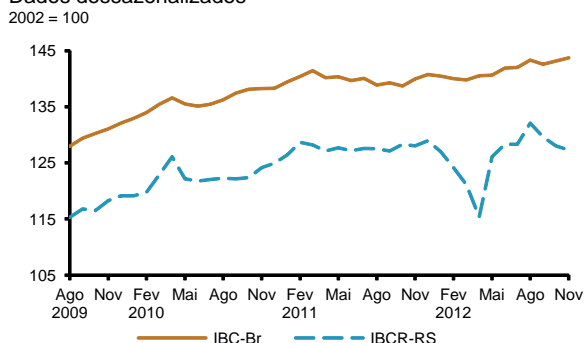


Gráfico 5.16 – Comércio varejista – RS



Tabela 5.17 – Comércio varejista – RS

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2011	2012		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	6,1	0,6	4,7	9,7
Combustíveis e lubrificantes	5,6	-2,4	3,2	-1,6
Hiper e supermercados	1,4	-0,3	8,0	15,0
Tecidos, vestuário e calçados	10,1	-1,0	0,4	3,3
Móveis e eletrodomésticos	15,3	3,3	0,5	9,6
Comércio varejista ampliado	6,2	6,1	-1,4	8,9
Automóveis e motocicletas	3,2	17,6	-13,9	5,9
Material de construção	19,6	6,2	2,7	12,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O IBCR-RS recuou 1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 0,8%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Esse desempenho foi sensibilizado pelo impacto da contração na produção da indústria, neutralizada parcialmente pelo dinamismo do comércio varejista, em ambiente de expansão da renda, do emprego e do volume de crédito. Considerados intervalos de doze meses, o IBCR-RS recuou 1,1% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante redução de 1,6% em agosto.

O comércio varejista acelerou o ritmo de crescimento no trimestre encerrado em novembro, atingindo variação de 4,7%, em relação ao findo em agosto, quando aumentara 0,6% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ressalte-se a reversão ocorrida no faturamento real trimestral do segmento de hiper e supermercados, que passou de queda de 0,3% em agosto para aumento de 8% em novembro. Adicionalmente, o comércio de combustíveis reverteu a tendência de queda nas vendas trimestrais que vinha apresentando desde abril, expandindo-se 3,2%. Após assinalar elevações trimestrais consecutivas desde novembro de 2011, as vendas do comércio ampliado reduziram 1,4% em novembro, ante elevação de 6,1% no trimestre finalizado em agosto, registrando-se taxas de 2,7% em material de construção e de -13,9% em automóveis e motocicletas, resultado advindo da base desfavorável de comparação, dada a provável antecipação de compras no trimestre anterior.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas varejistas apresentaram incremento real de 9,7% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, ante 7,8% em agosto, destacando-se o desempenho dos segmentos hipermercados, supermercados e produtos alimentícios, e móveis e eletrodomésticos. Computados os incrementos de 12,2% nas vendas de material de construção e de 5,9% nas de veículos, o comércio ampliado cresceu 8,9% no período, ante 6,8% em doze meses até agosto.

As vendas de automóveis e veículos comerciais leves totalizaram 59,8 mil unidades no trimestre encerrado em novembro, ante 76,4 mil no trimestre finalizado em agosto, segundo a Fenabrave. O decréscimo de 21,6% no período sugere antecipação das vendas ocorrida no trimestre anterior, em função da possibilidade de extinção do benefício fiscal. Na comparação interanual, houve aumento de 5,6% nas vendas trimestrais e de 14,1% no acumulado do ano.

A pesquisa Intenção de Consumo das Famílias (ICF), elaborada para Porto Alegre pela CNC e divulgada pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS), atingiu 136,7 pontos em dezembro, ante 134,3 pontos em setembro e 114,4 pontos em dezembro de 2011, sinalizando continuidade de resultados positivos no comércio.

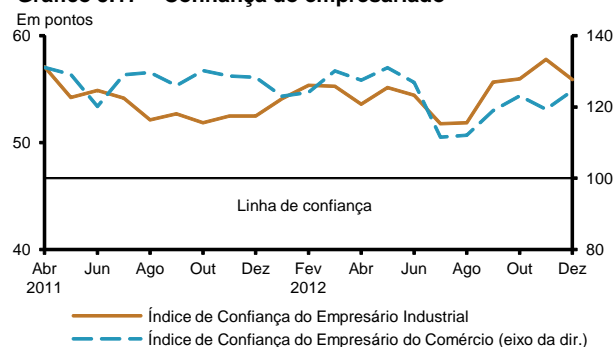
Quanto ao nível de endividamento, a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), elaborada pela Fecomércio-RS para Porto Alegre, com base em dados da CNC, apontou redução no percentual de famílias endividadas na comparação entre dezembro de 2011, 66,3%, e dezembro de 2012, 57,6%. De outra parte, a proporção de famílias com contas atrasadas passou de 25% para 32,7% nos períodos mencionados.

O Icec, divulgado pela Fecomércio-RS, atingiu 124,5 pontos em dezembro, ante 119 pontos em setembro e 128,3 pontos em dezembro de 2011.

A produção da indústria gaúcha recuou 1,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando registrara queda de 2,5% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. Ocorreu redução em oito das quatorze atividades integrantes da pesquisa, principalmente em refino de petróleo e álcool, 15,5%, mobiliário, 8,8%, calçados e artigos de couro, 7,7%, veículos automotores, 7,6%, e alimentos, 3,1%. Em sentido oposto, destacaram-se os crescimentos em fumo, 18,4%, máquinas e equipamentos, 5,3%, e borracha e plástico, 8,4%.

A análise em doze meses indica que a produção industrial do estado tem registrado trajetória declinante desde junho, quando contraíra 0,6%, atingindo redução de 3,5% em novembro. Nesse tipo de comparação, destaque-se a diminuição de 8,7% na indústria de alimentos, que responde por 16,7% da produção, resultado que, conforme o IBGE, pode ser atribuído principalmente aos declínios assinalados na produção de carnes de bovinos refrigeradas, carnes e miudezas de aves e preparações utilizadas na alimentação de animais. Também significativas foram as contrações nas atividades de veículos automotores – pressionadas, sobretudo, pela menor produção de reboques e semirreboques, automóveis, carrocerias para ônibus e eixos e semieixos – fumo e calçados e artigos de couro. Por outro lado, destacaram-se os resultados positivos de máquinas e equipamentos, 15,5%, e refino de petróleo e álcool, 4,5%, pela maior produção de naftas para petroquímica, óleo diesel e outros óleos combustíveis.

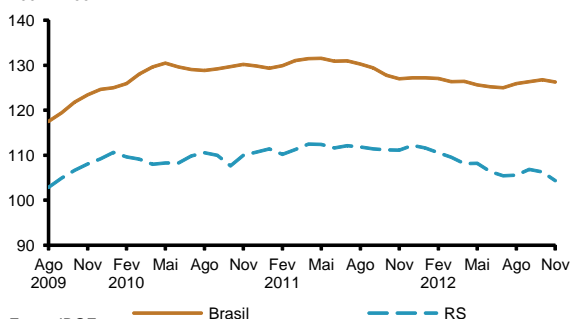
Gráfico 5.17 – Confiança do empresariado



Fontes: Fiergs e Fecomércio

Gráfico 5.18 – Produção industrial – RS

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.18 – Produção industrial – Rio Grande do Sul

Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2012		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-2,5	-1,1	-3,5
Alimentos	16,7	-0,6	-3,1	-8,7
Máquinas e equipamentos	11,6	-9,5	5,3	15,5
Veículos automotores	11,4	-5,4	-7,6	-14,3
Outros produtos químicos	11,2	-8,9	0,8	-3,0
Refino de petróleo e álcool	10,5	-2,3	-15,5	4,5
Calçados e artigos de couro	7,6	-7,4	-7,7	-11,1
Fumo	5,7	13,0	18,4	-13,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de novembro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.19 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2012		
	Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
IDI	0,6	0,9	0,6
Compras industriais	4,3	3,2	-1,2
Vendas industriais	2,1	3,6	3,6
Pessoal ocupado	-1,0	-0,8	-1,3
Horas trabalhadas	-0,4	-0,3	-1,5
Nuci ^{1/}	82,0	82,6	82,7

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo BCB.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI), calculado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), evoluiu positivamente no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, expandindo-se 0,9%, ante 0,6% em igual referência anterior, considerando dados dessazonalizados. A aceleração refletiu, em especial, o comportamento das compras e vendas industriais. No período de doze meses, o indicador registrou o segundo resultado positivo.

A produtividade da mão de obra da indústria, definida a partir da relação entre a produção física e o número de horas pagas, dados divulgados pelo IBGE, cresceu 0,6% no trimestre encerrado em novembro, comparativamente ao finalizado em agosto, quando registrara queda de 1,4%, nesse tipo de análise, considerando dados dessazonalizados. No intervalo de doze meses encerrado em novembro houve queda de 0,7%, ante recuo de 0,1% até agosto.

O Ipei, elaborado pela Fiergs, assumiu 55,9 pontos em dezembro, declinando 1,9 ponto em relação a novembro, após quatro meses de resultados positivos. Mesmo assim, a confiança do empresário industrial superou em 0,2 ponto o patamar de setembro. Em dezembro de 2011, o indicador atingira 52,5 pontos. O declínio em relação a novembro refletiu quedas tanto no componente que avalia as condições atuais, de 51,9 para 50,3 pontos, quanto nas perspectivas para os próximos seis meses, de 60,7 para 58,6 pontos. Não obstante, o Ipei e seus componentes permanecem na área que traduz confiança dos empresários.

Conforme a Sondagem Industrial realizada pela Fiergs, os estoques de produtos finais da indústria, que haviam registrado 57,7⁹ pontos em junho, passaram por processo de ajustamento, declinando para 52,7 pontos em novembro. Apesar de, na média dos setores abordados pela pesquisa, os estoques ainda se situarem um pouco acima do desejado, os ajustes ocorridos ao longo do segundo semestre indicam possível evolução favorável da produção nos próximos meses.

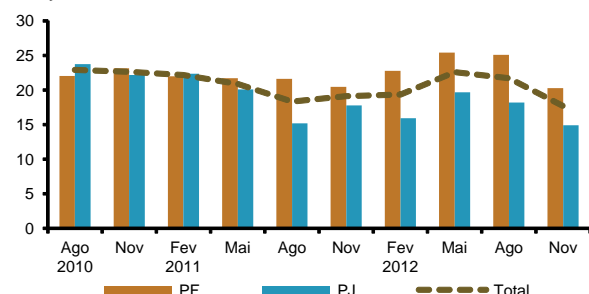
A taxa de velocidade das vendas de imóveis novos em Porto Alegre¹⁰ atingiu 8,2% em outubro, próxima à taxa registrada em igual mês de 2011, 8,1%, de acordo com a Pesquisa do Mercado Imobiliário de Porto Alegre, realizada pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS). Comparativamente a setembro, as vendas elevaram-se de forma acentuada, tendo passado de 247 para 454 novas unidades comercializadas.

9/ Valores acima de 50 pontos indicam estoques acima do planejado.

10/ Corresponde à relação entre as vendas e as ofertas de imóveis novos.

Gráfico 5.19 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas no estado totalizou R\$149,9 bilhões em novembro, crescendo 4,4% no trimestre e 17,7% em doze meses. A carteira de pessoas físicas atingiu R\$79,9 bilhões, aumentando 5,4% e 20,3%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, destacando-se a evolução das modalidades financiamentos rurais e agroindustriais – custeio e pré-custeio, empréstimos com consignação em folha de pagamento, e financiamentos imobiliários – SFH. As operações contratadas por pessoas jurídicas somaram R\$70 bilhões, elevando-se 3,2% no trimestre e 14,9% em doze meses, com ênfase no aumento das operações com o comércio atacadista, comércio de outros produtos e fabricação de peças e acessórios para automotores.

A inadimplência das operações de crédito no estado reduziu-se para 3% em novembro, ante 3,1% em agosto, refletindo as quedas de 0,2 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,1 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, cujas taxas atingiram 3,5% e 2,4%, respectivamente.

A safra de grãos do estado em 2012 atingiu 19,1 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE, representando 12% da produção nacional, ante 18,7% em 2011. A retração anual de 35,5% traduziu principalmente as reduções na produção de soja, 48,8%; de milho, 45,4%; de feijão, 30,9%; de arroz, 14%, e de trigo, 31,9%. Entre as demais culturas, assinala-se a diminuição de 20,2% na produção anual de fumo. Destacaram-se as reduções das áreas plantadas de arroz, 11%; feijão, 11,5%; e fumo, 9,1%.

As cotações médias do arroz, do feijão, da soja, do trigo e do milho registraram elevações anuais respectivas de 39,3%, 38,8%, 38,1%, 7,5% e 5,9%, de acordo com a Emater/RS. Na margem, essas cotações variaram, na ordem, 18,8%, 4,6%, -4,8%, 13,5% e 7,9%, no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro.

De acordo com a estimativa de dezembro da AGE do Mapa, o VBP anual dos principais produtos agrícolas, corrigido pelo IGP-DI, atingiu R\$21 bilhões em 2012, 16,1% abaixo do ano anterior, ressaltando-se o impacto das retrações no valor da produção das culturas de milho, 43%; da soja, 32,6%; do trigo, 26,9%, e da uva, 13,5%.

O terceiro prognóstico para a safra de grãos de 2013, divulgado pelo IBGE, abrangendo culturas da safra de verão, estima aumento de 99,3% na produção de soja, beneficiado pela reduzida base de comparação e estimulado

Tabela 5.20 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul

Itens selecionados

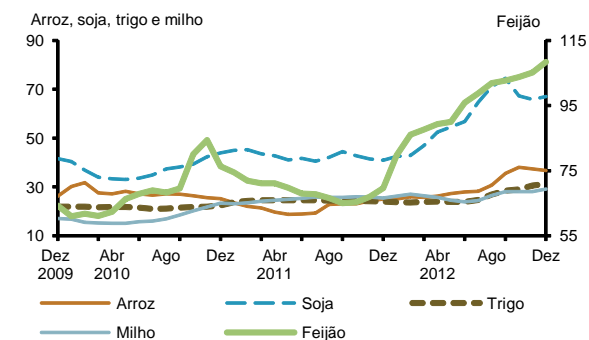
Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		Variação % 2012/2011
		Produção ^{2/} 2011	2012	
Grãos	71,7	29 613	19 110	-35,5
Soja	37,8	11 621	5 945	-48,8
Arroz (em casca)	16,4	8 942	7 692	-14,0
Milho	10,9	5 776	3 155	-45,4
Trigo	5,1	2 742	1 866	-31,9
Feijão	0,7	123	85	-30,9
Outras lavouras				
Fumo	12,1	497	397	-20,2
Mandioca	3,8	1 305	1 191	-8,7
Uva	3,0	830	840	1,2
Maçã	1,7	634	621	-2,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Gráfico 5.20 – Preços médios mensais pagos ao produtor – Rio Grande do Sul (R\$/saca)



Fonte: Emater

Tabela 5.21 – Indicadores da pecuária – Rio Grande do Sul
Novembro de 2012

Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações (kg)	Preços (R\$)
Abates ^{1/}			
Bovinos	-19,3	-35,5	3,3
Suínos	5,6	2,8	0,1
Aves ^{2/}	-7,3	-2,0	6,7
Leite ^{3/}	16,2		6,5 ^{4/}

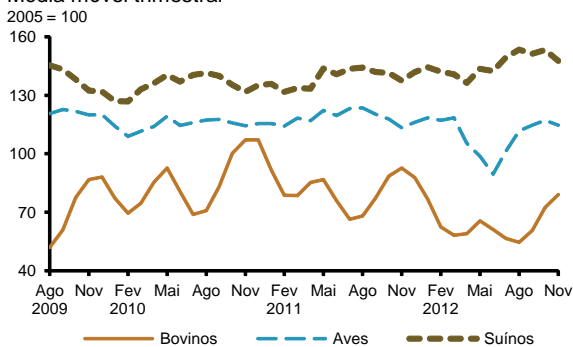
Fonte: Emater/RS, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

1/ Número de animais.

2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

3/ Litros. Produção até setembro.

Gráfico 5.21 – Abates de animais – Rio Grande do Sul
Média móvel trimestral



Fonte: Mapa

Tabela 5.22 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	19 426	17 386	-10,5	-5,3
Básicos	9 274	8 447	-8,9	-7,4
Industrializados	10 152	8 939	-11,9	-3,6
Semimanufaturados	1 667	1 342	-19,5	-8,3
Manufaturados ^{1/}	8 485	7 597	-10,5	-1,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

pelos altos preços praticados em 2012. Há expectativa de aumento de 49% na produção de milho e de 4,3% na de arroz, além de incremento de 9,3% na cultura de fumo. Conforme a Emater/RS, as condições meteorológicas, em geral, têm contribuído favoravelmente para o desenvolvimento das principais culturas.

De acordo com o Mapa, as produções de bovinos e de aves recuaram 19,3% e 7,3% no ano até novembro, em relação a igual período de 2011, comportamento que traduziu, em parte, o menor dinamismo do mercado externo, haja vista o recuo de 35,5% e de 2% nas respectivas quantidades exportadas. Comportamento oposto foi assinalado pela produção de suínos, que expandiu 5,6% até novembro, com acréscimo de 2,8% nas vendas externas. Os preços internos médios destes produtos apresentaram elevação generalizada, mais intensa em aves, 6,7%, seguindo-se bovinos, 3,3%, e suínos, 0,1%, conforme a Emater/RS e o Iepe/UFRGS.

De acordo com o IBGE, a produção gaúcha de leite cresceu 16,2% no ano até setembro, comparativamente a igual período de 2011, passando a representar 16,1% da produção nacional. A expressiva expansão no estado é em parte explicada pelo desenvolvimento das pastagens e pelas condições sanitárias dos rebanhos, conforme registrado pela Emater/RS. Segundo esta instituição, os preços do leite cresceram, em média, 6,5% até novembro, em relação a igual período de 2011.

A balança comercial do estado registrou *superavit* de US\$2 bilhões em 2012, ante US\$3,8 bilhões em 2011, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$17,4 bilhões, e as importações, US\$15,4 bilhões, assinalando retrações respectivas de 10,5% e 1,9% no período.

A trajetória das vendas externas evidenciou variações de 0,5% nos preços e de -10,9% no *quantum*. Os embarques de produtos básicos, 48,6% da pauta, decresceram 8,9%, com destaque para a redução de 24,4% nos referentes a soja e farelos e resíduos da extração de óleo de soja. As exportações de produtos manufaturados, responsáveis por 43,7% das vendas externas no período, declinaram 10,5%, destacando-se a queda de 11,3% em polímeros de etileno e 33,2% nas relativas a calçados, e as vendas de semimanufaturados recuaram 19,5%, com ênfase na redução de 22,4% em óleo de soja em bruto e 22,9% nas relacionadas a couros e peles. As exportações gaúchas direcionadas para China, Argentina e EUA representaram, em conjunto, 33,1% das vendas externas do estado no período, ressaltando-se as retrações de 22,1% e 15,4% nas destinadas, respectivamente, para Argentina e China.

Tabela 5.23 – Exportações por principais setores – RS
Janeiro-dezembro

Discriminação	Valor (US\$milhões)		
	2011	2012	Var. %
Agríc. e pecuária	3 659	2 690	-26,5
Ind. de transformação	15 437	14 115	-8,6
Alimentos e bebidas	4 895	4 411	-9,9
Fumo	1 879	2 204	17,3
Produtos químicos	2 336	2 045	-12,5
Máq. e equipamentos	1 892	1 628	-14,0
Veículos	874	914	4,6
Calçados e couros	1 234	882	-28,5
Produtos de metal	343	330	-3,8
Móveis e ind.diversas	320	311	-2,8
Borracha e plástico	346	307	-11,3
Celulose, papel e prod. papel	212	175	-17,5
Máq. escritório e informática	211	150	-28,9
Madeira	133	145	9,0
Máq., aparelhos e mat. elétricos	132	122	-7,6
Coque, refino de petróleo, comb. nucleares e álcool	216	118	-45,4

Fonte: MDIC

Tabela 5.24 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	15 662	15 371	-1,9	-1,4
Bens de capital	2 586	2 897	12,0	1,5
Matérias-primas	8 036	7 479	-6,9	-2,2
Bens de consumo	2 136	2 199	2,9	-1,8
Duráveis	1 720	1 765	2,6	-7,8
Não duráveis	416	434	4,2	7,2
Combustíveis e lubrificantes	2 904	2 796	-3,7	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.25 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	35,9	0,1	27,7	9,7	35,2
Indústria de transformação	-0,8	-4,8	8,6	-2,9	2,9
Comércio	15,9	-3,9	6,3	1,8	14,8
Serviços	12,8	5,9	15,3	8,2	12,6
Construção civil	3,1	0,7	4,0	2,3	0,5
Agropecuária	5,0	2,6	-6,7	-0,6	4,9
Serviços ind. de utilidade pública	0,0	-0,2	-0,2	0,3	-0,4
Outros ^{2/}	0,0	-0,2	0,5	0,5	-0,1

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

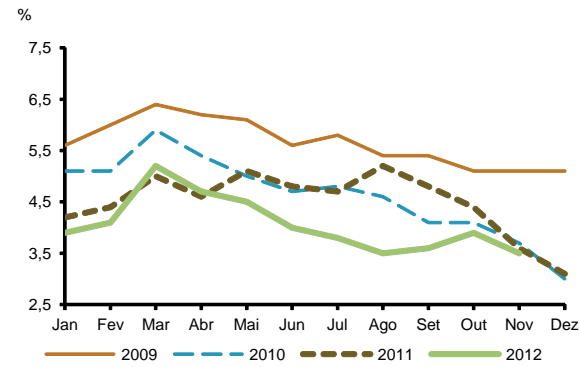
A evolução das importações, decorrente de variações de -5,1% no *quantum* e de 3,4% nos preços, evidenciou o recuo de 6,9% nas aquisições de matérias-primas e produtos intermediários, que, representando 48,7% do total importado no período, refletiu em especial a redução nas compras de naftas para petroquímica, 18,6%. As importações de bens de capital, bens de consumo e de combustíveis apresentaram alterações respectivas de 12%, 2,9% e -3,7%, no período, destacando-se o incremento em veículos de carga, 20,5%. As compras provenientes da Argentina, Nigéria, China e EUA representaram 56,3% do total, ressaltando-se o acréscimo de 12,9% nas provenientes da Nigéria, em relação a 2011, especialmente de petróleo em bruto.

No trimestre encerrado em novembro, o estado registrou a criação de 35,2 mil empregos formais, magnitude próxima aos 35,9 mil em igual intervalo de 2011, de acordo com o Caged/MTE. Destacaram-se as vagas geradas no comércio, 14,8 mil, e em serviços, 12,6 mil, refletindo as contratações sazonais no final do ano. Observe-se que a indústria de transformação registrou a criação de 2,9 mil empregos, ante extinção de postos nos trimestres encerrados em agosto deste ano e em novembro de 2011, resultado que derivou, especialmente, da geração de vagas em alimentos e bebidas, 5,5 mil. O nível de emprego formal cresceu 0,7% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando registrara igual variação, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, destacando-se os resultados em serviços, 1,1%, e comércio, 0,9%.

A taxa de desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 3,5% em novembro, a menor para o mês desde 2002, de acordo com a PME do IBGE, taxa semelhante à observada em agosto e 0,1 p.p. abaixo da assinalada em igual mês de 2011. A retração interanual refletiu a evolução de 1,2% na população ocupada e de 1,1% na PEA. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego alcançou 3,8% em novembro, ante 3,4% em agosto, refletindo os aumentos de 2,3% na população ocupada e de 3% na PEA. O rendimento médio real habitual e a massa salarial real registraram variação de 0,5% e 3,8%, respectivamente, no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto.

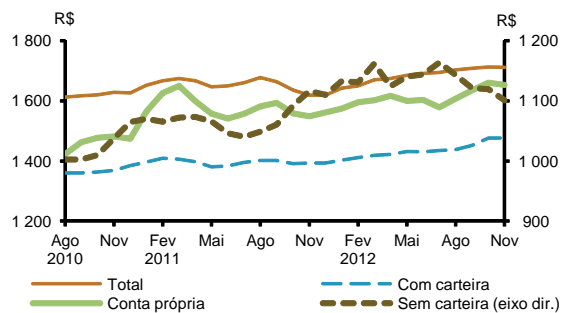
O IPCA da RMPA atingiu 1,54% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,67% no finalizado em setembro, refletindo a evolução na variação dos preços livres, de 1,83% para 1,90%, e a desaceleração dos preços monitorados, de 1,18% para 0,42%, esta favorecida,

Gráfico 5.22 – Taxa de desocupação – Porto Alegre



Fonte: IBGE

Gráfico 5.23 – Rendimento médio real habitual^{1/} – Porto Alegre



Fonte: IBGE

^{1/} Média móvel trimestral, a preços de novembro de 2012, corrigidos pelo INPC.

Tabela 5.26 – IPCA – RMPA

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % período			
		2011	2012		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,51	1,67	1,54	5,56
Livres	75,7	6,45	1,83	1,90	6,47
Comercializáveis	37,9	4,84	1,08	2,00	4,87
Não comercializáveis	37,8	7,96	2,59	1,80	8,11
Monitorados	24,3	6,70	1,18	0,42	2,87
Principais itens					
Alimentação	24,6	7,73	3,38	2,58	9,89
Habitação	13,8	7,48	1,93	0,30	5,27
Artigos de residência	4,9	0,54	1,10	0,79	2,50
Vestuário	7,1	8,14	-0,74	3,06	4,71
Transportes	19,2	5,26	0,64	0,98	-0,27
Saúde	11,2	6,37	1,31	0,80	5,95
Despesas pessoais	10,3	7,44	2,16	2,61	9,49
Educação	4,3	8,13	1,72	0,60	8,70
Comunicação	4,6	1,42	0,31	0,74	2,00

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a dezembro de 2012.

principalmente, pelo recuo de 0,82% nos preços de energia elétrica residencial.

A trajetória dos preços livres derivou da aceleração no aumento dos preços dos bens comercializáveis, de 1,08% para 2,00%, pressionada pelos impactos de vestuário, 0,22 p.p., e dos itens de alimentação do segmento, cuja contribuição somou 0,46 p.p. Em sentido contrário, a variação dos preços dos bens não comercializáveis arrefeceu, de 2,59% para 1,80%, ressaltando-se a queda de 20,52% nos preços dos tubérculos. O índice de difusão trimestral situou-se em 56,7% em dezembro, ante 57,8% em setembro e 59,9% em dezembro de 2011.

O IPCA da RMPA registrou elevação de 5,56% em 2012, ante 6,51% em 2011, refletindo o comportamento dos preços livres, de 6,45% para 6,47%, e, especialmente, a desaceleração na variação dos preços monitorados, de 6,70% para 2,87%, favorecida pela redução de 2,16% nos preços da gasolina e pelo arrefecimento nas variações de energia elétrica residencial e de ônibus urbano.

O comportamento dos preços livres derivou da variação nos preços dos bens não comercializáveis, de 7,96% para 8,11%, destacando-se a elevação de 41,45% em tubérculos e o recuo de 12,36% em automóvel usado, e dos bens comercializáveis, de 4,84% para 4,87%, impactada pelo aumento em itens de alimentação, como o assinalado por bebidas e infusões, 11,41%, e, em parte, mitigado pela queda de 3,51% nos preços de automóvel novo.

A trajetória da economia do estado nos próximos meses deverá evidenciar o impacto favorável das medidas de estímulo à economia associadas à desoneração da folha de pagamento e à redução de impostos incidentes sobre segmentos específicos; das medidas recentes de política monetária; e da manutenção do dinamismo dos mercados de trabalho e de crédito. Essas perspectivas são reforçadas por anúncios de investimentos que representam mudança significativa na estrutura produtiva, como as obras do estaleiro em São José do Norte, que passará a construir plataformas da Petrobras para explorar o petróleo na camada pré-sal, devendo gerar cinco mil empregos diretos; melhorias nos segmentos de distribuição, transmissão e geração de energia, pelas Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), Rio Grande Energia (RGE) e AES Sul Distribuidora de Energia S.A. (AES Sul); construção de nova planta siderúrgica pela Gerdau; e a expansão da unidade fabril da Celulose Riograndense, cuja capacidade passará de 450 mil para 1,75 milhão de toneladas de celulose por ano.

6

Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais

Tabela 6.1 – Índice de Atividade Banco Central – IBC
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	%				
	2011 Nov	2012 Fev Mai Ago Nov			
Brasil	-0,2	0,8	-0,1	1,5	0,5
Norte	0,3	-0,7	-0,1	0,7	0,1
Nordeste	0,5	1,1	0,0	1,3	1,2
Sudeste	0,1	-0,3	0,6	0,9	-0,2
Sul	0,7	-0,3	-2,3	3,8	-0,8
Centro-Oeste	0,5	0,4	0,5	0,4	-0,7

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.
O resultado nacional não representa necessariamente a média dos resultados regionais.

Tabela 6.2 – Índice de volume de vendas
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	Variação percentual				
	2011 Nov	2012 Fev Mai Ago Nov			
Comércio varejista					
Brasil	1,6	3,3	1,4	2,3	1,5
Norte	1,4	4,1	3,1	1,1	0,0
Nordeste	0,9	3,6	2,3	2,9	1,4
Sudeste	1,9	2,8	1,6	2,4	1,1
Sul	0,7	6,1	-0,6	0,9	2,4
Centro-Oeste	1,6	3,5	2,1	3,0	1,5
Comércio ampliado					
Brasil	0,9	3,6	1,0	6,4	-2,9
Norte	0,7	2,9	3,7	3,4	-0,8
Nordeste	1,0	3,5	1,9	7,6	-3,0
Sudeste	0,6	2,9	1,7	6,2	-3,5
Sul	0,5	4,4	0,1	5,6	-2,0
Centro-Oeste	0,7	3,4	2,1	9,0	-3,3

Fonte: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

O IBC-Br cresceu 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando variou 1,5%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados (Tabela 6.1). O arrefecimento no ritmo da atividade em âmbito nacional reflete dinâmica similar em todas as regiões. De fato, no Sul, a variação do indicador regional passou de 3,8% para -0,8%; no Sudeste, de 0,9% para -0,2%; no Centro-Oeste, de 0,4% para -0,7%; no Nordeste, de 1,3% para 1,2%; e no Norte, de 0,7% para 0,1%.

As vendas do comércio varejista continuaram vigorosas no trimestre encerrado em novembro (Tabela 6.2). Todas as regiões, à exceção do Norte, registraram expansão das vendas do setor no período, comparativamente ao trimestre encerrado em agosto, de acordo com dados dessazonalizados. Destaque-se o crescimento das vendas do segmento hipermercados e supermercados, nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul, e de tecidos, vestuário e calçados, no Centro-Oeste. Em sentido inverso, em todas as regiões as vendas de móveis e eletrodomésticos recuaram.

Em três meses até novembro, o recuo nas vendas do comércio ampliado no país também reflete movimento similar em todas as regiões. A variação do comércio ampliado foi determinada pelo recuo nas vendas de veículos, motocicletas e partes, que, estimuladas por reduções tributárias, haviam se expandido significativamente nos meses anteriores.

Considerados intervalos de doze meses, o comércio varejista cresceu 8,6% em novembro, em relação a igual período de 2011, e comércio ampliado, 8,0%.

No país, as operações de crédito superiores a R\$1 mil aumentaram 4% em três meses até novembro: 4,8% no Centro-Oeste; 3,7%, no Sudeste; 4,2% no Norte; 4% no Nordeste; e 4,3% no Sul. Em âmbito nacional, a variação alcançou 3,8% no segmento de pessoas físicas e 4,1% no de pessoas jurídicas. O crescimento de 16,2% no período

Tabela 6.3 – Operações de crédito do SFN^{1/}

Novembro de 2012

Discriminação	R\$ bilhões								
	Saldo			Variação percentual (%)					
	PJ	PF	Total	Trimestre			12 meses		
				PJ	PF	Total	PJ	PF	Total
Brasil	1 199	1 022	2 221	4,1	3,8	4,0	14,5	18,2	16,2
Norte	39	48	87	5,6	3,0	4,2	15,8	17,2	16,6
Nordeste	140	153	293	4,1	4,0	4,0	14,8	18,3	16,6
Sudeste	724	500	1 224	4,0	3,2	3,7	13,1	17,7	15,0
Sul	208	201	409	3,8	4,9	4,3	16,0	19,0	17,5
Centro-Oeste	88	120	208	5,6	4,2	4,8	22,0	19,0	20,3

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 6.4 – Inadimplência do crédito do SFN^{1/}

Novembro de 2012

Discriminação	Inadimplência			Variação em p.p.					
	PJ	PF	Total	Trimestre			12 meses		
				PJ	PF	Total	PJ	PF	Total
	Brasil	2,2	4,7	3,4	-0,1	-0,3	-0,2	0,2	-0,1
Norte	3,2	5,3	4,4	-1,4	-0,2	-0,8	0,9	-0,7	0,3
Nordeste	2,4	5,5	4,0	-0,2	-0,3	-0,2	0,2	-0,6	0,1
Sudeste	2,0	4,8	3,2	-0,1	-0,3	-0,2	0,1	0,1	0,2
Sul	2,8	3,7	3,2	0,3	-0,3	0,0	0,7	-0,1	0,3
Centro-Oeste	2,3	4,2	3,4	-0,1	-0,3	-0,2	0,1	-0,1	0,0

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil com pelo menos uma parcela em atraso superior a 90 dias.

Tabela 6.5 – Produção física da indústriaBrasil e regiões^{1/}

Discriminação	Peso ^{2/}	%					
		2011		2012			
		Nov	Fev	Mai	Ago	Nov	
Brasil	100,0	-2,5	0,1	-1,1	0,2	0,3	
Norte	5,9	0,2	-3,2	-3,7	0,1	0,8	
Nordeste	9,5	-0,5	-0,2	0,7	0,5	-1,4	
Sudeste	62,7	-3,5	-1,0	-0,6	0,1	1,8	
Sul	18,5	-0,9	0,8	-2,5	-3,5	-1,3	
Centro-Oeste	3,5	1,5	1,0	-2,2	-5,1	5,8	

Fontes: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

2/ Participação no Valor da Transformação Industrial (VTI) em 2007.

Tabela 6.6 – Geração de postos de trabalho^{1/}

Discriminação	Mil				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Brasil	378,0	-138,7	468,4	363,9	263,4
Norte	27,4	-15,6	9,7	30,8	3,1
Nordeste	139,4	-44,9	-28,7	73,2	102,1
Sudeste	118,2	-73,5	330,6	186,0	87,0
Sul	101,8	1,5	94,4	38,9	81,1
Centro-Oeste	-8,9	-6,3	62,4	34,9	-9,9

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2011, resultou de expansões respectivas de 18,2% e 14,5% nos segmentos mencionados.

O desempenho trimestral das operações no segmento de pessoas físicas, em parte, refletiu o dinamismo do financiamento imobiliário em todas as regiões. Cabe destacar, ainda, a significativa expansão do crédito consignado nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste; e crédito rural no Sul e no Centro-Oeste.

Na mesma base de comparação, as operações no segmento pessoas jurídicas foram impulsionadas pelas contratações do comércio varejista, exceto no Nordeste e Centro-Oeste, onde se destacaram as concessões à indústria de papel e papelão e à construção civil. Importa destacar também as contratações do setor de energia e da indústria extrativa, exceto petróleo e gás, no Sudeste; do comércio atacadista, exceto veículos, no Centro-Oeste e no Sul; e da agricultura e construção no Norte.

A expansão do crédito tem ocorrido em cenário de estabilidade da taxa de inadimplência nos segmentos de pessoas jurídicas e físicas (Tabela 6.4). Nesse cenário, a taxa de inadimplência do crédito no Sistema Financeiro Nacional atingiu 3,4% no trimestre encerrado em novembro, -0,2 p.p. e +0,2 p.p. em comparação aos valores registrados no trimestre encerrado em agosto e em novembro de 2011. As taxas mais elevadas no segmento de pessoas jurídicas ocorreram no Norte, 3,2%, e no Sul, 2,8%, região que registrou o menor patamar no segmento de pessoas físicas, 3,7%.

Os desembolsos do Sistema BNDES totalizaram R\$156,0 bilhões em 2012, elevando-se 12,3% em relação ao ano anterior, sendo 77,1% no Centro-Oeste e 22,8% Norte (que representaram, na ordem, 12,9% e 8,5% do total), 12,2% no Nordeste, 6,2% no Sudeste e -2,0% no Sul. Assinale-se que cerca de 40% desses desembolsos ocorreram no último trimestre do ano, portanto, parte de seus efeitos ainda não se manifestaram integralmente.

A expansão de 0,3% da produção industrial registrada no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, reflete crescimento de 5,8%, 1,8% e 0,8% nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Norte, respectivamente, bem como recuo de 1,4% no Nordeste e de 1,3% no Sul, de acordo com dados dessazonalizados (Tabela 6.5). No Centro-Oeste, destaque-se o desempenho da indústria extrativa e de minerais não metálicos; no Sudeste, da indústria de vestuário e acessórios; e no Norte, da indústria de refino de petróleo e álcool.

Tabela 6.7 – Taxa de desemprego

Discriminação ^{1/}	%				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Brasil	5,7	5,3	6,0	5,5	5,2
Nordeste	7,6	6,6	7,1	6,8	6,3
Sudeste	5,4	5,3	6,0	5,5	5,2
Sul	3,9	3,6	4,7	3,8	3,5

Fonte: IBGE

1/ Média do trimestre encerrado no mês.

Tabela 6.8 – Balança comercial regional – FOB

Média diária

Região	US\$ milhões					
	Exportações		Importações		Saldo	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012
Total	1 020,1	966,5	901,4	889,0	118,7	77,4
Norte	83,1	70,5	58,7	62,6	24,4	7,9
Nordeste	75,0	74,8	96,2	103,6	-21,1	-28,8
Sudeste	581,3	532,7	497,8	474,2	83,5	58,5
Sul	182,8	175,4	196,3	196,4	-13,5	-21,1
Centro-Oeste	82,9	101,4	51,9	51,7	31,0	49,6
Outros ^{1/}	15,0	11,8	0,6	0,6	14,4	11,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Referem-se a operações não classificadas regionalmente.

Tabela 6.9 – IPCAVariação trimestral^{1/}

Discriminação	Peso	%				
		2011		2012		
		Dez	Mar	Jun	Set	Dez
IPCA						
Brasil	100,0	1,46	1,22	1,08	1,42	1,99
Norte	4,2	1,29	1,62	1,44	1,66	3,36
Nordeste	14,8	1,63	1,27	1,18	1,55	2,36
Sudeste	57,6	1,36	1,32	1,01	1,33	1,79
Sul	16,3	1,54	0,90	1,26	1,46	1,93
Centro-Oeste	7,1	1,67	0,90	0,75	1,48	2,19
Livres						
Brasil		1,68	1,33	1,12	1,68	2,28
Norte		1,75	1,83	1,39	1,33	3,90
Nordeste		2,02	1,32	1,08	1,93	2,66
Sudeste		1,55	1,42	1,08	1,63	2,07
Sul		1,61	0,99	1,39	1,74	2,12
Centro-Oeste		1,90	1,09	0,81	1,61	2,37
Monitorados						
Brasil		0,92	0,91	0,94	0,62	1,12
Norte		-0,03	0,84	1,59	2,90	1,36
Nordeste		0,66	1,10	1,50	0,25	1,28
Sudeste		0,93	1,07	0,83	0,50	0,97
Sul		1,35	0,61	0,87	0,58	1,32
Centro-Oeste		1,26	0,29	0,54	1,06	1,63

Fonte: IBGE e BCB

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

A taxa de desemprego tem recuado, em que pese o ritmo moderado da atividade econômica. De acordo com dados dessazonalizados do Caged/MTE, foram criados 263,4 mil empregos formais no trimestre finalizado em novembro, ante 363,9 mil no finalizado em agosto e 378,0 mil em igual período de 2011, ressaltando-se a criação de 102,1 mil vagas no Nordeste (Tabela 6.6). Ocorreram contratações líquidas no setor de serviços e no comércio em todas as regiões, e demissões na indústria de transformação nas regiões Sul e Sudeste.

Em âmbito nacional, a taxa média de desemprego atingiu 5,2% no trimestre encerrado em novembro, 0,3 p.p. e 0,5 p.p. abaixo, respectivamente, da medida agosto e em novembro de 2011 (Tabela 6.7). Em termos regionais, o Nordeste, não obstante o maior recuo interanual, registrou a taxa de desemprego mais elevada no trimestre, 6,3%, e o Sul, a menor, 3,5%.

A redução anual no *superavit* da balança comercial do país (Tabela 6.8) decorreu de piora nos resultados de todas as regiões, exceto no Centro-Oeste, onde o aumento nas vendas externas foi impulsionado pelos embarques de soja e de milho. O recuo nas vendas de minério de ferro sensibilizou as exportações do Norte e do Sudeste, estas impactadas, ainda, pelo recuo nos embarques de café. As importações médias diárias aumentaram no Norte e Nordeste, com ênfase nas compras de bens de capital e de bens de consumo não duráveis, e o recuo observado no Sudeste, associado, em especial, às aquisições de combustíveis e lubrificantes.

O IPCA variou 1,99% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,42% naquele terminado em setembro, acumulando 5,84% em 2012 (Tabela 6.9). Os preços aceleraram em todas as regiões, em particular no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. De modo geral, a aceleração dos preços livres foi mais intensa do que a dos monitorados. Destacaram-se, no Nordeste, a elevação de 35,34% no item passagens aéreas, e no Norte, de 58,7% no item farinhas de mandioca.

Em síntese, a moderação da atividade no trimestre finalizado em novembro se manifesta nas trajetórias do IBC-Br e do IBCR regionais, bem como na evolução do comércio ampliado. Deve ser considerado, no entanto, que o vigor do mercado de trabalho, traduzido pela evolução das taxas de desemprego e do rendimento médio real, as projeções relacionadas à produção agropecuária, as perspectivas de melhora do ambiente externo e o impacto das medidas de política adotadas recentemente apontam perspectivas favoráveis nos próximos trimestres.

Evolução Regional do Mercado de Trabalho no Brasil: uma abordagem pelos fluxos da População Economicamente Ativa e dos desocupados

A evolução do mercado de trabalho contém informações relevantes para a formulação e execução da política monetária. Nesse sentido, este boxe analisa alguns aspectos do mercado de trabalho nas seis regiões metropolitanas (RM) abrangidas pela Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para tanto, utiliza-se a técnica de emparelhamento¹, que permite analisar informações sobre fluxos mensais dos trabalhadores desocupados, segmentados por condição na desocupação – entrante, permanente e recém-desempregado². Consequentemente, pode-se aferir a contribuição de cada um dos segmentos para a taxa de desocupação geral.

A taxa de desemprego calculada com uso da técnica de emparelhamento praticamente se sobrepõe à taxa de desemprego obtida tradicionalmente. Ou seja, a redução da amostra decorrente da aplicação

Gráfico 1 – Taxa de desemprego – Brasil

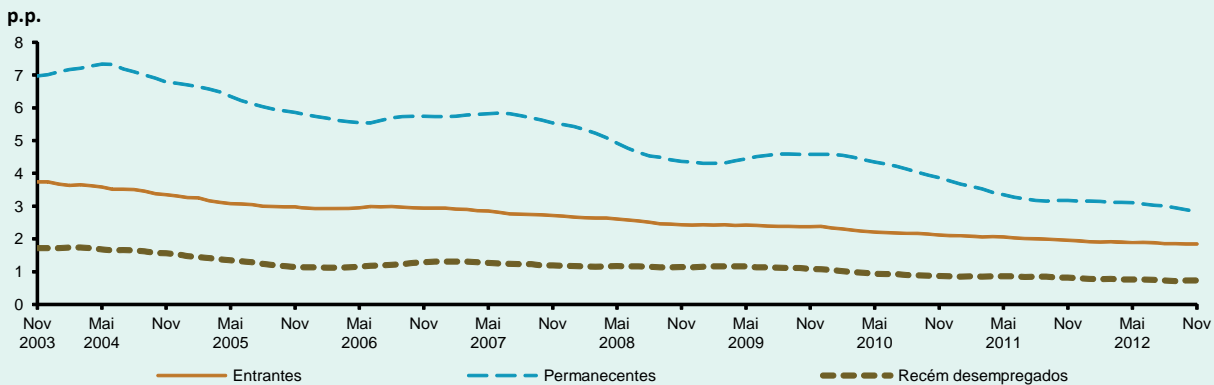


- 1/ O emparelhamento consiste em acompanhar os mesmos indivíduos ao longo dos meses. Nesse trabalho, o emparelhamento foi efetuado a cada dois meses, descartando-se os indivíduos que não aparecem em algum desses meses. A vantagem dessa técnica é poder analisar os fluxos de pessoas e os seus movimentos entre as diferentes categorias (ocupados, desocupados e inativos).
- 2/ São considerados entrantes os trabalhadores que, de um mês para o outro, passaram a fazer parte da PEA na condição de ocupados ou desocupados. Permanentes são os trabalhadores que permaneceram na PEA nesse mesmo período. Os permanentes que transitaram da condição de ocupados para desocupados são considerados recém-desempregados.

dessa metodologia não altera significativamente a medida de desemprego³ (Gráfico 1). A mesma avaliação aplica-se ao cálculo segmentado da taxa de desemprego, ou seja, para as diferentes RMs.

A decomposição da taxa de desemprego em três componentes evidencia redução mais acentuada no segmento “permanente”. Essa trajetória, portanto, indica a absorção desse contingente pelo mercado no período da análise⁴ (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Decomposição da taxa de desemprego – Brasil – MM12M



Representando 5,2% da População Economicamente Ativa (PEA) em novembro de 2012, os “entrantes” responderam por 1,9 p.p. da taxa de desemprego (ou 35% da taxa no período), reflexo da taxa de desocupação de 36% nesse segmento. Os trabalhadores que se mantiveram desocupados na PEA (“permanentes”), segmento com taxa de desemprego de 3% no mês, atingiram 2,8 p.p.

Tabela 1 – Evolução da composição da taxa de desemprego^{1/}

	Pontos percentuais							
	Entrantes		Permanentes		Recém desempregados		Taxa de desemprego ^{2/}	
	2003	2012	2003	2012	2003	2012	2003	2012
Brasil	3,74	1,85	6,98	2,84	1,72	0,73	12,44	5,42
RM São Paulo	4,03	1,94	8,05	3,17	2,00	0,63	14,08	5,74
RM Rio de Janeiro	2,39	1,19	6,09	3,37	0,88	0,44	9,36	4,99
RM Belo Horizonte	4,22	1,85	4,44	1,48	2,01	1,04	10,67	4,37
RM Salvador	4,36	2,48	11,23	3,78	1,55	1,17	17,14	7,43
RM Recife	5,69	3,20	6,04	1,71	2,62	1,34	14,35	6,26
RM Porto Alegre	3,52	1,74	4,15	1,42	1,87	0,87	9,54	4,03

1/ Média dos últimos 12 meses finalizados em novembro.

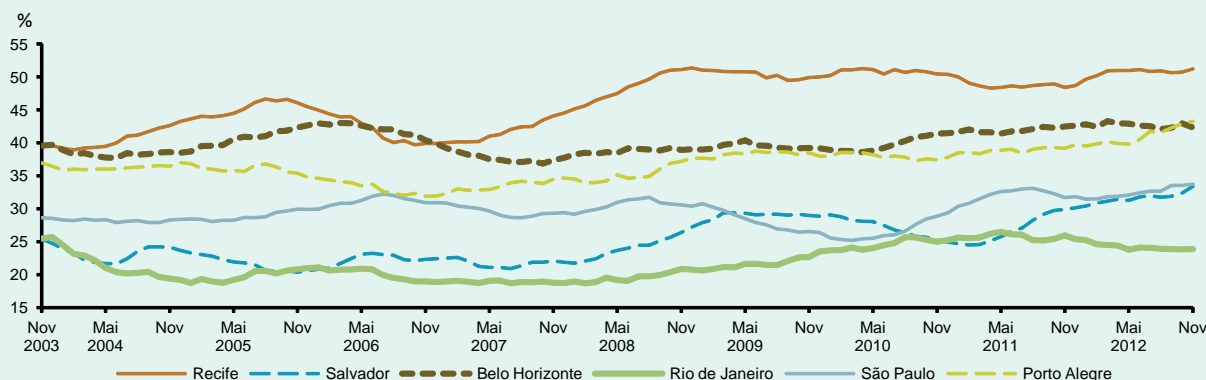
2/ Média da taxa de desemprego estimada a partir da PME emparelhada.

3/ A redução decorre principalmente da não incorporação dos indivíduos em sua primeira entrevista.

4/ Toda comparação nesse texto refere-se à média dos últimos doze meses, com objetivo de avaliar o comportamento ao longo do tempo, sem o efeito da sazonalidade dos meses do ano.

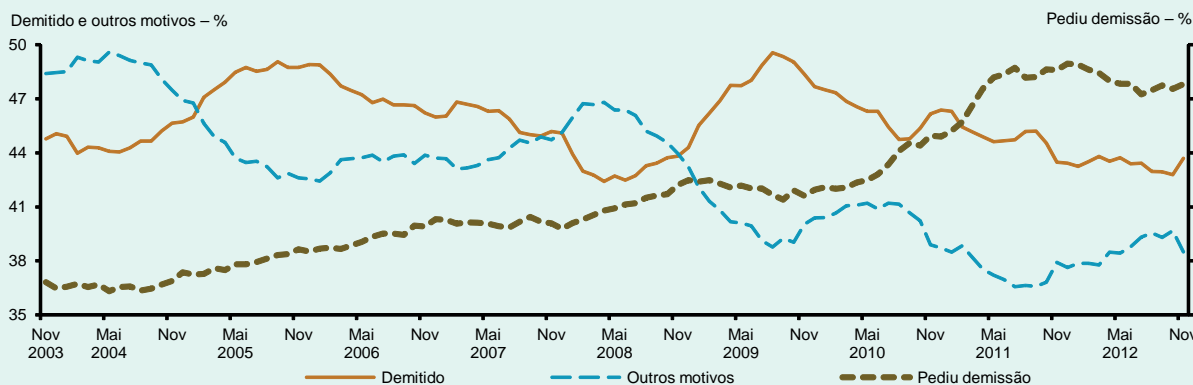
A análise regional revela que, em novembro de 2012, as maiores contribuições de “entrantes” para a taxa de desemprego ocorreram nas RMs de Recife, 51,2%, Porto Alegre, 43,3%, e Belo Horizonte, 42,3%. A contribuição desse grupo para a taxa de desocupação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) atingiu 23,9%, consistente com a reduzida participação, de 2,7%, na PEA dessa região (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Participação na composição da taxa de desemprego – Trabalhadores entrantes – MM12M



O segmento de trabalhadores desocupados que perderam o emprego recentemente (“recém-desempregados”) era responsável por 0,7 p.p. (ou 13,3%) da taxa de desemprego nas seis RMs, em novembro de 2012. A decomposição desse grupo em subgrupos de trabalhadores que pediram demissão, foram demitidos e afastaram-se do emprego por outros motivos⁵ encontra-se no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Trabalhadores que perderam o emprego na passagem de um mês para o outro – MM12M – Brasil



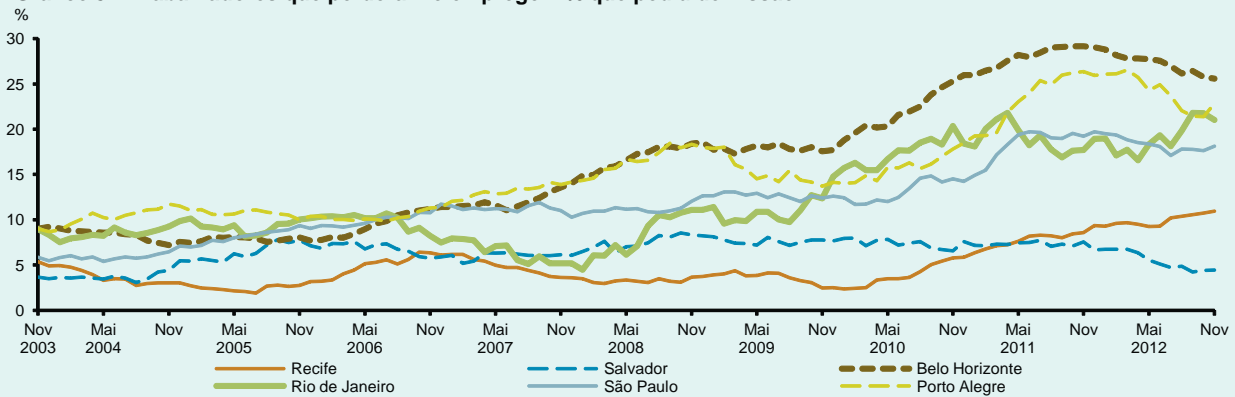
Em certa medida, a evolução do indicador relativo aos trabalhadores que perderam o emprego reflete a evolução da atividade. Na crise internacional ao final de 2008, aumentou significativamente a participação de trabalhadores demitidos e houve certa estabilidade na dos que

5/ Aposentadoria, suspensão temporária das atividades, suspensão definitiva das atividades e outros motivos.

pediram demissão. Posteriormente, recuou o percentual de trabalhadores demitidos e a tendência de crescimento da participação dos pedidos de demissão foi retomada, em linha com o momento favorável da atividade.

Regionalmente, em novembro de 2012, a participação dos trabalhadores que pediram demissão em relação ao total que perdeu emprego alcançou 25,6% na RM de Belo Horizonte e 22,8% na de Porto Alegre. As menores incidências de pedidos de demissão entre os trabalhadores que perderam o emprego ocorreram em Recife e Salvador (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Trabalhadores que perderam o emprego – % que pediu demissão – MM12M



Em resumo, os indicadores apresentados neste box mostram a importância do fluxo de entrada e saída de trabalhadores da PEA para a composição da taxa de desemprego. A evolução desses indicadores, portanto, contém informações relevantes sobre o estágio do mercado de trabalho.

Taxa de Poupança Familiar: uma análise regional

Tabela 1 – Taxa de poupança familiar: Brasil e regiões geográficas

	Em percentual					
POF 2002-2003	Brasil	Sudeste	Sul	Norte	Nordeste	Centro-Oeste
Taxa de poupança familiar						
familiar	6,1	6,5	7,2	5,1	5,3	5,4
Aplicações financeiras	0,9	1,0	1,3	0,4	0,5	0,7
Imóvel (aquisição)	1,0	1,0	1,3	0,9	0,9	1,2
Imóvel (reforma)	2,5	2,5	2,7	2,7	2,7	2,1
Outros investimentos	0,1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0
Empréstimo e carnê	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9	0,8
Prestação de imóvel	0,7	1,0	1,0	0,1	0,3	0,7
POF 2008-2009	Brasil	Sudeste	Sul	Norte	Nordeste	Centro-Oeste
Taxa de poupança familiar						
familiar	5,5	5,3	6,7	5,8	5,4	5,0
Aplicações financeiras	0,7	0,6	1,2	0,5	0,4	1,0
Imóvel (aquisição)	1,0	1,0	1,3	1,2	0,8	0,9
Imóvel (reforma)	1,9	1,7	2,0	2,3	2,0	1,5
Outros investimentos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Empréstimo e carnê	1,4	1,2	1,3	1,6	1,9	1,1
Prestação de imóvel	0,6	0,8	0,8	0,1	0,3	0,5

A geração de poupança doméstica, complementada pela absorção de poupança externa, é condição necessária à expansão dos investimentos, que, por sua vez, são necessários para que a capacidade produtiva seja ampliada. Nesse contexto, o objetivo deste boxe consiste em analisar a evolução da Taxa de Poupança Familiar (TPF) entre 2003 e 2009, em âmbito nacional e regional¹; para tanto considerando aspectos como faixa de renda familiar *per capita*, gênero, idade e nível de escolaridade do chefe de família.

Na análise que se segue, define-se poupança familiar² como a soma dos dispêndios realizados pelas famílias durante o período de coleta da Pesquisa de Orçamentos Familiares que impactaram os respectivos patrimônios. Por exemplo, aquisição e reforma de imóveis; compra de títulos de capitalização e títulos de clube; aquisição de vagas cativas de estacionamento; pagamento de débitos, juros e seguros de empréstimos pessoais; despesas com prestação de financiamento de imóvel; e aplicações, líquidas de resgates, em fundos de investimento, poupança, ações, ouro, moedas estrangeiras, etc. Por sua vez, a taxa de poupança familiar é a razão entre poupança familiar e renda disponível familiar³.

1/ Foram considerados microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE.

2/ O boxe trata da poupança não compulsória, não considerando contribuições a fundos de pensões, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) etc.

3/ A renda disponível familiar é a soma dos rendimentos monetários anualizados de todos os moradores da família, líquidos das deduções com previdência pública, imposto de renda e outras deduções aplicáveis, obtidos por meio do trabalho, transferências, aluguel de imóveis e outras rendas, tais como receitas com vendas de imóveis, automóveis, consórcios e outros produtos, juros de empréstimos, dividendos em dinheiro de ações, e recebimentos de heranças e prêmios de jogos. Objetivando reduzir inconsistências e distorções das médias, foram excluídas da amostra as famílias com renda disponível negativa ou zero ou cuja taxa de poupança era superior a 100% ou inferior a -100%.

Gráfico 1 – Percentual das famílias que poupam, no Brasil e nas regiões
%

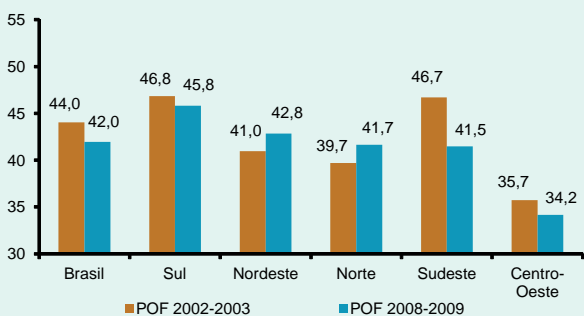


Gráfico 2 – Estimativa da taxa média de poupança das famílias por faixa de renda disponível familiar *per capita* – Brasil
%

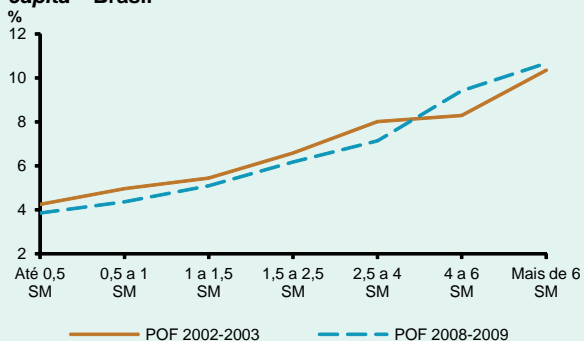


Gráfico 3 – Estimativa da taxa média de poupança das famílias por faixa de renda disponível familiar *per capita* – Regiões – POF 2008-2009
%

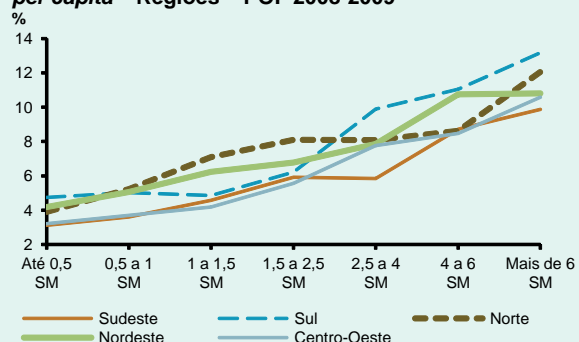
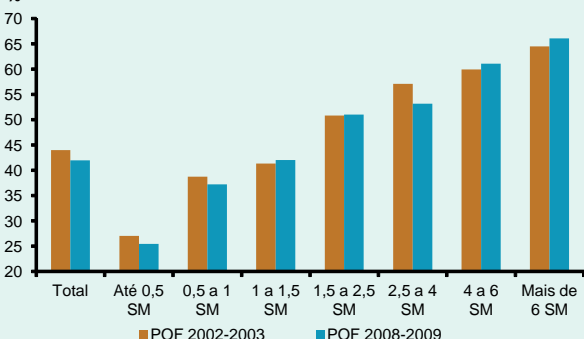


Gráfico 4 – Percentual das famílias que poupam por faixa de renda disponível familiar *per capita* – Brasil
%



A TPF do país foi estimada em 5,5% para 2009⁴, ante 6,1% em 2003 (Tabela 1), ressaltando-se que os dispêndios com aquisição, reforma e pagamentos de prestação de imóveis representaram, em conjunto, 61% da TPF no período; e aplicações financeiras (líquidas de resgates), 12%. Em âmbito regional, a TPF foi mais elevada no Sul, 6,7% e menor no Centro-Oeste, 5%. No Sudeste a TPF recuou 1,3 p.p. em comparação à estimativa para 2003.

Em âmbito nacional, o percentual de famílias que pouparam deslocou-se de 44% em 2003 para 42% em 2009 (Gráfico 1), com aumentos de 2 p.p. e 1,9 p.p. respectivamente no Norte e no Nordeste e recuo de 5,2 p.p. no Sudeste.

As evidências apontam, no país e regionalmente, correlação positiva entre TPF e renda disponível⁵ (Gráficos 2 e 3). No Brasil, as famílias com renda *per capita* mensal superior a seis salários mínimos pouparam, em média, 10,7% de sua renda em 2009, e apenas 3,9% no caso de famílias com renda *per capita* de até 0,5 salário mínimo. Vale ressaltar ainda que, nessas faixas de renda, ocorreram variações respectivas de 1,6 p.p. e -1,6 p.p. no percentual das famílias que pouparam entre 2003 e 2009 (Gráfico 4).

Ainda considerando a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008/2009, em termos regionais, para famílias com renda disponível *per capita* superior a seis salários mínimos e de até 0,5 salário mínimo, o Sul registrou as TPFs mais altas, 13,2% e 4,8%, respectivamente; e o Sudeste as mais baixas, 9,9% e 3,1%.

As evidências obtidas não indicam correlação entre escolaridade e TPF. Conforme a Tabela 2, o nível de escolaridade dos chefes de família não exerce, isoladamente, influência significativa sobre a TPF, tanto em nível nacional quanto regional.

4/ O conceito mais próximo nas Contas Econômicas Integradas (CEI) do IBGE seria a razão entre a poupança bruta menos ajustamentos pela variação da participação líquida das famílias nos fundos de pensões, no FGTS e no Programa de Integração Social (PIS)/Programa de Formação de Patrimônio do Servidor Público (Pasep) e a renda disponível bruta ajustada pelas transferências sociais em espécie, correspondente a 4,5% em 2009.

5/ Definida com base na renda disponível familiar *per capita* mensal, em salários mínimos da época.

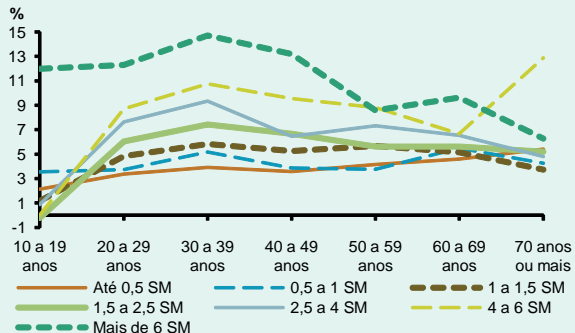
Tabela 2 – Taxa de poupança familiar por nível de escolaridade do chefe de família e por faixa de renda disponível familiar *per capita* – Brasil
POF 2008-2009

Anos de estudo	Em percentual							
	Faixa de renda							
	Total	Até 0,5 SM	0,5 a 1 SM	1 a 1,5 SM	1,5 a 2,5 SM	2,5 a 4 SM	4 a 6 SM	Mais de 6 SM
Menos de 1 ano	4,8	3,8	5,1	5,0	5,6	10,8	9,8	5,8
1 a 3 anos	4,9	3,9	4,3	4,9	6,2	9,6	10,7	10,2
4 a 7 anos	4,8	3,5	4,0	4,8	5,9	7,4	7,0	14,7
8 a 10 anos	5,2	3,9	4,5	5,1	6,5	5,2	9,5	9,4
11 anos ou mais	6,9	5,0	4,6	5,6	6,3	7,0	9,8	10,4

Tabela 3 – Taxa de poupança familiar por gênero do chefe de família, no Brasil e nas regiões

POF	Em percentual					
	Brasil	Sudeste	Sul	Norte	Nordeste	Centro-Oeste
POF 2002-2003						
Masculino	6,5	7,0	7,7	5,2	5,5	5,5
Feminino	5,1	5,2	5,5	4,7	4,9	5,1
POF 2008-2009						
Masculino	5,6	5,3	6,7	5,8	5,7	5,2
Feminino	5,3	5,2	6,6	5,7	4,9	4,6

Gráfico 5 – Taxa de poupança por idade do chefe de família e faixa de renda disponível familiar *per capita* – Brasil – POF 2008-2009



Na separação por gênero, as evidências apontam que as famílias com chefes do sexo masculino pouparam mais (Tabela 3), mas há tendência de convergência. Em âmbito nacional, a TPF dessas famílias atingiu 5,6% em 2009 (5,3% se chefiadas por mulheres), recuando 0,9 p.p. em relação a 2003 (aumento de 0,2 p.p. se chefiadas por mulheres). As diferenças mais relevantes entre as TPFs nos dois grupos ocorreram nas regiões Nordeste e Centro-Oeste.

A análise da TPF por idade dos chefes das famílias indicou, em ambas as POFs, tendência de crescimento da relação até a faixa etária de 30 a 39 anos na maioria dos segmentos de renda considerados. Esse padrão é compatível com fatos estilizados sobre a trajetória da poupança ao longo do ciclo de vida, e ocorreu em âmbito nacional (Gráfico 5) e regional (exceto no Norte).

Em síntese, a TPF recuou entre 2003 e 2009, não obstante a expansão da renda disponível familiar *per capita*⁶. Com base na POF de 2009, a TPF situou-se entre 5%, no Centro-Oeste, e 6,7%, no Sul; e o percentual de famílias que pouparam, entre 34,2% (no Centro-Oeste) e 45,8% (no Sul). As evidências apontam correlação positiva entre TPF e renda disponível familiar *per capita*, bem como tendência de convergência entre as TPFs de famílias chefiadas por homens e mulheres. Além disso, a TPF tende a ser maior para famílias cujos chefes encontram-se em faixas etárias intermediárias.

6/ A renda disponível familiar *per capita* média, estimada com base nas POFs mencionadas, registrou crescimento real de 19,1% no período. Foi considerada a variação do IPCA-15 entre 15 de janeiro de 2003 e 15 de janeiro de 2009, datas de referência das pesquisas de 2003 e 2009, respectivamente.

Economia Mineira: estrutura produtiva e desempenho recente

O objetivo deste box é apresentar a estrutura da economia mineira, situando-a no contexto nacional, e avaliar a sua evolução recente bem como as perspectivas para os próximos meses.

O Produto Interno Bruto (PIB) de Minas Gerais cresceu 2% no acumulado de quatro trimestres encerrados em setembro de 2012, ante média nacional de 0,9%, segundo estatísticas da Fundação João Pinheiro (FJP). O desempenho da economia mineira foi superior nos três setores de atividade. Destaque-se a agricultura, por não ter sido alcançada por eventos climáticos, como os verificados nas regiões Sul e Nordeste. A produção da indústria no estado foi impulsionada pela construção e pelos serviços industriais de utilidade pública. No setor de serviços, as atividades de transporte e de comércio se mostraram bastante dinâmicas. No entanto, considerando-se os últimos cinco anos e tendo como base o terceiro trimestre de 2007, o PIB mineiro cresceu 14,8%, ante 16,2% do PIB brasileiro, evidenciando, sobretudo, os efeitos mais acentuados da crise econômica de 2008/2009 sobre a economia estadual (Gráfico 1).

As trajetórias dos índices de atividade relativos às economias mineira e brasileira (Índice de Atividade Econômica Regional – IBCR-MG e Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil – IBC-Br) evidenciam que o processo de aceleração registrado em nível nacional (Gráfico 2) nos últimos meses de 2012 foi antecipado pela economia do estado. Segundo esses indicadores, a atividade econômica em Minas Gerais cresceu 3% no período de doze meses terminado em novembro de 2012, e a economia nacional registrou expansão de 1,7%.

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto (PIB)

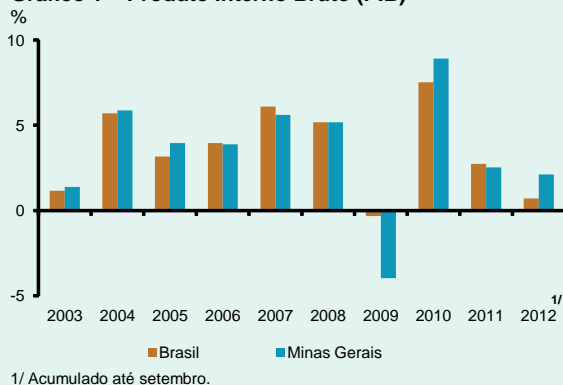


Gráfico 2 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central

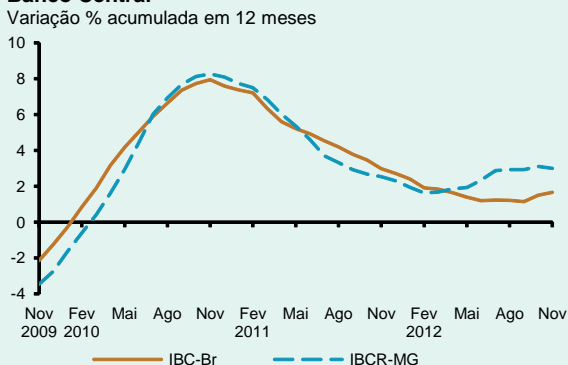


Gráfico 3 – Valor Agregado Bruto (VAB)

Distribuição % média entre 2007 e 2010

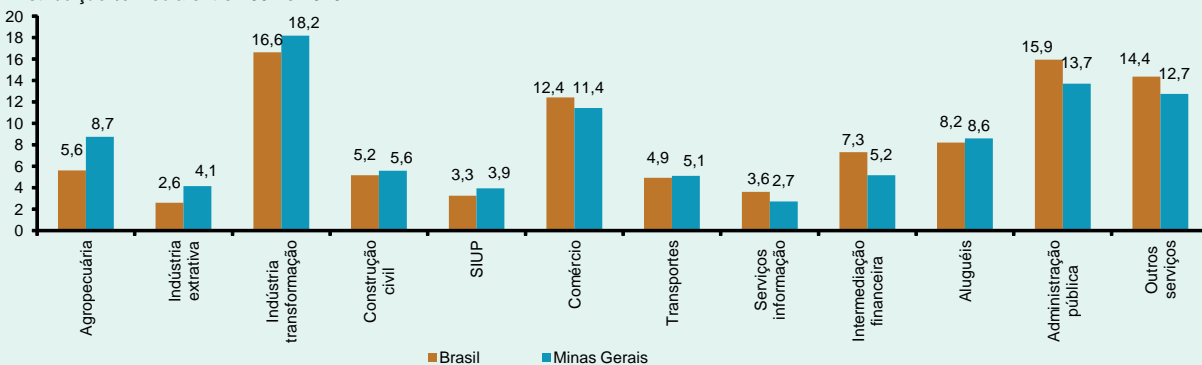


Tabela 1 – PIB de Minas Gerais por mesorregiões – 2010

Mesorregiões	PIB		Var. nominal 2010/2006
	R\$ milhões	Distr. %	
RMBH	158 207	45,0	73,0
Triâng. Mineiro/Alto Paranaíba	52 693	15,0	63,5
Sul/Sudoeste de Minas	41 375	11,8	55,2
Zona da Mata	25 629	7,3	50,7
Vale do Rio Doce	20 981	6,0	44,1
Norte de Minas	13 578	3,9	61,3
Oeste de Minas	13 187	3,8	53,6
Campo das Vertentes	6 794	1,9	55,0
Noroeste de Minas	6 001	1,7	82,9
Central Mineira	5 787	1,6	49,8
Jequitinhonha	4 136	1,2	67,4
Vale do Mucuri	3 012	0,9	61,5
MG	351 381	100,0	63,6

Fonte: IBGE

Estado de Minas Gerais

Mesorregiões do IBGE



A estrutura do Valor Agregado Bruto da economia mineira, *vis-à-vis* a nacional, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela, em nível estadual, maior concentração dos segmentos agropecuário, fabril e da indústria extrativa, e intermediação financeira, administração pública e outros serviços têm menor peso comparativamente ao agregado nacional (Gráfico 3).

Em Minas, a atividade econômica concentra-se na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), responsável por 45% do Produto estadual em 2010. Embora composta por 34 municípios, na Região Metropolitana a atividade se concentra em Belo Horizonte, com 43% de participação em Betim, com 23%, e em Contagem, com 15%. As regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba Sul e Sudoeste de Minas, Zona da Mata e Vale do Rio Doce, as quais produzem, em conjunto, mais de 40% do PIB do estado, também se destacam. O Vale do Mucuri; Jequitinhonha; Central Mineira e Noroeste de Minas são as regiões com menor participação no produto mineiro (Tabela 1). Cabe notar, ainda, que entre 2006 e 2010, as regiões do estado que apresentaram as maiores taxas de crescimento foram: Noroeste de Minas, RMBH e Jequitinhonha.

Tabela 2 – Principais produtos primários

Descrição	No valor da produção agrícola do estado	Na produção nacional do item	%
Agricultura	100,0		12,7
Café	40,0		61,2
Cana-de-açúcar	18,2		11,5
Milho	11,9		13,2
Soja	8,6		4,3
Feijão	4,0		19,3
Batata-inglesa	3,2		34,5
Banana	2,8		16,0
Tomate	1,8		13,8
Laranja	1,8		6,7
Mandioca	1,6		5,5

Fonte: PAM 2011, do IBGE

Tabela 3 – Produção agrícola – Minas Gerais

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas			
		Produção ^{2/}		Variação %	
		2011	2012	MG	Brasil
Grãos	26,4	10 698	12 000	12,2	1,2
Feijão	4,0	583	634	8,7	-19,3
Milho	11,9	6 535	7 625	16,7	27,0
Soja	8,6	2 941	3 073	4,5	-12,3
Outras lavouras					
Café	40,0	1 336	1 597	19,6	15,2
Cana-de-açúcar	18,2	67 725	70 521	4,1	-5,6
Batata inglesa	3,2	1 275	1 182	-7,3	-13,2
Banana	2,8	655	687	5,0	-3,6
Tomate	1,8	476	445	-6,6	-17,2
Laranja	1,8	824	864	4,9	-4,3
Mandioca	1,6	812	821	1,0	-4,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

No setor primário, de acordo com a Produção Agrícola Municipal (PAM), do IBGE, a lavoura de café é a principal cultura, responsável por 40% do valor da produção mineira em 2011 (Tabela 2). A cana-de-açúcar se posiciona em segundo lugar, com participação de 18,2% em termos de valor, seguida pelo milho, 11,9%; soja, 8,6%; feijão, 4% e batata-inglesa, 3,2%. Esses produtos foram responsáveis, em conjunto, por 86% do valor da produção agrícola do estado em 2011 e detiveram participação significativa nas safras do país, principalmente o café, 61,2% e a batata-inglesa, 34,5%. Relativamente à pecuária, destacou-se a produção de leite, correspondente a 28,4% do valor da produção do país, e a criação de corte de suínos, bovinos e frangos, com participação de 11,3%, 7,7%, e 7,3%, respectivamente, no total nacional, segundo os dados de abates fiscalizados pelo Sistema de Inspeção Federal (SIF) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), referente ao período de janeiro a novembro de 2012.

A safra mineira de café alcançou 1,6 milhão de toneladas em 2012, aumento de 19,6% em relação ao ano anterior, em parte reflexo do ciclo bial de alta produtividade do café arábica, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de dezembro do IBGE (Tabela 3). A produção de grãos – cereais, leguminosas e oleaginosas – cresceu 12,2% em 2012 e alcançou doze milhões de toneladas, 7,4% da produção nacional. Esse desempenho refletiu aumento de 16,7% na produção de milho, principal cultura de grãos do estado, o que em parte se deveu ao aumento dos preços do produto. A soja, segunda maior cultura de grãos em Minas, registrou expansão de 4,5% no período. Adicionalmente, a produção de cana-de-açúcar aumentou 4,1%, ante recuo de 5,6% na média nacional.

Para 2013, a estimativa para a safra de grãos no estado indica crescimento anual de 1,4% (9,9% no Brasil), de acordo com o terceiro prognóstico divulgado pelo IBGE. A projeção para a safra mineira inclui estimativas de aumentos de 9,5% e 9,7% nas colheitas de soja e feijão, respectivamente, e queda de 1,8% na safra de milho. O prognóstico para a produção de café aponta queda de 9%, reflexo do ciclo bial de produtividade.

O Valor Bruto da Produção (VBP)¹ agrícola no estado cresceu 6,6% em 2012, segundo dados divulgados pelo Mapa. Os aumentos mais significativos, por ordem de contribuição, ocorreram nas culturas de soja, 40,5%, feijão, 55%, cana-de-açúcar, 11,9%, e milho, 13,9%, mais do que compensando a queda de 10,7% registrada na produção de café, sensibilizada pela redução nas cotações internacionais do produto.

No setor secundário, a vocação mineradora do estado se reflete na elevada participação das atividades “extrativa de minerais metálicos”, cerca de um quarto da indústria mineira, correspondendo a mais de 40% dessa atividade em âmbito nacional, e “metalúrgica”, 14% da atividade industrial do estado e 31% da atividade metalúrgica nacional². Cabe mencionar que o crescimento da demanda externa por minério de ferro ao longo de 2010, com a consequente elevação dos preços do produto, contribuiu para que o Valor da Transformação Industrial (VTI) da atividade de extração de minerais metálicos expandisse 147% no ano, elevando a participação desse segmento de 13,8%, em 2009, para 23,7% do VTI agregado das indústrias mineiras.

Na indústria de transformação, além da metalurgia, destacam-se os segmentos de “alimentícios”, “veículos automotores”, e “coque, produtos derivados e petróleo e biocombustíveis”. Esses três segmentos recuperaram o valor do VTI pré-crise e representavam conjuntamente em 2010 cerca de 30% do VTI gerado no estado. As estatísticas da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do IBGE, indicam que a indústria mineira registrou crescimentos de 0,3% em 2011 e de 1,3% entre janeiro e novembro de 2012, e a produção nacional nesses períodos variou 0,4% e -2,7%, respectivamente.

O comércio varejista no estado evoluiu em linha com o observado em nível nacional entre 2009 e 2012 e cresceu à taxa média anual de 8,6%, ante 8,3% em âmbito nacional, conforme a Pesquisa Mensal do

Tabela 4 – Valor da Transformação Industrial (VTI)

Principais produtos conforme VTI – 2010

Seções e atividades	%	
	Distrib. da ind. em MG	Represent. na indústria nacional
Indústria extrativa	24,7	24,9
Extração de minerais metálicos	23,7	43,7
Indústria de transformação	75,3	10,2
Metalurgia	14,1	31,0
Produtos alimentícios	13,2	11,4
Veículos automotores	11,9	14,0
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	5,7	6,7
Produtos de metal, ex. máq. e equip.	3,9	11,8
Produtos de minerais não-metálicos	3,8	12,8
Produtos químicos	3,2	5,7
Máquinas e equipamentos	2,4	5,9
Bebidas	2,4	8,7
Outros	14,8	6,6

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual – Empresa

1/ O VBP foi estimado com base no LSPA de dezembro e dos preços médios recebidos pelos produtores em 2012 e 2011. Os dados referem-se às culturas de algodão, banana, batata-inglesa, café, cana-de-açúcar, feijão, milho e soja.

2/ Os dados de participação das atividades industriais referem-se ao Valor da Transformação Industrial (VTI) da Pesquisa Industrial Anual – Empresa, do IBGE, de 2010.

Tabela 5 – Evolução do comércio varejista – 2009-2012^{1/}

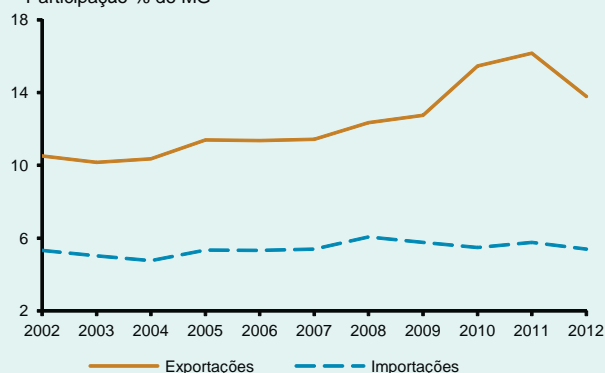
Setores	Variação % a.a.	
	MG	Brasil
Comércio varejista	8,6	8,3
Combustíveis e lubrificantes	4,9	4,1
Hiper, supermercados	5,8	7,7
Tecidos, vestuário e calçados	5,1	3,7
Móveis e eletrodomésticos	19,5	12,6
Comércio ampliado	9,4	8,7
Veículos e motos, partes e peças	11,3	9,8
Material de construção	8,3	6,4

Fonte: IBGE

1/ Em 2012, foi considerada a taxa anualizada de crescimento até novembro.

Gráfico 4 – Comércio exterior

Participação % de MG

**Tabela 6 – Quantidade de trabalhadores no regime CLT**

Novembro de 2012

Setores	Em milhões				
	MG	%	Brasil	%	Participação %
Total	4,19	100,0	39,27	100,0	10,7
Ind. de transformação	0,86	20,5	8,37	21,3	10,3
Comércio	0,93	22,2	8,77	22,3	10,6
Serviços	1,57	37,4	16,03	40,8	9,8
Construção civil	0,40	9,5	3,05	7,8	13,1
Agropecuária	0,28	6,7	1,62	4,1	17,4
Ind. extrativa mineral	0,06	1,3	0,22	0,6	25,9
Outros ^{1/}	0,10	2,3	1,21	3,1	8,1

Fonte: MTE/Caged

1/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outros.

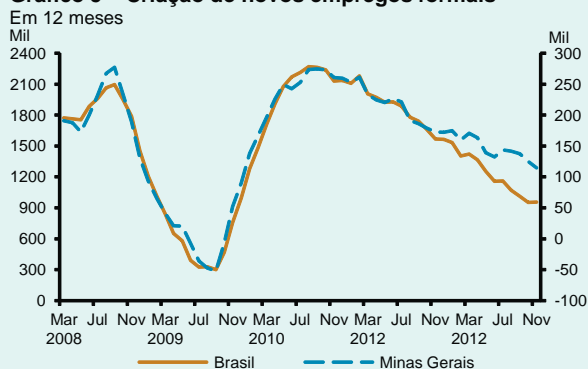
Comércio (PMC) do IBGE. No segmento de hiper e supermercados, a taxa de crescimento estadual foi inferior à do país, 5,8% e 7,7%, na ordem. No segmento de móveis e eletrodomésticos, o ritmo de expansão no estado, 19,5%, foi significativamente maior que o registrado em nível nacional, 12,6%. No comércio ampliado, a dinâmica estadual também superou a nacional (Tabela 5).

Em relação ao comércio exterior, as exportações mineiras nos últimos anos têm crescido acima da média nacional e, assim, aumentado a participação do estado nas vendas externas do país, de 10,5%, em 2002, para 13,4%, em 2012. Em 2010 e em 2011, os embarques de produtos mineiros foram impulsionados pela comercialização de minério e de café. Adicionalmente, ressaltou-se o crescimento, nos últimos quatro anos, da participação de medicamentos, soja e ouro não monetário na pauta exportadora do estado.

As importações mineiras cresceram em linha com a média nacional, nos últimos dez anos, mantendo estável a participação do estado nas compras do país. Entre os produtos adquiridos destacam-se veículos automotores, cuja representatividade na pauta elevou-se de 4%, entre 2002 e 2008, para 10,7% entre 2009 e 2012. Assinalem-se também a participação na pauta de importações de produtos químicos e farmacêuticos, produtos minerais e de maquinaria industrial.

O número de trabalhadores formais no estado atingiu 4,2 milhões em novembro de 2012, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE), 10,7% do registrado nacionalmente. Os setores de serviços, comércio e indústria de transformação responderam, respectivamente, por 37,4%, 22,2% e 20,5% do total de empregos formais no estado. Considerando a participação dos trabalhadores contratados no estado por setor de atividade, no total nacional, destacam-se os segmentos da indústria extrativa mineral, com 25,9%, da agropecuária, com 17,4%, e da construção civil, com 13,1% (Tabela 6).

Com a forte geração de postos de trabalho nos últimos anos, a taxa de desemprego do estado recuou, seguindo a tendência nacional, e atingiu

Gráfico 5 – Criação de novos empregos formais**Gráfico 6 – Crédito a PJ por atividade****Tabela 7 – Investimentos protocolados no Indi, 2012**

Cadeia produtiva	R\$ milhões	
	Valor	%
Total	17 517	100,0
Mineração	8 226	47,0
Alimentos, Bebidas, Fumo e Agronegócio	3 810	21,7
Eletroeletrônica	1 026	5,9
Mecânica e Bens de Capital	834	4,8
Energia (Biodiesel, etanol e outros)	707	4,0
Comércio – Centro de Distribuição	658	3,8
Biotecnologia e Fármacos (Cosmético)	647	3,7
Metalurgia	413	2,4
Material de Construção e Minerais não Metálicos	377	2,2
Outros	819	4,7

Fonte: Indi

3,9% em novembro de 2012, contra 4,9% observados para a média das regiões metropolitanas abrangidas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE. Cabe observar que a redução no ritmo de geração de empregos observada no país a partir do segundo semestre de 2011 tem sido menos significativa em Minas Gerais, refletindo a retomada da atividade econômica no estado, especialmente nos segmentos de construção e da indústria de transformação.

O estoque de crédito em Minas Gerais, considerando empréstimos acima de R\$1mil, representava 9,3% do crédito nacional em novembro de 2012, mantendo participação estável desde o segundo semestre de 2010. A expansão do crédito no estado, em linha com a média nacional, foi mais acentuada no segmento de crédito às famílias, cuja representatividade passou de 9,5%, em junho de 2010, para 9,8% em novembro de 2012. O crédito às empresas cresceu abaixo da média nacional, de forma que a sua participação recuou de 9,1% para 8,9% no período considerado. A evolução do crédito a pessoas jurídicas, considerando a atividade econômica dos devedores, refletiu, principalmente, a retração no endividamento das empresas de siderurgia, responsáveis por 10% dos empréstimos corporativos (Gráfico 6) e a estabilidade no volume de dívidas de empresas de mineração.

A inadimplência em Minas Gerais atingiu 3,2% em novembro de 2012, com crescimento de 0,3 p.p. nos últimos doze meses, situando-se em patamar ligeiramente inferior à média nacional, 3,4%. No segmento de pessoas jurídicas, a inadimplência alcançou 2,2% (mesmo patamar nacional), com acréscimo de 0,3 p.p. no período, e no segmento de pessoas físicas, situou-se em 4,2%, mantendo-se estável em relação à taxa de novembro de 2011, e em nível inferior ao registrado no Brasil, 4,7%.

No que se refere a investimentos, foram registrados, em 2012, 165 projetos no Instituto de Desenvolvimento Industrial (Indi), órgão do governo mineiro responsável pelo incentivo e apoio a investimentos no estado. Trata-se de projetos privados, que totalizaram R\$17,5 bilhões, concentrados nos setores de mineração, de alimentos, de bebidas, de fumo e agronegócio, responsáveis por 68,7% do total (Tabela 7).

Na esfera do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), antecipam-se investimentos em Minas nas áreas de transportes, energia, melhorias urbanas, habitação e investimentos relacionados à atividade de mineração, entre outros. Tais investimentos contemplam recursos na ordem de R\$40 bilhões para o período de 2011 a 2014 e abrangem, destacadamente, projetos de ampliação do Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins, e duplicação de rodovias federais.

As perspectivas para a economia de Minas Gerais contemplam expansão da atividade mineradora, como reflexo da recuperação dos preços do minério de ferro no quarto trimestre de 2012, com repercussões na indústria e nas exportações do estado. Nesse contexto, deve ter continuidade a expansão do emprego e da renda bem como das operações de crédito.

Apêndice

Banco Central do Brasil

Gerências Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Banco Central do Brasil

Presidente

Alexandre Antonio Tombini

Diretor de Política Econômica

Carlos Hamilton Vasconcelos Araújo

Chefe do Departamento Econômico

Tulio José Lenti Maciel

Gerências Regionais do Departamento Econômico

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belém

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Curitiba

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Fortaleza

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Porto Alegre

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Recife

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos no Rio de Janeiro

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Salvador

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belém
Chefe de Equipe: Edilson Rodrigues de Sousa

Boulevard Castilhos França, 708 – Centro
Caixa Postal 651
66010-020 – Belém – PA
E-mail: pa.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Belo Horizonte
Chefe de Equipe: Rodrigo Lage de Araújo

Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho
Caixa Postal 887
30170-001 – Belo Horizonte – MG
E-mail: mg.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Curitiba
Chefe de Equipe: Vanderléia Centenaro

Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico
Caixa Postal 1.408
80530-914 – Curitiba – PR
E-mail: pr.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Fortaleza
Chefe de Equipe: Afonso Eduardo de Oliveira Jucá

Av. Heráclito Graça, 273 – Centro
Caixa Postal 891
60140-061 – Fortaleza – CE
E-mail: ce.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Porto Alegre
Chefe de Equipe: Vera Maria Schneider

Rua Sete de Setembro, 586 – Centro
Caixa Postal 919
90010-190 – Porto Alegre – RS
E-mail: rs.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Recife
Chefe de Equipe: Fernando de Aquino Fonseca Neto

Rua da Aurora, 1.259 – Santo Amaro
Caixa Postal 1.445
50040-090 – Recife – PE
E-mail: pe.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos no Rio de Janeiro
Chefe de Equipe: Lilian Carla dos Reis Arquete

Av. Presidente Vargas, 730 – Centro
Caixa Postal 495
20071-900 – Rio de Janeiro – RJ
E-mail: rj.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em Salvador
Chefe de Equipe: Itamar Marins da Silva

Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina
Caixa Postal 44
40210-901 – Salvador – BA
E-mail: ba.depec@bcb.gov.br

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo
Chefe: Mauricio Barreto Campos

Av. Paulista, 1.804 – Bela Vista
Caixa Postal 8.984
01310-922 – São Paulo – SP
E-mail: gtspa.depec@bcb.gov.br

Siglas

a.a.	ao ano
ACSP	Associação Comercial de São Paulo
AES Sul	AES Sul Distribuidora de Energia S.A.
AGE	Assessoria de Gestão Estratégica
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNDESp	BNDES Participações S.A.
Caged	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CEEE	Companhia Estadual de Energia Elétrica
CEI	Contas Econômicas Integradas
Cepa	Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola
CNC	Confederação Nacional do Comércio
CNI	Confederação Nacional da Indústria
Conab	Companhia Nacional de Abastecimento
Condepe/Fidem	Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco
Depec	Departamento Econômico
Deral	Departamento de Economia Rural do Estado do Paraná
Emater/RS	Associação Riograndense de Empreendimentos e de Assistência Técnica e Extensão Rural
EUA	Estados Unidos da América
Fecomércio Minas	Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais
Fecomercio SP	Federação do Comércio do Estado de São Paulo
Fecomércio-RJ	Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro
Fecomércio-RS	Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul
Fenabrave	Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
Fieam	Federação das Indústrias do Estado do Amazonas
Fiec	Federação das Indústrias do Estado do Ceará
Fieg	Federação das Indústrias do Estado de Goiás
Fiemg	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
Fiep	Federação das Indústrias do Estado do Paraná
Fiergs	Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul
Fiesc	Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
Fiesp	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
Finame	Agência Especial de Financiamento Industrial
Firjan	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FJP	Fundação João Pinheiro
GNL	gás natural liquefeito
IBC-Br	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil
IBCR	Índice de Atividade Econômica Regional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICC	Índice de Confiança do Consumidor
ICCBH	Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte
Iceb	Indicador de Confiança do Empresariado Baiano
Icec	Índice de Confiança do Empresário do Comércio
Icei	Índice de Confiança do Empresário Industrial
ICF	Intenção de Consumo das Famílias
IDI	Índice de Desempenho Industrial
Iepe	Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas
IGP-DI	Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna
INC	Índice Nacional de Confiança
Indi	Instituto de Desenvolvimento Industrial
Inec	Índice Nacional de Expectativa do Consumidor
Ipardes	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
Ipead	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais
Ipece	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LSPA	Levantamento Sistemático da Produção Agrícola
Mapa	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
Mercosul	Mercado Comum do Sul
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
Nuci	Nível de Utilização da Capacidade Instalada
p-p.	pontos percentuais
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAM	Produção Agrícola Municipal
Pasep	Programa de Formação de Patrimônio do Servidor Público
PEA	População Economicamente Ativa
Peic	Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor
PIA	Pesquisa Industrial Anual
PIB	Produto Interno Bruto
PIM	Pesquisa Industrial Mensal
Pimes	Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário
PIM-PF	Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física
PIS	Programa de Integração Social
PMC	Pesquisa Mensal do Comércio
PME	Pesquisa Mensal de Emprego
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
PVC	cloreto de polivinila
RGE	Rio Grande Energia
RMB	Região Metropolitana de Belém
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
RMR	Região Metropolitana do Recife
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
RMS	Região Metropolitana de Salvador
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SCR	Sistema de Informações de Crédito
Seab	Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná

SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
SIF	Serviço de Inspeção Federal
Sincodiv PR	Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná
Sinduscon-RS	Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul
SNIC	Sindicato Nacional da Indústria do Cimento
SRC	Sistema de Informações de Crédito
TPF	Taxa de Poupança Familiar
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
VBP	Valor Bruto da Produção
VTI	Valor da Transformação Industrial